



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Estudo da dinâmica e da solidariedade intergeracional em famílias moçambicanas com pelo menos três gerações vivas.

Rui Manuel Adriano dos Santos Mbatsana

Maputo, Junho de 2016



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Estudo da dinâmica e da solidariedade intergeracional em famílias moçambicanas com pelo menos três gerações vivas.

Rui Manuel Adriano dos Santos Mbatsana

Supervisora: Prof^a Dr^a Bernardete Tesoura

Co- supervisora: dr^a Lénia Mapelane

Maputo, Junho de 2016

DECLARAÇÃO DA ORIGINALIDADE DO PROJECTO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau ou num outro âmbito e que ele constitui o resultado do meu labor individual. Esta dissertação é apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Terapia Familiar e Comunitária, da Universidade Eduardo Mondlane.

Assinatura

(Rui Manuel Adriano dos Santos Mbatsana)

Maputo, Junho de 2016

DEDICATÓRIA

Com muito carinho, dedico este trabalho aos meus pais Adriano dos Santos Mbatsana e Eugénia João Patrício Chongo, fontes da minha inspiração sobre o tema desta dissertação. Com a graça de Deus, continuam partilhando a alegria e felicidade com as quatro gerações da família por eles criada.

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos começam pelo reconhecimento e louvor à iniciativa que impeliu-me a aderir nesta “aventura” e à minha força de vontade que manteve o dinamismo na aprendizagem e na elaboração deste trabalho, facto que me proporciona muita alegria.

Entretanto é de reconhecer o valor inestimável de muitas pessoas que colaboraram incansavelmente na produção desta dissertação. É de destacar a minha companheira Maria de Lurdes Gilberto Guambe por ter aderido em primeira mão a este projecto, pelo amor e cumplicidade demonstrados ao longo do percurso formativo, que em momentos de desânimo, sempre esteve ao meu lado estimulando-me a continuar.

Aos meus filhos Lindalva e Tenório, que foram sempre a minha grande motivação para abraçar desafios como este, com esperança de que resulte na melhoria futura das condições de vida da família.

Esta determinação em prosseguir neste trabalho foi possível graças aos conhecimentos, que de forma abnegada, foram proporcionados pelos professores que leccionaram neste curso, pelo que a todos eles vai o meu sincero muito obrigado. É de destacar a Dra. Bernardete Tesoura, minha supervisora e a dra. Lénia Mapelane, minha co-supervisora, pelo empenho e dedicação emprestados a este trabalho, o que resultou na qualidade que aqui se apresenta.

Especial agradecimento vai para a dra. Ana Ibanêz que para além do conhecimento teórico que dela também recebi, foi com ela que aprendi o abecedário prático no seguimento de casos terapêuticos durante o estágio curricular.

À CÁ-PAZ, na pessoa da dra. Marcelina Chai-Chai, apresento os meus agradecimentos por ter tornado possível esta pesquisa, através da sua rede de assistência social às comunidades.

Estendo também a minha expressão de gratidão às famílias que, de livre vontade, participaram nesta investigação, partilhando comigo as suas confidências, em prol do sucesso desta pesquisa.

Finalmente, os meus agradecimentos vão para as “Boas vizinhas” da CÁ-PAZ, em especial para as Senhoras Anastácia JeJé e Marta Quive, pela colaboração voluntária no estabelecimento de contactos com as famílias participantes desta pesquisa.

Índice

DECLARAÇÃO DA ORIGINALIDADE DO PROJECTO	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
LISTA DE ABREVIATURAS	viii
LISTA DE TABELAS	ix
LISTA DE GRÁFICOS	x
LISTA DE QUADROS	xi
GLOSSÁRIO DE TERMOS	xiv
RESUMO	xvi
ABSTRACT	xvii
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO	18
1.1. Contexto da pesquisa	19
1.2. Justificativa da escolha do tema	21
1.3. Definição do problema	21
1.4. Objectivos da pesquisa	22
1.4.1. Geral	22
1.4.2. Específicos	22
1.5. Perguntas de pesquisa	23
1.6. Contribuições do estudo	23
1.7. Síntese do capítulo	24
CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA	25
2.1. Conceitualização	25
2.1.1. Família	25
2.1.2. Sistema e subsistema familiar	26
2.1.3. Intergeracionalidade	27
2.1.4. Geração	28
2.1.5. Multigeracionalidade	29
2.1.6. Dinâmica relacional	29
2.1.7. Interação familiar	30
2.1.8. Solidariedade intergeracional e suas dimensões	30

2.2. Funções na família multigeracional	33
2.3. Teorias básicas da pesquisa.....	35
2.3.1. A teoria de diferenciação e sua influência na dinâmica relacional	36
2.3.2. Teoria das relações e o conceito sobre o sistema relacional	39
2.3.3. Teoria do ciclo de vida familiar	47
2.4. Síntese do capítulo	49
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	50
3.1. Tipo de pesquisa	50
3.2. Apresentação da população de pesquisa	52
3.3. Apresentação da amostra	53
3.4. Coesão, hierarquia e estrutura relacional	54
3.5. Fiabilidade e validade dos instrumentos	55
3.6. Instrumentos de pesquisa	57
3.7. Considerações éticas	59
3.8. Local de pesquisa.....	60
3.9. Procedimentos metodológicos	61
3.10. Limitações da pesquisa	64
3.11. Síntese do capítulo	65
CAPÍTULO 4. APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	67
4.1. Introdução	67
4.2. Apresentação dos resultados	67
4.2.1. Caso da Família Huma.....	67
Gráfico 1-Genograma da Família Huma.....	68
4.2.2. Caso da Família Úque	79
Gráfico 2 - Genograma da Família Úque.....	80
4.2.3. Caso da Família HW	91
Gráfico 3 -Genograma da Família Hw.....	92
4.2.4. Caso da Família MONE.....	103
Gráfico 4 –Genograma da Família MONE.....	105
4.2.5. Caso da Família CSS.....	117
Gráfico 5-Genograma da Família CSS	117

4.3. Discussão de resultados	129
4.3.1. Práticas ritualistas dos sistemas familiares	129
4.3.2. Estrutura familiar e dinâmicas relacionais nos sistemas familiares multigeracionais.....	131
4.3.3. Descrição das famílias estudadas	133
4.3.4. Resultados do FAST	134
4.4. Síntese do capítulo 4.....	135
CAPÍTULO 5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	137
5.1. Introdução	137
5.2. Conclusões	138
5.3. Recomendações.....	141
5.3.1. À família e à comunidade em geral recomenda-se:	142
5.3.2. À comunidade académica sugere-se o seguinte:	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	144
ANEXO A: Entrevista Semi - estruturada	149
ANEXO B: Teste FAST	151
ANEXO C: Folha de Informação ao Participante.....	153
ANEXO D: Declaração do Consentimento da Participação	156
ANEXO E: Parecer do Comité Institucional da Bioética em Saúde.....	157

LISTA DE ABREVIATURAS

CA-PAZ - Associação Moçambicana de Assistência Psicossocial e Empoderamento às Vítimas de Violência Doméstica;

AMETRAMO – Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique;

FAST –Family System Test

CIBS FM & HCM – Comité Institucional de Bioética em Saúde da Faculdade de Medicina & Hospital Central de Maputo;

PAFS - Personal Authority in the Familiy System;

G1 – Primeira geração;

G2 – Segunda geração;

G3 – Terceira geração.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados do Caso família Huma na situação típica

Tabela 2: Resultados do Caso família Huma na situação ideal

Tabela 3: Resultados do Caso família Huma na situação conflituosa

Tabela 4: Resultados do Caso família Úque na situação típica

Tabela 5: Resultados do Caso família Úque na situação ideal

Tabela 6: Resultados do Caso família Úque na situação conflituosa

Tabela 7: Resultados do Caso família Hw na situação típica

Tabela 8: Resultados do Caso família Hw na situação ideal

Tabela 9: Resultados do Caso família Hw na situação conflituosa

Tabela 10: Resultados do Caso família Mone na situação típica

Tabela 11: Resultados do Caso família Mone na situação ideal

Tabela 12: Resultados do Caso família Mone na situação conflituosa

Tabela 13: Resultados do Caso família Css na situação típica

Tabela 14: Resultados do Caso família Css na situação ideal

Tabela 15: Resultados do Caso família Css na situação conflituosa

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Genograma da família Huma;

Gráfico 2: Genograma da família Úque;

Gráfico 3: Genograma da família Hw;

Gráfico 4: Genograma da família Mone;

Gráfico 5: Genograma da família Css

Gráfico 6: Modelo de classificação das variáveis Hierarquia e Coesão (adaptado de Gehring & Mart, 1993)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Representação típica por Hm

Quadro 2: Representação típica por Lnd

Quadro 3: Representação típica por Yne

Quadro 4: Representação ideal por Hm

Quadro 5: Representação ideal por Lnd

Quadro 6: Representação ideal por Yne

Quadro 7: Representação conflituosa por Hm

Quadro 8: Representação conflituosa por Lnd

Quadro 9: Representação conflituosa por Yne

Quadro 10: Representação típica por Ec

Quadro 11: Representação típica por Aha

Quadro 12: Representação típica por Mrt

Quadro 13: Representação ideal por Ec

Quadro 14: Representação ideal por Aha

Quadro 15: Representação ideal por Mrt

Quadro 16: Representação conflituosa por Ec

Quadro 17: Representação conflituosa por Aha

Quadro 18: Representação conflituosa por Mrt

Quadro 19: Representação típica por Fh

Quadro 20: Representação típica por Hws

Quadro 21: Representação típica por Zmi

Quadro 22: Representação ideal por Fh

Quadro 23: Representação ideal por Hws

Quadro 24: Representação ideal por Zmi

Quadro 25: Representação conflituosa por Fh

Quadro 26: Representação conflituosa por Hws

Quadro 27: Representação conflituosa por Zmi

Quadro 28: Representação típica por Jnh

Quadro 29: Representação típica por Amé

Quadro 30: Representação típica por Hel

Quadro 31: Representação ideal por Jnh

Quadro 32: Representação ideal por Amé

Quadro 33: Representação ideal por Hel

Quadro 34: Representação conflituosa por Jnh

Quadro 35: Representação conflituosa por Amé

Quadro 36: Representação conflituosa por Hel

Quadro 37: Representação típica por As

Quadro 38: Representação típica por Suz

Quadro 39: Representação típica por Prc

Quadro 40: Representação ideal por As

Quadro 41: Representação ideal por Suz

Quadro 42: Representação ideal por Prc

Quadro 43: Representação conflituosa por As

Quadro 44: Representação conflituosa por Suz

Quadro 45: Representação conflituosa por Prc

GLOSSÁRIO DE TERMOS

Esta pesquisa por ter sido realizada em Moçambique em particular na região sul, contém termos específicos utilizados na abordagem de vários aspectos que fazem parte deste trabalho. Assim, foi elaborado o presente glossário para auxiliar a compreensão do texto, conforme se pode ler o significado de cada termo a seguir:

Kuphalha - termo tsonga da língua shangana que identifica o acto de evocação dos antepassados da família. Segundo Honwana (2002, p. 258) *kuphalha* “é uma forma permanente de comunicação, de apresentar respeito aos antepassados. A realização de *kuphalha* dá aos indivíduos e grupos a sensação de segurança e estabilidade que necessitam para levar por diante as suas vidas”.

Mabhizueni – Termo que significa Chará na língua shangana e ronga.

Sistema de chará - trata-se de uma prática dos habitantes da região sul de Moçambique de atribuir nomes de antepassados da família às crianças que nascem, como forma de homenageá-los e perpetuar a sua existência e continuidade como membro da família, conforme a mitologia africana de que a família integra a relação entre os vivos e os mortos. Considera-se sistema pelo facto de ser um acto contínuo que passa de uma geração a outra, e neste caso da geração dos antepassados da família às gerações que estão nascendo.

Tinholo- é um instrumento de diagnóstico, utilizado pelos médicos tradicionais, vulgo, curandeiros, constituído por um conjunto de ossos de algumas partes de animais domésticos, bravios e aquáticos, moedas e outros objectos. Cada um destes elementos tem o seu significado, e são manipulados no processo de adivinhação e, interpretados pelo curandeiro para determinação do diagnóstico.

Mhamba (Missa) – “É um ritual e, como tal, um conjunto de crenças e práticas que congregam os membros de uma comunidade para apresentarem os seus respetos aos espíritos ancestrais” (Honwana, 2002, p. 256),

Mhamba ya vafi - Missa dos defuntos;

Mhamba ya vangoma - Missa de chamamento dos espíritos da família para possessão de algum membro da família, passando este a ser o hospedeiro do agente espiritual da família.

Lovolo - Acto de estabelecimento da relação marital entre um homem e uma mulher, praticado na região sul de Moçambique. Este consiste no pagamento do dote à família da mulher, facto que a torna membro legítimo no sistema familiar do marido.

Kossazana - Uma antepassada tia da família, sendo a irmã do avô paterno do patriarca da família.

Nhamussoro - Indivíduo possuído pelos espíritos, devidamente treinado que exerce a função de médico tradicional, com poderes espirituais que lhe permitem encarnar um antepassado da família de modo que possa comunicar-se com pessoas vivas.

Kufemba - É o acto de encarnação do espírito, em que este contacta com a sua família falando sobre diferentes aspectos que lhes preocupam, inclusive dando orientações sobre aquilo que a família posteriormente deverá fazer.

Nyanga - termo que na língua Shangana e Ronga designa a pessoa que exerce funções de médico tradicional.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objectivo conhecer a dinâmica do funcionamento das famílias moçambicanas com três gerações vivas à luz dos seus rituais, das suas funções e de outros factores que afectam a sua interacção solidária intergeracional, para melhor ajudar os sistemas familiares a encontrar o seu equilíbrio funcional. Foi aplicada a metodologia de pesquisa qualitativa, utilizando o procedimento de estudo de caso, no qual foi observada a variante multicaso, pelo facto de serem cinco famílias seleccionadas para o efeito na CÁ-PAZ. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram a entrevista semi-estruturada, o genograma e o FAST. Utilizou-se um suporte multitéórico, com abrangência de três teorias básicas, nomeadamente, teoria de diferenciação; teoria das relações interpessoais e a teoria do ciclo de vida. A presente pesquisa permitiu saber que as famílias moçambicanas possuem uma estrutura familiar organizada segundo o modelo sistémico, onde estão definidas as hierarquias e as fronteiras do sistema familiar. Foram identificadas as práticas ritualistas familiares que contribuem no estabelecimento das dinâmicas e interacções relacionais, bem como desempenham um papel importante na promoção e desenvolvimento do clima intergeracional entre os membros do sistema familiar. Constatou-se também que na maioria das famílias predomina a estrutura relacional equilibrada. Para além das práticas ritualistas muitas famílias utilizam a igreja como refúgio para o tratamento de problemas de natureza tradicional.

PALAVRAS-CHAVE: Dinâmica relacional; Família multigeracional; Interacção familiar; *Kuphalha*; *Mabhizueni*; *Mhamba*; Sistema de chará; Sistema familiar; Solidariedade intergeracional; Subsistema familiar.

ABSTRACT

The study in which this dissertation is based had the objective to learn the rituals, the functions and factors which affect the solidarity among generations to better help the familiar systems to find their functional balance. The method applied was a qualitative research methodology, using the process of case study, in which was observed a multi-case variant due to the fact that have been selected five families to study. The research tools used were the semi-structured interviews, the genogram, and the FAST. Due to the nature of this research, a multi-theory support including four basic theories, namely the systemic and familiar structural theory, differentiation theory, the relationships theory and the life cycle theory. This research concluded that the Mozambican families have an organized structure, according to the systemic model, where the hierarchies and familiar system limits are defined. There were identified familiar rituals practices which contribute to the dynamics and relationships interactions establishment. Another outcome of the research was to learn that in the majority of the families a structured balanced relationship structure is predominant. Also it was verified that many families use the church as a refuge for the treatment of traditional related problems.

KEY WORDS: Familiar interaction; Multigenerational family; Multigenerational solidarity; Relational dynamic;

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Estudos sobre a multigeracionalidade constituem vectores importantes no estabelecimento de relações entre pessoas de diferentes gerações, que regem a interacção, a dinâmica e a solidariedade entre membros de um determinado sistema familiar. Por família multigeracional alguns teóricos, tais como Vicente e Sousa (2007), referem-se às famílias onde existem representantes vivos de pelo menos quatro gerações, abarcando uma multiplicidade de famílias nucleares. No contexto africano e em Moçambique particularmente, a família tem sido lata e não estreita.

A literatura sobre famílias multigeracionais aborda com frequência a solidariedade intergeracional e o seu contexto social. No que concerne à solidariedade intergeracional constitui tema de investigação mais comum no âmbito das famílias multigeracionais e, é vista como uma das tendências de pesquisa mais produtiva e profícua no campo das relações intergeracionais.

Quanto ao contexto social das famílias multigeracionais, nas pesquisas aborda-se com frequência o impacto da mobilidade geográfica dos indivíduos em idade activa, facto que afecta a dinâmica familiar multigeracional. A entrada da mulher no mercado de trabalho é vista como um factor determinante na alteração do papel desta na família deixando de ser a guardiã das parentelas familiares.

As referências ao nível da literatura sobre as relações multigeracionais mostram, de certo modo, a relevância deste campo de investigação para os investigadores e a sociedade em geral. Na perspectiva teórica Vicente e Sousa (2010), estudiosos da matéria sobre a multigeracionalidade, afirmam que este tema constitui um grande desafio à humanidade, e em especial à comunidade científica, tendo em consideração que as famílias multigeracionais, com elementos vivos em 3 ou 4 gerações, tornam-se actualmente mais comuns, devido a um conjunto de alterações sociais, familiares e demográficas, principalmente a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da longevidade. Eles alertam também, sobre as implicações da multigeracionalidade na família e nos seus membros, como por exemplo, o facto de que a maior longevidade pode aumentar a duração de determinados papéis, tais como de cônjuges, pai/mãe, avô/avó, irmãos etc.

O fenómeno da multigeracionalidade requer a adaptação dos sistemas familiares a novas formas de ser e estar social dos membros da família, daí que reiteramos a importância do presente estudo. Do ponto de vista teórico, é um facto que, enquanto o desenvolvimento científico continuar a crescer, e com maior relevância nas ciências de saúde e na melhoria das condições de vida, a média da longevidade dos seres humanos vai melhorando progressivamente impulsionando as famílias a conviver com o entrecruzamento de gerações no seio dos seus sistemas.

Segundo os factos acima narrados uma realidade inegável, surge a preocupação de como gerir os sistemas familiares hoje e no futuro mais próximo de modo que eles sejam integrativos. Este projecto de pesquisa, pretende dar a sua contribuição à sociedade moçambicana, explorando a dinâmica relacional nas famílias moçambicanas em três gerações, na perspectiva de incentivar e promover a solidariedade entre as gerações que vivem e convivem mutuamente.

O tema em estudo articula-se em cinco capítulos: o primeiro contextualiza a pesquisa, justifica a escolha do tema, define o problema, apresenta os objectivos e perguntas de pesquisa. O segundo é de revisão da literatura, evidenciando três teorias interpretativas do fenómeno multigeracional dos sistemas familiares. O terceiro capítulo apresenta a metodologia seguida neste estudo que é de tipo qualitativo, exploratório, descritivo e analítico. O quarto procede à discussão dos casos e análise dos resultados e, o quinto e último capítulo apresenta as conclusões e recomendações da pesquisa.

1.1.Contexto da pesquisa

A presente pesquisa tem como finalidade estudar a dinâmica e solidariedade intergeracional em famílias moçambicanas com pelo menos três gerações vivas, conhecer o seu funcionamento e o tipo de interacção através de rituais, as funções e outros factores externos que afectam a solidariedade intergeracional, propôr intervenções adequadas para melhoria das relações e funcionamento das famílias multigeracionais moçambicanas. Neste sentido, impõe-se uma breve chamada de atenção sobre o contexto em que se realiza a nossa pesquisa, para clarificar e contribuir a uma melhor leitura e compreensão da realidade da estrutura e funcionamento das famílias moçambicanas com, pelo menos, três gerações vivas.

Moçambique é um país que se localiza na costa oriental de África, confinado ao norte com a Tanzânia, ao sul com a África do Sul e a Suazilândia, a oeste com o Malawi, a Zâmbia e o Zimbabwe e a este é banhado pelo Oceano Índico. Tem uma extensão de cerca de 785.000 Km, e a largura varia de 50 a 500 Km. A sua superfície é de 799.380 Km², com uma densidade populacional de 22 habitantes/Km². A taxa de crescimento populacional é de 1.8%, com esperança média de vida de 49 anos. Segundo os dados estatísticos resultantes do censo de 2007, a população de Moçambique estimava-se em 20.226.296 (INE, 2016).

E porque a alma de um povo é a sua cultura, parece-nos útil ter uma visão de cultura no contexto moçambicano para uma maior percepção das gerações que se pretende estudar. A cultura é vista como um conjunto estruturado de expressões específicas da personalidade humana numa determinada sociedade.

Na África negra, as sociedades que a constituem são caracterizadas por uma cultura determinada de “Bantu” baseada nos seus elementos essenciais tais como concepções filosóficas e antropológicas, ideais, atributos, hábitos, costumes, crenças, rituais e significados, valores e símbolos, ética e organização social, que dão vida durante milénios, uma estrutura e forma de vida à sociedade de África negra, transmitida de geração em geração.

Nesta perspectiva, a família é o núcleo central, a base que determina a estrutura sócio-cultural, política, económica na África negra. É o espaço de valores vitais, o eixo da sua transmissão. Sem dúvida que a sua atitude é a de instituição que faz viver, sobreviver, sustentar, tutelar e assume incondicionalmente cada membro que pertence ao sistema. Eis porque na cultura bantu é inconcebível uma pessoa sem família, sem comunidade. Segundo Altuna (1974, p. 18) “ a vida social bantu fundamenta-se na noção do valor da paternidade e da maternidade. O matrimónio é uma obrigação social, prova de responsabilidade ante a sociedade e de equilíbrio moral, e o celibatarismo voluntário uma deformação degradante, lesiva do corpo social e, por isso, reprovável”. É neste contexto que se coloca a pesquisa como uma tentativa de contribuir no mundo científico trazendo este estudo mais contextualizado.

1.2. Justificativa da escolha do tema

A dificuldade de convivência multigeracional em Moçambique é um facto posto em evidência pela comunicação social quando se refere a casos de maus tratos a pessoas idosas, inclusive a morte por parentes próximos, o que indica a falta de interacção relacional solidária entre as diferentes gerações do sistema familiar. O jornal Notícias de 01/04/2014, no seu artigo intitulado “Estigmatização de idosos preocupa Acção Social”, confirma a inquietação da acção social, sobre a situação de pessoas idosas no país.

Estes factos justificam a escolha do tema desta pesquisa com o objectivo de contribuir na inovação e construção de certos padrões relacionais e actos de solidariedade entre os membros de diferentes gerações, de forma a facilitar a interacção e comunicação. Por outro lado, o pesquisador está convicto que uma boa interacção e convivência mútua entre os membros da família multigeracional, garante a conservação das raízes histórico/culturais, pois os mais idosos têm um papel importante na transmissão do saber e de valores que contribuem na educação dos mais jovens, ao mesmo tempo que se tornam úteis à sociedade pela sua função no sistema familiar e na comunidade.

1.3. Definição do problema

O aumento da longevidade tornou-se, nos dias de hoje, comum em muitas famílias do nosso planeta. Assim, surgem sistemas familiares multigeracionais, nos quais convivem e interagem mutuamente várias gerações. Se por um lado a existência de sistemas familiares multigeracionais constitui um valor, uma riqueza social, por outro não deixa de ser um desafio pois o processo de interacção destes sistemas multigeracionais, com muita frequência traz consigo problemas que afectam as famílias no seu todo e que se manifestam fundamentalmente na dificuldade de integração e solidariedade entre os seus membros. Em Moçambique também se constata a existência e coabitação conflitual entre as várias gerações constituintes do sistema familiar.

A partir da observação do fenómeno que tem vindo a acontecer no país, de famílias contendo no seio duas a quatro gerações, em que os membros mais novos acusam os mais velhos de feitiçaria, de serem a causa do insucesso na vida e por isso mesmo não raras vezes têm sido alvos de actos de violência e de abandono, deixando-os à sua sorte, desprotegidos da parte dos sistemas familiares e da parte da sociedade. Tal fenómeno deixa transparecer o desfasamento dos vínculos familiares entre as gerações o que suscitou no pesquisador a inquietação em averiguar como ocorre a dinâmica e a solidariedade nas famílias moçambicanas com pelo menos três gerações vivas.

1.4. Objectivos da pesquisa

Para o melhor desenvolvimento desta pesquisa foi necessário proceder à definição dos objectivos a atingir, sendo o geral, o que faz uma referência em termos globais daquilo que a pesquisa deve alcançar. Os objectivos específicos funcionam como parciais na operacionalização do primeiro.

1.4.1. Geral

Constitui objectivo geral:

Conhecer a dinâmica e a solidariedade intergeracional para melhor ajudar os sistemas familiares a encontrar o seu equilíbrio funcional.

1.4.2. Específicos

Constituem objectivos específicos:

- a) Identificar os rituais que constituem motivo de celebração nas famílias participantes do estudo;
- b) Indicar os factores intervenientes na dinâmica relacional, que influenciam a solidariedade no sistema familiar multigeracional;
- c) Relacionar o papel das práticas ritualistas no desenvolvimento da dinâmica e solidariedade intergeracional;
- d) Propôr forma de intervenção para o fortalecimento das interacções entre os membros das diferentes gerações.

1.5. Perguntas de pesquisa

O presente estudo surge no contexto da problemática relacionada com a dinâmica, solidariedade e interação que se estabelece no sistema familiar multigeracional. À luz da observação e da reflexão da realidade quotidiana das famílias moçambicanas em relação ao processo interacional que decorre no seu seio, surgiram as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Que rituais constituem motivos de celebração nas famílias participantes do estudo?
- b) Quais são os factores que intervêm na dinâmica relacional e que influenciam a solidariedade no sistema familiar multigeracional?
- c) Qual é o papel das práticas ritualistas no desenvolvimento da dinâmica relacional e solidariedade em famílias multigeracionais?
- d) Que formas de intervenção podem contribuir para o fortalecimento das interações entre membros da família multigeracional?

1.6. Contribuições do estudo

A abordagem feita no presente estudo tem relevância pelo seu carácter actual e inovador no estudo das relações existentes nas famílias multigeracionais moçambicanas. A pesquisa pode trazer algum contributo nos seguintes aspectos:

- a) Na melhoria das relações intergeracionais com a tomada de consciência sobre a importância das relações entre as diferentes gerações que constituem a família;
- b) No despertar da importância dos papéis desempenhados por cada um dos membros do sistema familiar multigeracional;
- c) Despertar a consciência das pessoas sobre as vantagens da manutenção de uma harmonia na interacção entre as diferentes gerações da família;

- d) Disponibilizar a informação e/ou conhecimento às entidades interessadas, para o entendimento dos diferentes fenómenos sociais que acontecem nos sistemas familiares multigeracionais;
- e) Contribuir no estabelecimento de normas e regras de convivência em famílias multigeracionais.

1.7. Síntese do capítulo

Neste capítulo o pesquisador procurou contextualizar a pesquisa, caracterizando o espaço geográfico e cultural onde ela se realiza, incidindo nos aspectos filosóficos e antropológicos da população da África negra, da qual Moçambique faz parte. Progressivamente justificou as razões da escolha do tema de pesquisa, definiu o problema de pesquisa, os objectivos gerais e específicos, delineou as perguntas de pesquisa e apresentou as possíveis contribuições do estudo.

CAPÍTULO 2: REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Conceitualização

2.1.1. Família

O conceito de família pode ser visto sob diferentes ângulos, conforme a evolução que o mesmo vem sofrendo ao longo das gerações. Numa visão antropológica, segundo Lévi Straus (1982), a família é definida do ponto de vista do vínculo de consanguinidade, filiação e aliança. Do ponto de vista sociológico, Meneses (2007) diz que a família constitui uma configuração do indivíduo, composta pela estrutura nuclear, extensiva e de procriação, assente no número de membros integrantes. As definições destes dois autores remetem-nos ao pensamento em que a família estava intrinsecamente ligada às afinidades e à procriação. Na actualidade regista-se uma certa evolução deste conceito, privilegiando as relações que se estabelecem entre os diferentes membros do sistema familiar.

É no contexto actual que surge a visão sistémica de vários autores, e segundo Carneiro (1996, p. 40), Salvador Minuchin é o principal teórico da escola estrutural para quem “a família é um sistema que se define em função dos limites de uma organização hierárquica”. No contexto sistémico Minuchin (1998) considera que na família deve existir interacção entre os seus membros e com o meio que lhes rodeia, onde cada membro exerce um papel na manutenção e equilíbrio do sistema familiar.

Considerando as raízes culturais africanas a que as famílias moçambicanas em estudo pertencem, torna-se imperioso analisar a visão africana da família. Segundo Honwana (2002), no contexto africano, a família integra a relação entre os vivos e os mortos e inclui a relação com a comunidade histórica, geográfica e sociocultural. Esta afirmação demonstra que na perspectiva africana o conceito de família tem um sentido mais amplo, ao integrar os vivos, os mortos, as comunidades histórico-socioculturais e geográficas.

Reforçando o pensamento estrutural sistémico de Minuchin, Calil (1987, p. 17), no quadro da teoria sistémica afirma que a família é considerada como um “sistema aberto devido ao

movimento de seus membros dentro e fora, de uma interacção uns com os outros e com sistemas extrafamiliares (meio ambiente e comunidade) ”.

Nesta perspectiva pode se entender que um sistema familiar funciona como um sistema total, no qual as acções e comportamentos de um dos membros, influenciam e são influenciados simultaneamente pelos comportamentos dos outros. Um subsistema familiar é uma suborganização da família nuclear, e encontra-se inserido na família nuclear.

Segundo Vicente e Sousa (2007, p. 145) famílias multigeracionais definem-se como sendo “famílias onde existem representantes vivos de três gerações”. Trata-se de um sistema que integra muitas famílias nucleares e é também designado de “família alargada”. Ainda de acordo com os mesmos autores este tipo de famílias constitui um conjunto de pessoas unidas por “laços de sangue ou de afinidade, vivendo ou em coabitação, com diferentes distâncias geográficas e emocionais”. Complementarmente, eles afirmam tratar-se de um sistema que “possui uma história longa e complexa, onde questões tão críticas como as heranças, cuidados aos idosos e crianças, lealdades, sentimentos de justiça e segurança emergem e se repercutem nas várias gerações”. Isso significa que, uma família multigeracional agrega elementos importantes e intrínsecos à sua identidade no quadro das relações entre os seus membros, que têm efeito nas diferentes gerações do sistema.

2.1.2. Sistema e subsistema familiar

Em termos estruturais, uma família multigeracional é constituída por cinco subsistemas importantes, nomeadamente: indivíduo, geração, linhagem, núcleo familiar e composição familiar. O indivíduo é a unidade básica que condiciona o surgimento de uma família. Ele constitui o subsistema individual que é composto por cada um dos indivíduos os quais desempenham funções e papéis noutros sistemas e/ou subsistemas. Segundo Vicente e Sousa (2007, p. 153), “esta dupla pertença cria-lhe um dinamismo que se repercute no seu desenvolvimento e na forma de estar em cada um desses contextos”.

Entende-se por Geração aos membros da família que fazem parte do mesmo grupo de pares na hierarquia de nascimentos dos diferentes núcleos familiares. O subsistema geracional, conforme

Fine e Norris (1989), citados por Vicente e Sousa (2007, p. 153) é composto pelos indivíduos com a mesma posição geracional, por norma com idades similares e vivências partilhadas.

Define-se Linhagem à “associação vertical de indivíduos de diferentes gerações, com diferentes idades e vivências sociais e culturais” (Vicente & Sousa, 2007, p. 153). Segundo estes autores, a linhagem encontra-se ligada por laços de consanguinidade, de ascendência e descendência, e os seus membros, de modo geral, partilham o mesmo património genético.

Conforme Vicente e Sousa (2007, p. 154) núcleos familiares compreendem um determinado número de indivíduos que coabitam, ligados ou não por laços familiares (consanguinidade ou afinidade) e equivalem, em geral, ao agregado familiar. Os mesmos autores referem que as composições familiares são constituídas pela associação ou coligação de dois ou mais núcleos familiares.

2.1.3. Intergeracionalidade

O termo intergeracionalidade não se encontra descrito no dicionário da língua portuguesa afirmam Cortez e Sousa (2012). Tratando-se de uma palavra composta, a sua análise passa pela sua decomposição. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2008), a palavra intergeracional é uma palavra composta, aglutinando os termos *inter* e *geracional*. O termo *inter* exprime “a ideia de entre; dentro de; no meio”. O termo *geracional* remete-nos à ideia de “relativo a uma geração; próprio de uma geração”. Desse modo, analisando a palavra intergeracional, concluímos que ela “significa relações entre gerações”.

Jacob (2007) apesar de reconhecer que sempre que se faz referência às relações intergeracionais associa-se às relações entre jovens e idosos, assinala que existem mais tipos de intergeracionalidade com outros actores intervenientes. Grazina Cortez e Sousa (2012, p. 6) na sua definição referem que a palavra intergeracional é aplicada “às relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes gerações e que envolvem, não apenas o contexto familiar, mas toda a vida social dos indivíduos”. A presente definição é abrangente, porque demonstra o facto de a intergeracionalidade não se limitar apenas ao contexto familiar, transbordando a sua representação ao nível das organizações sociais e económicas. Daí que, segundo Grazina Cortez

e Sousa (2012, p. 6) há também autores que definem relações intergeracionais como sendo “uma interação planeada de grupos de pessoas com diferentes idades, em diferentes fases da vida e em diferentes contextos, tendo como princípios a equidade e a solidariedade”. Pode-se dar como exemplos o que sucede em organizações empresariais, onde existem e interagem diferentes gerações de trabalhadores.

2.1.4. Geração

Goldani (2004, p. 225) falando da definição de geração observa que “pode significar tudo ou nada para um conjunto de conceitos que se esconde por detrás de uma única palavra”, chamando atenção que “é preciso ter claro o conceito de geração com o qual pretendemos trabalhar”. De acordo com este autor, o termo geração pode ser compreendido de quatro formas diferentes, a saber:

- a) Geração como uma coorte de idade, operacionalizada como um grupo nascido entre um intervalo de cinco ou dez anos, utilizando uma análise macrossocial;
- b) Geração como uma linha descendente de parentesco, operacionalizada como a sucessão social/biológica, numa análise a nível micro;
- c) Geração como grupo etário histórico ou subgrupos de coorte de idade, que fazem parte de algumas elites, operacionalizada como um movimento social, em níveis de análise macrossociais;
- d) Geração como um grupo de idade operacionalizado por coortes ao nível de análise macrossocial.

No caso em análise, o conceito geração remete-nos às relações familiares, ou seja, como uma linha descendente de parentesco, como sucessão social e biológica ao nível de análise microssocial. Pelo que “multigeracional”, na conjugação das duas partes toma o sentido de “mais de uma geração”, o que permite afirmar que multigeracional significa muitas gerações. Na presente pesquisa o termo “família multigeracional” é utilizado em referência às famílias onde existem representantes vivos de pelo menos três gerações.

2.1.5. Multigeracionalidade

Família multigeracional é definida por Vicente e Sousa (2007) como um conjunto de pessoas ligadas pelo nascimento, casamento, adoção ou escolha, que partilha laços sociais e emocionais pautados por responsabilidades duradoiras, particularmente em termos de desenvolvimento, socialização, suporte e educação. Trata-se de uma palavra composta, cuja análise requer a sua decomposição, tendo como base a palavra multigeracional. Para uma análise criteriosa, a palavra multigeracional deverá ser decomposta em duas partes, sendo “multi” a primeira parte, que significa muito ou mais do que, e “geracional”, a segunda parte, indicando algo relativo a geração.

2.1.6. Dinâmica relacional

As dinâmicas relacionais são estabelecidas em vários contextos onde se regista algum tipo de relacionamento entre as pessoas. No presente estudo, por se tratar de uma pesquisa sobre famílias multigeracionais, será feita uma abordagem no quadro da dinâmica relacional ao nível familiar.

Segundo Minuchin e Fishman (1990), a dinâmica relacional pode ser compreendida tendo em consideração a estrutura, os subsistemas e as fronteiras de funcionamento da família. A estrutura familiar “é um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a maneira pela qual os membros da família interagem” (Minuchin, 1982, p. 57). Sendo invisível, ela só se exprime através das dimensões do funcionamento familiar, nomeadamente, os subsistemas, a hierarquia dos papéis desempenhados pelos membros do sistema familiar e as fronteiras. Para além disso, e segundo o ponto de vista de Peixoto (2003), a qualidade e o tipo de relacionamento estabelecido no sistema familiar, revelam-se igualmente importantes na definição do conceito de dinâmica relacional ao nível familiar. Neste âmbito, pode-se definir a dinâmica familiar como sendo todas as manifestações resultantes do conjunto de actos invisíveis que ocorrem no quadro das dimensões que constituem a estrutura familiar.

2.1.7. Interação familiar

No dicionário integral de língua portuguesa, a palavra interação significa “uma relação de comunicação entre indivíduos ou grupos”. Analisando o termo “interação familiar” pode-se concluir que tem enquadramento no significado da palavra, em dois contextos, nomeadamente, comunicação e indivíduo ou grupo:

- a) Quanto ao contexto comunicação, é o facto de a interação só poder acontecer num processo de comunicação;
- b) Quanto ao contexto indivíduos ou grupos, é porque a interação que acontece no processo de comunicação, visa o estabelecimento de relações entre indivíduos ou grupos de indivíduos com os quais ocorre o processo de interação.

Portanto, tratando-se de interação familiar, ela envolve a estrutura familiar, os subsistemas e operacionaliza-se de forma hierarquizada, o que significa que ocorre também ao nível de hierarquia familiar.

2.1.8. Solidariedade intergeracional e suas dimensões

Pelo Dicionário Integral da língua portuguesa (1996, p. 1375), solidariedade significa, qualidade de ser solidário; responsabilidade mútua, reciprocidade de interesses e obrigações; estado de várias pessoas em que cada uma delas se obriga por tudo, no caso da falta de pagamento por parte dos outros. Destes significados para o presente estudo são elegíveis, por aproximação, os que se referem à “responsabilidade mútua” e “reciprocidade de interesses e obrigações”, que é o que se pretende analisar nas relações multigeracionais.

Neste estudo, a grande preocupação prende-se com a solidariedade que deve existir entre as diferentes gerações membros de um determinado sistema familiar, no qual se deve colocar as pessoas idosas em igual nível de responsabilidade com outros integrantes do sistema, quanto à sua contribuição no desenvolvimento do sistema familiar. Silva d’Alencar (2012, p. 10), considera que para que haja solidariedade intergeracional efectiva é importante colocar de lado a “compreensão negativa que ainda domina sobre a velhice” e integrar os idosos no sistema

familiar onde devem desempenhar as suas funções, contrariando o “conceito socialmente produzido de que as pessoas idosas são quase sempre conotadas com isolamento, incapacidade e doenças”.

As famílias multigeracionais são consideradas como sendo redes de suporte de membros integrantes de várias famílias nucleares. Esse suporte manifesta-se através de acções de solidariedade intergeracional de apoio mútuo entre os seus integrantes. Vicente e Sousa, (2007, p.146), apresentaram evidências empíricas que confirmam a manutenção da conexão das famílias nucleares, contrariando a visão de que estas famílias estavam desconectadas umas das outras. Esta posição foi reforçada por Bengtson, Lowenstein, Putney e Gans (2003) que referem à inexistência de um declínio das relações intergeracionais na família.

Vicente e Sousa (2007) revelam que estudos sobre a solidariedade intergeracional continuam a ser os mais produtivos e profícuos no campo das relações intergeracionais. Eles concluíram que a solidariedade entre as diferentes gerações da família multigeracional, apresenta seis dimensões, nomeadamente:

- a) A Dimensão Estrutural, que se caracteriza pela proximidade, número de familiares vivos e composição dos agregados;
- b) A Dimensão Associativa, que se manifesta pela frequência do contacto social e das actividades partilhadas entre os membros;
- c) A Dimensão Emocional que se demonstra através de sentimentos de proximidade emocional, afirmação e intimidade entre familiares;
- d) A Dimensão Consensual na qual se regista o consenso real ou percebido sobre opiniões, valores e estilos de vida;
- e) A Dimensão Funcional, na qual acontecem trocas de assistência, apoio financeiro e instrumental;
- f) A Dimensão Normativa, que se resume nas obrigações sentidas para com os familiares.

Na pesquisa realizada por Landwerlin (1999) sobre a mudança familiar e solidariedade familiar na Espanha, num projecto financiado pela comunidade de Madrid, destacou as seguintes dimensões da solidariedade familiar:

- a) Dimensão de solidariedade relacional ou associativa (não material), na qual trata-se de contactos entre os membros da rede familiar, que tem como uma das funções manter vivo o sentimento de pertença a uma unidade comum;
- b) Dimensão prestação de serviço de apoio não remunerado, doações e ajuda em forma de bens ou dinheiro. Pode-se chamar também a esta dimensão, de solidariedade funcional, material ou intercâmbios familiares;
- c) Solidariedade residencial, que consiste na convivência no mesmo espaço. Trata-se de uma forma tradicional de apoio mútuo entre gerações.

Numa análise ponderada destes dois grupos de dimensões verificam-se certas coincidências no conteúdo de algumas delas. O facto é mais perceptível entre as dimensões estrutural de Vicente e Sousa (2007) e a dimensão de solidariedade relacional de Landwerlin (1999), por tratarem do mesmo conteúdo.

A dimensão “prestação de serviço de apoio não remunerado”, do segundo grupo é também similar à dimensão “funcional” do primeiro grupo, quanto ao seu conteúdo e respectivo significado. As dimensões “consensual e normativa”, de Vicente e Sousa (2007, p. 146) e a dimensão “solidariedade residencial” de Landwerlin (1999) apresentam conteúdos distintos com significados consideravelmente importantes no quadro da solidariedade que deve existir entre famílias multigeracionais.

Landwerlin (1999), na sua pesquisa refere-se à estrutura de suporte de algumas dimensões da solidariedade, nomeadamente, a dimensão solidariedade residencial, relacional e material entre as gerações, tendo como base de análise dos resultados do estudo a situação que se vive actualmente nos países da União Europeia, em particular na Espanha. Nessa pesquisa apresenta a dimensão solidariedade residencial como sendo aquela que tem como estrutura de suporte, as famílias nucleares, referindo que com a crise que se vive na Europa e que afecta com muita incidência a empregabilidade da população jovem, há muitos casais que constituem a sua família vivendo na casa dos pais, por falta de residência própria, facto que condiciona o estabelecimento de relações intergeracionais.

Desse modo, a família nuclear constituída pelos pais, também exerce a função estrutural de manutenção da dimensão relacional “facilitando o profundo processo de democratização das

relações intergeracionais no seio da família nuclear a reduzir o controlo exercido pelos pais sobre o comportamento dos filhos, e evitar os consequentes conflitos intergeracionais” (Landwerlin, 1999, p. 131).

A solidariedade material entre as gerações consiste no apoio em dinheiro, bens e serviços pessoais que proporcionam um bem-estar aos indivíduos. Segundo Landwerlin (1999, p. 138) esta forma de ajuda “depende em grande medida das pautas de convivência das gerações”. Este autor afirma ainda que “quando as gerações vivem separadas, pelo contrário a ajuda financeira entre os membros da família não só é menos frequente, mas deriva maioritariamente da necessidade, pelo que não está baseada na norma de reciprocidade mas sim na norma de ajuda”

2.2. Funções na família multigeracional

Para melhor compreensão das funções na família multigeracional é importante analisar e conhecer em primeiro plano as funções da família nuclear, como conjunto básico do qual é construída a família multigeracional. Minuchin (1982), classifica as tarefas da família em duas vertentes nomeadamente, a vertente interna que se ocupa da protecção psicossocial dos membros da família, e a vertente externa que trata da acomodação e transmissão da cultura. Na perspectiva de Vicente e Sousa (2010), estas vertentes demonstram que a primeira está ligada a problemas quotidianos da família, enquanto a segunda aborda questões de desenvolvimento da família quanto ao seu passado, presente e futuro. Sublinha também que as funções familiares são influenciadas social e culturalmente, estando sujeitas a mudanças ao longo do tempo.

Neste âmbito, segundo Vicente e Sousa (2010, p. 160), nas famílias multigeracionais destacam-se três aspectos relevantes, nomeadamente: “a importância dos legados e heranças; a complexidade das redes sociais familiares; e o papel central do apoio familiar inserido no quadro mais vasto ou suporte social”. Por seu turno estes autores apresentam como características específicas de uma família multigeracional, as seguintes:

- a) O longo e complexo percurso histórico das diferentes gerações da família;
- b) O elevado número de subsistemas que geram numerosos indivíduos distribuídos pelas diferentes gerações e linhagens da família multigeracional;

- c) A coexistência de indivíduos e famílias nucleares e todas as fases do desenvolvimento individual e familiar, cada qual com suas tarefas e desafios particulares (Vicente & Sousa, 2010, p. 160).

As características acima apresentadas permitem compreender a família multigeracional quanto à sua dimensão histórica, à sua amplitude no que respeita ao número de indivíduos membros do sistema familiar, bem como permite imaginar o nível de coesão e hierarquias estabelecidas e a dinâmica relacional que ocorre no relacionamento entre as diferentes gerações que nela convivem. Vicente e Sousa (2010,161) concluíram que numa família multigeracional existem três funções principais: “a guarda das memórias familiares; a ligação entre subsistemas e o apoio aos vários subsistemas”.

A função “Guarda das memórias familiares” é uma função que tem como base de análise a importância dos legados e heranças, um dos aspectos tidos como relevantes na família multigeracional, “envolvendo relações entre subsistemas da família multigeracional e neste caso em especial subsistemas geracionais” (Vicente & Sousa, 2010, p. 161). Estes autores sublinham que apesar das repercussões em outros subsistemas, as suas dinâmicas têm lugar em especial e de forma distinta no Sistema familiar multigeracional. Mais adiante os mesmos autores afirmam que a transmissão dos saberes, valores e códigos entre gerações pertence ao eixo vertical da memória familiar, enquanto a ligação entre microcultura familiar e o ecossistema sociocultural situam-se no eixo horizontal. Aos indivíduos que no sistema familiar multigeracional desempenham esta função foi lhes atribuída a designação de “guardião da memórias familiares” (Vicente e Sousa, 2010, p. 161).

A ligação entre subsistemas surge na sequência dos estudos sobre as redes sociais que revelaram a importância da ligação entre os subsistemas da família multigeracional, afirma Slizki (1996/2002), sublinhando a necessidade do estabelecimento de contactos intergeracionais e intrageracionais, que se resumem no relacionamento entre bisavós e bisnetos; avós e netos e entre pais e filhos. Vários estudos das redes sociais referem-se a elementos que condensam as ligações familiares, aos quais Vicente e Sousa (2010) chamaram pontes sociais. Mais tarde, no seguimento referem que ele enfatiza a existência de elos mais fracos que podem ser mais

importantes que os elos mais fortes, podendo conduzir ao “desabamento” das relações da família multigeracional.

Quanto ao apoio aos vários subsistemas a literatura tem-se dedicado à análise do papel do cuidador familiar de longa duração ao idoso e nas trocas de apoios entre pais e filhos ao longo da vida (Vicente & Sousa, 2010). Nos diferentes estudos realizados sobre esta matéria, verificou-se que existe uma enorme complexidade dos desafios que demandam a vida do indivíduo, considerando que as famílias multigeracionais são habitualmente muito numerosas e, conseqüentemente, surgem necessidades de vária ordem em todo o sistema. Vicente e Sousa (2010, p. 163), propuseram que em cada família houvesse mais elementos que desempenham a função de interventores na crise, facultando as primeiras ajudas, aconselhamento e/ou encaminhamento, ou seja, “pronto-socorro da família”.

2.3. Teorias básicas da pesquisa

Pela importância e abrangência que o presente estudo representa no universo da vida sociocultural da sociedade moçambicana e, na avaliação dos aspectos abordados, decidiu-se pela fundamentação multiteórica; ou seja, o uso de mais de uma teoria para a sustentação da presente pesquisa. Para o efeito, foram consideradas como básicas e seleccionadas as seguintes teorias:

Teoria de diferenciação (Bowen, 1978), teoria das relações (Boszormenyi-nagy e Spark, 2012) e a teoria do ciclo de vida (Bermúdez & Brik, 2010)

A teoria de diferenciação de Bowen (1978), cumpre o papel de demonstração do processo natural de crescimento e de maturidade dos membros do sistema familiar, que vai acontecendo ao longo dos anos da sua existência. Tratando-se de um estudo de famílias multigeracionais é fundamental que haja a promoção da convivência entre as diferentes gerações vivas da mesma família, e para que isso aconteça foi necessário incluir nesta pesquisa as noções que mostram a gênese da diferenciação humana com base na abordagem da presente teoria.

A teoria das relações de Boszormenyi-nagy e Spark (2012), surge como consequência da anterior, considerando que uma família multigeracional inevitavelmente constitui-se numa rede

de relações, que através disso se concretizam todos os processos relacionais entre os seus membros, portanto constitui-se como uma teoria básica na fundamentação desta pesquisa.

A teoria do ciclo de vida de Bermúdez e Brik (2010) é imprescindível numa abordagem multigeracional, considerando que os membros de qualquer sistema familiar passam por vários estágios de vida. No caso da fundamentação aqui apresentada, certos autores têm um ponto de vista de que o ciclo vital não deve ser visto apenas como estágios de vida, mas sim como um processo de desenvolvimento e de transformação dos indivíduos.

Embora as teorias aqui indicadas sejam todas de igual importância, é pertinente destacar a teoria de diferenciação por esta apresentar na sua abordagem aspectos que concorrem na manutenção das dinâmicas relacionais, e interação no relacionamento entre os membros dos sistemas familiares multigeracionais. Nesse contexto é de sublinhar o papel que esta desempenha no campo motivacional e nos processos de transmissão no quadro do bom relacionamento entre os seus membros. A teoria das relações é também de destaque pelo facto de permitir que se estabeleça a estruturação das relações familiares, definindo hierarquia no relacionamento dos membros do sistema multigeracional. Para uma melhor análise e avaliação segue o detalhe de cada teoria que faz parte do sistema multiteórico que sustenta a presente pesquisa.

2.3.1. A teoria de diferenciação e sua influência na dinâmica relacional

É abordado nesta teoria o conceito de diferenciação do Self onde se explicam as formas de relacionamento entre as diferentes gerações nas famílias multigeracionais, a relação desta teoria com este tipo de família, o papel que a diferenciação exerce na motivação em relações intergeracionais, e os processos de transmissão em famílias multigeracionais.

2.3.1.1. A teoria de Bowen e sua relação com a família multigeracional

Martins et al (2008:), fazendo referência a Bowem (1988) afirma que as relações humanas são conduzidas através de um contrabalanço de duas forças presentes nas nossas vidas, nomeadamente, a individualidade e a irmandade que nos une. Mais adiante Bowen afirma que as

peças perderam autonomia na nossa vida emocional, no lugar de assumi-la. Tornaram-se dependentes e reactivos para os outros, no lugar de pensar em si.

A importância da teoria de Bowen (1978) nesta pesquisa resume-se no facto de descrever como a família é uma rede de relacionamento multigeracional, de interacção da individualidade e irmandade no seu todo, usando conceitos interlaçados entre eles, nomeadamente, “diferenciação do Self; triângulação; processo emocional de família nuclear; processo de projecção da família; processo de transmissão multigeracional e de posição irmanada (de irmandade)” (Bowen, 1966). De todos os conceitos aqui nomeados, Bowen (1978) destaca três que são: processo emocional de família nuclear; processo de projecção da família; processos de transmissão multigeracional, sublinhando que os problemas que se vivem nas famílias, na maioria dos casos, pertencem ao passado, ou seja, têm origem nas gerações passadas. Mais uma vez esta teoria revela ser um pressuposto importante para a presente pesquisa.

A abordagem da dinâmica das relações familiares não pode estar dissociada da essência do indivíduo, membro do sistema familiar em análise, dado que não se trata de qualquer indivíduo, mas sim, membro de uma determinada família. A dinâmica relacional ocorre dentro de um conjunto de indivíduos unidos por algum laço que lhes identifica, pertencentes a uma determinada geração e interagindo com outras gerações que fazem parte do mesmo sistema.

Boszormenyi-Nagy e Spark (2012), concluíram que o fortalecimento das relações familiares ou o seu afecto sobre os indivíduos é muito difícil de medir, considerando que as alterações observáveis na família não modificam necessariamente a influência que as relações familiares exercem entre um e outro membro do sistema familiar. Esta conclusão levou estes autores ao aprofundamento sobre teorias da personalidade e dinâmica relacional entre indivíduos.

No quadro desse aprofundamento Boszormenyi-Nagy e Spark (2012, p. 204) analisaram o pensamento formulado sobre a psicologia individual sobre o aparato psíquico das relações de objecto e, concluíram que os homens possuem uma necessidade inata de estabelecer certas pautas de relacionamento, facto que leva ao desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Entretanto, com o andar do tempo os terapeutas tornaram-se melhores especialistas ao

reconhecerem a reciprocidade que existe ou que deve existir na dinâmica relacional que ocorre nos sistemas familiares.

Analisando a importância do que foi dito acima, podemos concluir que a reciprocidade quando efectivamente é aplicada no quadro da dinâmica relacional, pode focar-se mais nas questões de natureza ética do que nas psicológicas. Isso permite elevar a integridade e a totalidade existencial das relações familiares, e promover a lealdade entre os seus membros.

2.3.1.2. Famílias multigeracionais e os processos de transmissão

Ainda no quadro do relacionamento intergeracional é importante abordar os processos de transmissão que constituem o esteio da teoria intergeracional familiar, que segundo Bowen (1978), é o padrão de interacção recriado ao longo das gerações. Esta afirmação de Bowen tem o seu sustento na realidade objectiva da vida dos homens.

Sobre a transmissão, muitos autores apresentam os seus pontos de vista e todos concorrem para o mesmo objectivo, que é a importância que é dada à passagem de testemunho das gerações mais velhas às novas gerações. Para Williamson e Bray (1988) os processos de transmissão ocorrem largamente através da aprendizagem social, começando normalmente pelo triângulo primário que comporta pai, mãe e filhos, estendendo-se pelos restantes membros da família.

O ponto de vista de Boszormenyi-Nagy e Krasner (1987), considera que a família paterna deve assegurar a transmissão ao longo das gerações através de colocação de questões ou temas por pessoas com titularidade e créditos confirmados na abordagem dos assuntos. Enquanto Bowen (1978), resume a transmissão como sendo “processos de projecção da família” e, Framo (1992) reafirma tratar-se de um processo de projecção parental, sublinhando que deve ser também de interiorização. Elder, Caspi, e Dowenwy (1986), consideram a transmissão um processo cíclico que revela o traço de personalidade parental.

Lawson e Brossart (2001), afirmam que existem poucos estudos sobre os processos de transmissão na perspectiva dos sistemas familiares intergeracionais. Entretanto confirmam que há numerosos estudos de transmissão de sintomas comportamentais ao longo das gerações, no que respeita às influências parentais sobre os filhos. Ao nível de influência parental, estes

autores, indicam que existem diferenças nos processos relacionais quanto ao género, observando que as mulheres têm tido um relacionamento positivo com os seus parentes, facto que não acontece com os homens. Do ponto de vista intergeracional, Lawson e Brossart (2001, p.432), confirmam a existência de dois estudos sobre esta matéria, indicando que o primeiro foi desenvolvido por Hervey, Curry, e Bray, J.H. (1991), no qual examinaram a intimidade e individualidade numa perspectiva de duas gerações, e concluíram que directa ou indirectamente, existe influência de parentes tanto ao nível de intimidade como da individualidade das crianças.

No segundo estudo Tuason e Friedlander (2000), examinaram o nível parental da diferenciação e angústia psicológica das crianças. Nesse estudo os autores concluíram que não existe suporte para transmissão intergeracional da diferenciação e psicopatologia dos parentes para as crianças.

Em conclusão Lawson e Brossart (2001, p. 433), baseando-se na teoria intergeracional da família, num estudo corrente sobre os processos de transmissão ao longo de três gerações, na perspectiva de um indivíduo em cada família, apresentam as seguintes hipóteses testadas:

- a) Um participante que estabelece um relacionamento corrente com seus parentes, pode-se prever um futuro relacionamento com a esposa;
- b) Um participante que estabelece um relacionamento corrente com seus parentes, pode-se prever que venha a ter um relacionamento corrente com o núcleo familiar;
- c) Um participante que estabelece um relacionamento corrente com a esposa, pode-se prever um relacionamento corrente com o núcleo familiar;
- d) O género do participante será uma variável significativa no relacionamento ao longo das gerações.

2.3.2. Teoria das relações e o conceito sobre o sistema relacional

A teoria das relações constitui um desafio, em relação à psicologia dinâmica individual contemporânea, centrando o seu questionamento sobre a validade do pensamento freudiano clássico, o qual ressaltava as dimensões fixas de uma ordem relacional incipiente do mundo.

Segundo Boszormenyi-Nagy e Spark (2012), a teoria das relações tem como base do seu surgimento a necessidade de rejuvenescimento dialéctico do enfoque relacional no campo

relacional das pessoas. A essência da dialéctica das relações consistiu na liberação da mente de conceitos absolutos que se limitavam na explicação dos fenómenos sem considerar a realidade material de existência humana. Neste contexto, a teoria das relações tomando o indivíduo como o objecto principal, reconheceu a necessidade de ter em consideração os postulados da teoria individual no debate sobre o relacionamento entre as pessoas. Dai em diante surgiram debates entre especialistas dos diferentes campos da ciência, formulando conceitos, como é o caso de conceitos estruturais sobre a personalidade básica que foram determinantes para a dinâmica relacional. Boszormenyi-Nagy e Spark (2012), referem-se a Fairbairn e Guntrip (s.d.) formularam uma psicologia individual baseada no aparato psíquico das relações do objecto. A partir daí o estabelecimento das relações deixou de ser visto apenas como necessidades e regularidades psíquicas individuais. O surgimento de especialistas em terapia tornou a dialéctica relacional existencialmente mais apropriada. Os terapeutas dos sistemas familiares reconheceram a importância das relações multipessoais no que concerne à dinâmica relacional na família. Hoje, a aplicação da teoria das relações tornou imprescindível, em qualquer família, a existência de uma rede e hierarquia de obrigações a serem observadas por todos os membros do sistema familiar.

2.3.2.1. A importância do conceito multipessoal e dos ritos familiares na dinâmica relacional

No sistema relacional e na terapia familiar o conceito multipessoal da teoria motivacional é um dos mais importantes. Segundo este conceito “o indivíduo é uma entidade biológica e psicológica díspar, cujas reacções são determinadas tanto pela sua própria psicologia como pelas regras que regem a existência de toda a unidade familiar” (Boszormenyi-Nagy e Spark, 2012, p. 22). O conteúdo deste conceito deixa clara a necessidade de conciliar aspectos de natureza psicológica de cada membro e as regras estabelecidas a serem observadas por todos os membros da unidade familiar, ou seja, um sistema familiar caracteriza-se pela dependência mútua como factor principal da sua existência.

A este conjunto de conceitos adicionam-se os ritos do sistema familiar que incorporam aspectos relativos à estruturação motivacional básica dos sistemas familiares, onde é suposto que se manifestem acções tangíveis, tais como: oferta de sacrifícios, a traição, o incesto, a dignidade

familiar, a angústia, os testamentos, entre outros, formando um conjunto de ritos que na sua actuação interrelacionada caracterizam o sistema relacional numa família num dado momento.

Na verdade com os aspectos aqui referidos pretende-se evidenciar a importância dos rituais no sistema relacional entre os membros da família multigeracional. Segundo Bossard e Boll (1950), são práticas familiares, em especial os rituais familiares, que muitos autores reconhecem como portas de entrada para o estudo de representações e práticas que ocorrem regularmente nas famílias. Interpretando esta ideia, Costa (2014) define rituais como práticas prescritas que resultam na interacção familiar, direccionadas para um fim específico e dos quais se pode tirar um significado simbólico.

Sendo a sociedade moçambicana multicultural e multiétnica fica claro que as práticas ritualistas nas famílias diferenciam-se em função das zonas culturais e das diferentes etnias existentes no país. Na presente pesquisa, uma das famílias estudadas refere-se à prática dos ritos de iniciação cujo objectivo é preparar os jovens para a vida adulta, onde são ensinados como devem se comportar nessa fase etária, incluindo sobre a sexualidade. Osório (2013), na sua pesquisa na qual se debruça sobre identidades do género e identidades sexuais no contexto dos ritos de iniciação nas regiões centro e norte de Moçambique, afirma que identidades de género estão relacionadas com o masculino e o feminino, enquanto as identidades sexuais são a forma como nós pensamos e vivemos a sexualidade. Sobre a sexualidade Osório (2013), citando Alferes (2002), diz que deve ser compreendida na sua relação com contextos sociais, culturais e políticos em articulação com padrões normativos resultantes de disposições legais. Para este autor, estes padrões têm como suporte as práticas legitimadas culturalmente, ou seja, são consideradas legítimas porque fazem parte da nossa cultura, e desempenham a função de socialização familiar com base em práticas explicitadas nos estatutos que cada membro tem na hierarquia de distribuição de poder. Ainda de acordo com a mesma autora, nos ritos de iniciação, aos rapazes e raparigas a sexualidade é ensinada ou transmitida utilizando-se uma metodologia autoritária, não considerando os iniciandos como sujeitos da prática ritualista. Aos rapazes é inculcada a mentalidade de superioridade sexual exaltando a liberdade sexual e a demonstração da virilidade reiterando a dominação sobre a mulher. Às raparigas o foco dos ensinamentos destina-se à

repressão da sua sexualidade, convergindo na necessidade de obedecer às ordens do futuro marido. A realização dos ritos de iniciação tem uma duração que varia de uma semana a um mês.

Outro ritual de grande significado simbólico é a atribuição de nome a um recém-nascido, designado na presente pesquisa de “sistema de charás” que obedece a algumas regras socialmente legitimadas. No início do Século XX, o missionário suíço Henri Junod, por considerar como sendo “raízes de um povo”, escreveu sobre os aspectos étnico-culturais e antropológicos dos povos que habitavam o sul de Moçambique. Dentre outros, Junod (1996), no seu livro com o título Usos e Costumes dos Bantos, referiu-se ao ritual “sistema de charás”, sobre o qual sistematizou quatro formas de escolha do nome da criança, conforme se pode ler a seguir:

1º - Muitas vezes os pais dão ao filho o nome de um chefe, (...) o que lhe lisonjeia a vaidade.

2º - Habitualmente os pais atribuem o nome de um antepassado da família como forma de recordá-lo. Neste caso chegam a consultar *tinholo* para certificar o nome do antepassado que quer “sair na criança”, o qual passa a ser chará dessa criança.

3ª – Um amigo da família pode pedir para atribuir o seu nome, ou um viajante que coincidentemente passa pela aldeia na altura do nascimento da criança.

4ª – Atribuição do nome inspirado pelas circunstâncias do nascimento da criança. Se a criança nascer durante uma viagem da mãe, pode chamar-se Ndleleni, por exemplo.

O livro “Espíritos Vivos, Tradições Modernas” de Honwana (2002), dentre as diferentes matérias de natureza sócio cultural constante do livro, aborda também certas práticas ritualistas cuja análise é de maior interesse do presente trabalho, nomeadamente *timhamba* e *kuphalha*. Honwana (2002), define o ritual *mhamba* como um conjunto de crenças e práticas que juntam os membros de uma determinada comunidade para apresentarem respeitos aos espíritos ancestrais. Para esta autora *mhamba* não é simplesmente objecto, acto ou pessoa isolada, mas sim resume-se na combinação de todos esses elementos, e por isso, traduz-se numa dinâmica lacional entre os membros de um sistema familiar pelo significado simbólico que representa. *Kuphalha* é outro ritual considerado por Honwana (2002), como um acto de veneração que não se circunscreve aos rituais *timhamba*. Define-o como sendo apenas uma forma permanente de comunicação, de apresentar respeito aos antepassados, e é realizado com muita frequência para dar significado a

actos do dia-a-dia que ocorrem no sistema familiar. O Kuphalha é um acto que confere aos indivíduos a segurança e a estabilidade que necessitam para levarem em diante a sua vida quotidiana com optimismo.

2.3.2.2. Conceito e significado dos rituais na vida familiar

Costa (2014), refere que existem enormes dificuldades na definição de rituais familiares devido à grande diversidade de disciplinas e autores interessados neste objecto de estudo. Esta preocupação é legítima na óptica desta autora, mas no caso de Moçambique a preocupação é inversa, considerando que estamos no começo onde nos deparamos com pouquíssimos estudiosos sobre estas matérias. Ademais, a diversidade étnico-cultural e linguística da sociedade moçambicana, acrescenta dificuldades na identificação das práticas familiares que possam incorporar características ritualistas, no seu verdadeiro sentido, o que também acarreta dificuldades na definição do conceito.

Contudo, dos poucos estudiosos que existem encontramos uma autora moçambicana que define ritual como sendo “ um conjunto de crenças e práticas que congregam os membros de uma comunidade para apresentarem os seus respetos aos espíritos ancestrais” (Honwana, 2002, p. 256). A presente definição segundo Costa (2014, p. 87), constitui, “ uma das portas de entrada para o estudo das representações e práticas na e da família”. Para a sua operacionalização esta autora define rituais familiares como “práticas prescritas que resultam da interacção familiar, direccionadas para um fim específico e das quais se pode retirar um significado simbólico” (Costa, 2014, p. 88).

Quanto ao significado dos rituais Kaufmann (1997), citado por Costa (2014, p. 88), diz que “através dos rituais a família observa-se, percebe-se e sente-se”. Bourdieu (1993) e Gillis (1996), acrescentam que com a prática dos rituais as famílias constroem-se enquanto realidade objectiva e enquanto representação. Os aspectos aqui referidos, são de grande significado na vida das famílias, visto que quando se observam, se percebem e se sentem, é sinal de que descobrem e sentem a sua existência real e sua identidade representada na comunidade em que estão integradas.

No reforço do significado dos rituais, Semblano (2009, p. 11), afirma que “por definição os rituais envolvem os vários membros da família, e ajudam a dar significado às actividades do grupo”, facilitando a definição da identidade familiar através da prática conjunta de rotinas e rituais, factos que atribuem o sentido de pertença a cada membro do sistema familiar.

2.3.2.3. Importância dos rituais numa família multigeracional

No caso do presente estudo os rituais familiares têm uma grande importância quanto ao papel que desempenham na união dos membros do sistema familiar multigeracional. Alguns autores consideram que os rituais familiares constituem espaços privilegiados onde os membros do sistema familiar procedem a reflexão acerca das suas origens e raízes culturais e sobre as mudanças que vêm acontecendo ao longo das gerações. Fiese (1993), avalia os rituais como sendo uma forma poderosa de organização do comportamento dentro do sistema familiar.

Este mesmo autor, considera que na família, os rituais demonstram o grau de coesão existente, e constroem as regras e padrões de relacionamento entre os seus membros. A nível individual, desempenham o seu papel no desenvolvimento psicossocial. Esta afirmação integra a coesão, que constitui o aspecto mais importante e significativo na interacção, na dinâmica relacional e no estabelecimento do relacionamento interpessoal entre os membros do sistema familiar multigeracional.

No entanto, importa frisar que na literatura, e segundo Fiese, Douglas, Josephs, Poltrock, e Tomcho (2002, p. 385), estabelece-se diferença entre rotinas e rituais, definindo rotinas como os que “envolvem uma comunicação prática, orientada para a realização das tarefas, para o que é preciso fazer e como fazer”. Este tipo de rituais normalmente consistem na prática dos actos cotidianos e rotineiros dos membros do sistema familiar, como por exemplo, o levantar-se nas manhãs, o encontro na mesa de refeições, o hábito de passatempos ou férias em família etc.

Para estes autores, ritual é algo “associado a uma comunicação simbólica, que afirma a identidade da família e confere um sentido de pertença aos membros do sistema familiar envolvidos” (Fiese et al., 2002, p. 389). Estes rituais são mais significativos que as rotinas, têm efeitos duradouros no comportamento dos indivíduos que deles participam. O contexto de abordagem desta pesquisa enquadra-se neste último conceito de rituais.

A análise dos rituais pelos diferentes autores configura várias opiniões, mas que convergem nos benefícios que se registam na vida das famílias e seus membros. Deste modo, Semblano, (2009, p. 13), refere-se à importância dos rituais por focar a família e os processos que ocorrem no seu seio, como um todo, afirmando que existem evidências da contribuição destes no bem-estar do sistema familiar e dos seus membros. Este mesmo autor acrescenta que “os rituais contribuem para a definição das relações interpessoais, para a integração de novos membros na família, e para situar os indivíduos no espaço e no tempo” Semblano (2009, p. 12).

Este posicionamento é reiterado por Fiese, Douglas, Josephs, Poltrock e Tomcho (2002), ao afirmarem que estudos anteriores indicaram a importância da relação entre a prática dos rituais, o bem-estar da família e a adequação psicossocial dos jovens. Para Meske, Sanders, Meredith e Abbott (1994), os rituais contribuem para a estabilidade emocional, manutenção das relações familiares e as ligações emocionais.

Semblano (2009) apresenta como sendo funções mais importantes dos rituais, a possibilidade que têm de gerir mudanças que sucedem na família criando, dessa forma, a estabilidade, a definição da estrutura familiar que possa facilitar a transmissão de valores e crenças que contribuem para formação e manutenção das relações interpessoais, ajudar a exprimir valores e crenças, elaborando significados que contribuem para a coesão e identidade familiar. Finalmente pode-se concluir que os rituais familiares devido à sua importância e significado, permitem conhecer o funcionamento da família, unindo todos os seus membros em torno de um objectivo comum, que se resume na manutenção de uma boa coesão familiar, interacção familiar, dinâmica relacional e bom relacionamento familiar.

2.3.2.4. A dinâmica relacional no contexto familiar

A teoria das relações familiares tem como questão principal a resolver “o que sucede no contexto de acção da família e como afecta a tendência da família de manter essencialmente inalterado o sistema” (Boszormenyi-Nagy e Spark, 2012, p. 25). A resposta a esta questão passa pelo estabelecimento de uma dinâmica relacional entre os membros do sistema familiar, devidamente regrada quanto às obrigações e lealdades definidas como forma típica de ser e estar de cada

membro. Isso acontece porque a teoria dialéctica das relações tem como base do seu surgimento, a existência de compromissos e obrigações que recaem sobre a conduta do indivíduo.

Segundo Boszormenyi-Nagy e Spark, (2012, p. 48), “a conduta individual é a interiorização das relações objectais como indicador da justiça que rege o próprio universo humano”. A lealdade é um conceito polissémico quanto ao seu significado, podendo cobrir vários campos, nomeadamente, psicológico, social, moral, filosófico e político.

No estudo em análise a conduta individual é vista como atitude positiva dos indivíduos que inspira confiança, considerados objectos da lealdade Boszormenyi-Nagy e Spark, (2012), são considerados como sendo seus marcos de referência a confiança, o mérito, o compromisso e a acção. Notavelmente os aspectos aqui referenciados são os mais importantes e necessários para o estabelecimento de relações familiares duradouras, fundadas na interiorização dos deveres, compromissos e obrigações, para satisfazer as expectativas do grupo, por cada membro do sistema familiar.

A teoria dialéctica das relações cumpre sua missão, “enfocando as relações do ponto de vista multilateral, isto é, envolver a todos os membros do sistema familiar, contudo, manter o indivíduo como centro do universo sublinhando a interdependência uns com os outros” (Boszormenyi-Nagy e Spark, 2012, p. 58).

2.3.2.5. Os conceitos de equilíbrio e desequilíbrio e o seu papel no sistema relacional

Boszormenyi-Nagy e Spark (2012), referem que a abordagem dos conceitos de equilíbrio e desequilíbrio em qualquer relação subentende a existência de uma relação entre duas ou mais pessoas. Falar de equilíbrio ou desequilíbrio das relações pressupõe analisar as possíveis funcionalidades ou disfuncionalidades bem como as patogenicidades nas relações, significa tratar-se de relações boas ou afectadas por alguma anormalidade, seja de que natureza for.

Os autores são unânimes em afirmar que “o conceito de equilíbrio relacional não substitui o conceito de psicologia individual, mas que os dois conceitos se entrelaçam quantos às suas experiências, bem como no seu desenvolvimento” (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2012, p. 129). Em virtude disso afirma-se que uma relação equilibrada favorece também um crescimento

individual são, mesmo sabendo que os critérios do equilíbrio das relações não excluem certos momentos inconvenientes tais como o conflito e a desilusão que por vezes são responsáveis pelo desequilíbrio das relações.

O contraste equilíbrio e desequilíbrio requer um estado mutável na justiça e equidade relacionais, conceitos que quando são bem aplicados permitem reestruturar o equilíbrio. A justiça rege-se pelo princípio básico que orienta as partes no estabelecimento da equidade relacional pelo facto de permitir a reciprocidade na relação (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2012, p. 130). Entretanto, os autores chamam a atenção ao facto de o equilíbrio na reciprocidade de uma relação não ser estático, e que sempre requer restauração, por forma a evitar-se que a relação degenere progressivamente e atingir uma tensão cada vez mais explosiva.

Em resumo, o equilíbrio e o desequilíbrio das relações resultam como mecanismo natural e intrínseco ao relacionamento interpessoal. Nesta abordagem fica claro que se trata de fenómenos que fazem parte da convivência humana em famílias multigeracionais. Foi também dito que na convivência familiar têm surgido contrastes motivados por estes fenómenos requerendo aos membros do sistema familiar o estabelecimento de relações recíprocas por forma a eliminar tensões e manter um bom ambiente relacional.

2.3.3. Teoria do ciclo de vida familiar

Tratando-se de uma pesquisa cujo tema versa sobre famílias multigeracionais, a teoria do ciclo de vida familiar constitui um suporte teórico fundamental na dissertação sobre o assunto.

Bermúdez e Brik (2010) advogam que o termo ciclo vital tem a sua origem do campo de Sociologia referenciando as várias etapas pelas quais o indivíduo passa no intervalo que vai desde o seu nascimento até á morte. Para melhor entendimento importa salientar que ele decorre de processos que incluem dois sistemas vivos e integrados, o “Indivíduo e a família”, ambos em processo de mudança e evolução através das diferentes etapas pelas quais passam através do ciclo vital.

O ciclo de vida apresenta uma série de fases pelas quais os indivíduos passam, as quais Bermúdez e Brik (2010, p. 170), intitularam-nas de “período de namoro, matrimónio, nascimento

dos filhos, dificuldades matrimoniais, desmame dos pais e a retirada da vida activa”. Por seu turno Munuchin e Fishman (1992), consideram que o ciclo vital de uma família, sucede devido a existência de período de adaptação e aprendizagem de novas tarefas, seguido de desequilíbrios que resultam da maior complexidade ao entrar em novas crises e adaptações. Esta afirmação demonstra as mutações que acontecem ao longo do ciclo de vida, e as crescentes exigências que se impõem ao sistema exigindo a superação para conseguir escalar novas fases, cada vez mais complexas.

O ciclo vital pode ser definido como um parâmetro fundamental para avaliar a funcionalidade de uma família e também para não cometer erros na hora de constatar disfuncionalidade (Bermúdez & Brik, 2010). Para uma melhor compreensão do ciclo vital, estes autores apresentam três dimensões, que permitem obter uma ampla visão, nomeadamente:

- a) Dimensão sócio-cultural, que faz referência à cultura e à situação social em que se encontram mergulhados os membros da família. Nesta dimensão é de considerar a influência que os valores culturais e os sistemas sociais mais amplos exercem nos sistemas familiares, operacionalizados na forma de rituais como processos de aquisição de identidade da família.
- b) Dimensão psicológica, que se ocupa de questões sobre a maturidade que o indivíduo vai adquirindo na medida em que cresce, a mudança na forma como se vai reconhecendo e o reconhecimento dos outros, ou diferentes modos de vinculação entre os indivíduos em função do ciclo vital;
- c) Dimensão biológica, que se ocupa das mudanças de natureza biológica e fisiológicas do indivíduo, tais como a adolescência e a velhice. Estas mudanças repercutem-se na organização do sistema familiar pela necessidade de novos recursos de suporte e capacidade de adaptação (Bermúdez e Brik, 2010, p. 171).

As dimensões aqui apresentadas caracterizam o indivíduo na vertente sócio-cultural, psicológica e biológica, chamando atenção à evolução deste no âmbito do quadro do sistema familiar, o qual pertence a uma determinada geração, que por sua vez faz parte de um conjunto de gerações da família. Pelo que as manifestações socioculturais, psicológicas e biológicas que ocorrem no

indivíduo, influenciam todo o sistema multigeracional da família, bem como este se beneficia do processo de transmissão multigeracional.

Oliveira (2008, p. 213) analisa o ciclo vital não apenas na perspectiva psicológica, mas associa esta dimensão ao desenvolvimento, ao afirmar que o conceito “ciclos de vida, pode ser mais promissor para uma compreensão de maior alcance do fenómeno de desenvolvimento do que a ideia dos estágios, normalmente utilizada em psicologia”. Na óptica desta autora desenvolvimento significa transformação, e fundamenta a sua tese ao afirmar que “processos de transformação ocorrem ao longo de toda a vida do sujeito e estão relacionados a um conjunto complexo de factores” (Oliveira, 2008, p. 213).

2.4. Síntese do capítulo

O segundo capítulo dedicou-se à revisão da literatura, identificando três teorias que se prestam à fundamentação do tema de pesquisa. A primeira parte da revisão consistiu na recolha do material bibliográfico e definição de conceitos relacionados com o tema de pesquisa. Na parte final foi feito um estudo aprofundado das teorias seleccionadas e resumo dos aspectos considerados importantes na discussão dos resultados da pesquisa. Foi também abordado com profundidade o significado e a importância dos rituais no sistema familiar multigeracional.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

A metodologia é a estratégia que permite responder aos objectivos da pesquisa e organizar a informação de forma lógica e perceptível. Descreve os procedimentos, conforme as peculiaridades de cada pesquisa, sendo que para este estudo foi feita uma combinação de metodologias observando aspectos relevantes tais como, conhecimento científico, métodos científicos e técnicas de pesquisa.

3.1. Tipo de pesquisa

Segundo Gil (2002) existem diferentes tipos de pesquisa, tais como a pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa e pesquisa ex-post facto. Sobre a pesquisa quantitativa, Michel (2005, p. 33), refere que se trata de uma pesquisa relacionada com o tratamento de quantidades, colectando informações e procedendo ao seu tratamento estatístico utilizando processos simples e complexos, tais como cálculos de percentagens, coeficiente, desvio padrão, coeficiente de correlação, análise de progressão, etc. O mesmo autor observa que na pesquisa quantitativa o pesquisador apenas descreve, explica e prediz.

A pesquisa Ex-post facto, é realizada a partir dos factos já passados. “Isso significa que neste tipo de pesquisa o estudo foi realizado após a ocorrência de variações na variável dependente no curso natural dos acontecimentos” (Gil, 2002, p. 490). E, a pesquisa qualitativa é utilizada em ciências sociais e biomédicas, onde a verdade comprova-se com base numa análise detalhada, porque os factos são constituídos pelos significados sociais, pelo que não são quantificáveis. Este é o tipo de pesquisa aplicado no presente estudo, tomando em conta que “na pesquisa qualitativa o pesquisador participa, compreende e interpreta” (Michel, 2005, p. 33). Este estudo exigiu o envolvimento do pesquisador, quanto à sua participação, compreensão e interpretação dos fenómenos sociais pesquisados.

Tendo em consideração os objectivos e as perguntas de pesquisa delineadas para o presente estudo, concluiu-se que, pela sua natureza, esta pesquisa presta-se a uma abordagem qualitativa de tipo exploratória, descritiva e analítica, que permite a aferição das relações, dos sentimentos,

opiniões e valores sociais, entre outros aspectos que ajudaram a perceber a interacção dos membros de um sistema familiar.

Segundo Gil (1999, p. 73) a abordagem exploratória permite “explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos”. A abordagem descritiva, permite “descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação e a analítica permite fazer uma análise aprofundada dos fenómenos em estudo, proceder à comparação dos diferentes casos, e à descrição das variáveis causais de determinados fenómenos”.

A opção por uma pesquisa exploratória corresponde também à natureza do presente estudo, tendo em conta que ela proporciona maior familiaridade com o problema, podendo desse modo torná-lo mais explícito. O recurso à metodologia combinatória corrobora com Lakatos (2009) que admite que na maioria das investigações regista-se a combinação de métodos ou técnicas de pesquisa, não somente aqueles que se conhecem, mas todos os que forem necessários.

No que respeita ao procedimento técnico foi adoptado o estudo de caso, pelo facto de ser uma das técnicas que permite entender em detalhe determinados factos sociais ou familiares. Segundo Michel (2005, p. 55), um estudo de caso “é uma técnica de pesquisa de campo que se caracteriza por ser o estudo de uma unidade, ou seja, de um grupo social, uma família, uma instituição, uma situação específica, empresa, entre outros, com o objectivo de compreendê-los em seus próprios termos”.

Sendo a família uma unidade social constituída por um sistema de relações sociais, estruturada em subsistemas e obedecendo a uma hierarquia, o seu estudo enquadra-se perfeitamente na aplicação da técnica de estudo de caso, dado que permite aprofundar e obter dados sobre questões que ocorrem e afectam os sistemas familiares.

Yin (2001, p. 32) reforça a importância do estudo de caso salientando o contexto em que ocorre como sendo “uma investigação empírica dedicada a um fenómeno contemporâneo da vida real, particularmente os que não têm limites claramente bem definidos”. Consequentemente classifica estudos de caso de investigações tecnicamente únicas com muito mais variáveis de interesse, baseadas em várias evidências, com a vantagem de beneficiar-se de várias preposições teóricas que permitem a colecta e análise de dados e informações a favor da pesquisa.

Estas abordagens e técnicas favoreceram a escolha do presente estudo de caso o qual observou a variante Multicaso, tendo em conta que a amostra inicial foi de 14 famílias multigeracionais. Uma das vantagens de utilização da técnica de estudo de caso, é o facto de ela possibilitar uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real (Yin, 2001).

3.2. Apresentação da população de pesquisa

De acordo com Lakatos e Marconi (2009, p. 27) o “universo ou população é o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica comum e, a amostra é uma porção ou parcela, convenientemente seleccionada do universo, é um subconjunto do universo”.

Em observação ao conceito de universo ou população, na realização do presente estudo foram identificadas 14 famílias como grupo alvo desta pesquisa. Foi aplicada a cada família uma entrevista semi-estruturada, ao longo da qual procedeu-se à aplicação do genograma, fazendo a identificação dos membros de cada sistema familiar. Importa destacar que o processo de identificação das famílias foi facilitado pelas “Boas Vizinhas”, isto é, um grupo de voluntárias da CÁ-PAZ, utilizando a amostragem “bola de neve”, valendo-se também do conhecimento que têm das famílias residentes na comunidade.

No processo de análise da informação e dos dados recolhidos, 6 famílias foram descartadas por não responderem aos critérios de inclusão definidos para este estudo, pelas seguintes razões:

- a) Três famílias estavam incompletas, porque faltaram os representantes de algumas gerações, nuns casos faltou uma pessoa e noutros casos faltaram duas pessoas;
- b) Duas famílias em que as representantes da primeira geração vivem sozinhas, pelo que não puderam estar com representantes de outras gerações;
- c) Uma família em que um dos membros representante da terceira geração estava impossibilitada de participar por ser portadora de deficiência que não lhe permite falar, sentar e nem andar.

Das oito famílias que respondiam positivamente aos critérios de inclusão, três foram desqualificadas pelo facto de a informação prestada não ser relevante para esta pesquisa. Assim foram seleccionadas apenas cinco famílias para a composição da amostra, conforme se pode ver no ponto 3.3. que segue:

3.3. Apresentação da amostra

A amostra da pesquisa é constituída por cinco famílias resultantes da selecção acima efectuada, nomeadamente:

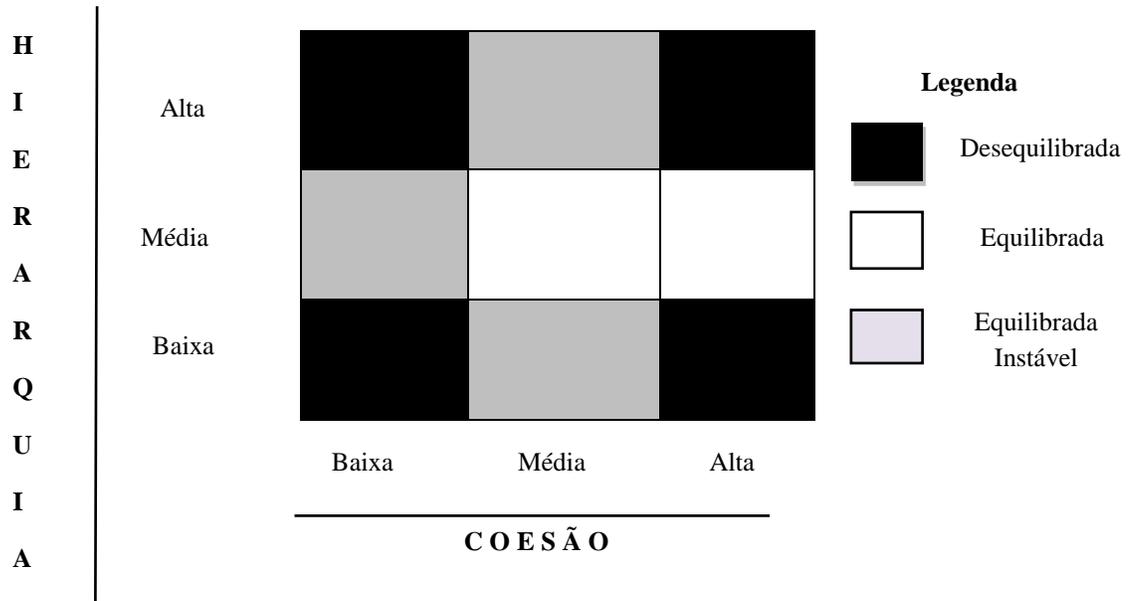
- a) Família Huma, representada pela Senhora Hm de 56 anos, matriarca da família e pertencente à 1ª geração (G1), pela Lnd de 25 anos, representante da 2ª geração (G2) e pela Yne de 10 anos, representante da 3ª geração (G3);
- b) Família Úque, representada pelo Senhor Ec de 57 anos, patriarca da família e pertencente à 1ª geração (G1), pela Aha de 18 anos, representante da 2ª geração (G2) e pela Mrt de 19 anos, representante da 3ª geração (G3);
- c) Família Hw, representada pelo Senhor Fh de 57 anos, patriarca da família e pertencente à 1ª geração (G1), pelo Hws de 31 anos, representante da 2ª geração (G2) e pelo Zmi, representante da 3ª geração (G3);
- d) Família Mone, representada pelo Senhor Jnh de 54 anos, patriarca da família e pertencente à 1ª geração (G1), pela Amé de 17 anos, representante da 2ª geração (G2) e pela Hel de 9 anos, representante da 3ª geração (G3);
- e) Família Css, representada pela Senhora Css de 78 anos, matriarca da família e pertencente à 1ª geração (G1), pela Suz de 49 anos, representante da 2ª geração (G2) e pela Prc de 32 anos, representante da 3ª geração (G2).

Nesta apresentação da amostra foi utilizada a nomenclatura de Vicente (2010, p. 163), na qual apelida a primeira, segunda e terceira geração de G1, G2 e G3 respectivamente, abreviando dessa forma a representação geracional da família.

3.4. Coesão, hierarquia e estrutura relacional

No 2º capítulo vimos que a família é definida por Minuchin como um sistema que se organiza em função da hierarquia e da coesão, que determinam a dinâmica da interação da relação entre os seus membros. Para mensurar as variáveis que influenciam a dinâmica intergeracional nas famílias moçambicanas com três gerações vivas, o pesquisador usou o modelo de classificação dos tipos de hierarquia e coesão no sistema familiar indicado no gráfico 7.

Gráfico 6: Modelo de classificação das variáveis Hierarquia e Coesão, (adaptado de Gehring & Marti,1993)



De acordo com o modelo de hierarquia e coesão de Gehring e Marti (1993), quando a família apresenta média ou alta coesão, e a hierarquia for média, a estrutura familiar é classificada de equilibrada. Quando a família apresenta média coesão e baixa ou alta hierarquia, a estrutura familiar tem como resultado a classificação de desequilibrada-instável. E quando a família apresenta-se com valores extremos de coesão e de hierarquia, ou seja, alta coesão e alta hierarquia, a estrutura familiar é classificada de desequilibrada.

A coesão é verificada através da proximidade de peças colocadas no tabuleiro, sendo que quanto mais próximas estiverem colocadas entre si, significa que mais alta é a coesão. A hierarquia calcula-se com base na elevação das peças sobre blocos da madeira, sendo o mais alto de 4,5cm correspondente a 3 pontos, o de 3 cm equivalente a dois pontos e o bloco mais baixo possui 1,5 cm classificado com 1 ponto.

3.5. Fiabilidade e validade dos instrumentos

O investigador utilizou como instrumentos de pesquisa a entrevista semi-estruturada, o genograma e o FAST. Todos os instrumentos mencionados foram aplicados nesta pesquisa com o rigor necessário que permitiu a recolha de informação e dados relevantes para a prossecução dos objectivos traçados para este trabalho.

A entrevista semi-estruturada foi a opção escolhida por ser considerada adequada para pesquisas exploratórias, porque segundo Gil (1999) ela é utilizada para abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, possibilitando a obtenção de uma visão aproximada do problema em pesquisa. Nesta pesquisa, este tipo de entrevista permitiu fazer uma grande exploração dos factos, particularmente as revelações sobre os factos históricos de cada família, através de intervenções livres dos entrevistados, sobretudo por facilitar o diálogo entre os membros do sistema familiar. Porém, antes foi feita a testagem do instrumento, ou seja, do guião de entrevista, tendo resultado na eliminação de algumas perguntas por se terem revelado desnecessárias e reformulação outras. Pelo que das 15 inicialmente programadas, foram validadas 11.

A entrevista semi-estruturada proporcionou a obtenção de informação detalhada e pormenorizada do assunto em pesquisa, o que confere maior fiabilidade e validade a este instrumento de pesquisa.

“O Genograma Familiar é uma representação gráfica que mostra o desenho ou mapa da família. Actualmente tem sido difundido como um instrumento científico para colecta de dados, especificamente em pesquisas qualitativas com famílias” (Crepaldi & Wendt, 2007,p.302).

Esta definição enquadra-se perfeitamente à poderosa capacidade demonstrada na aplicação do genograma nesta pesquisa. É um instrumento de aplicação fácil e flexível tendo sido, neste caso, aplicado em simultâneo com a entrevista semi-estruturada.

Nesta pesquisa foi possível que, enquanto o entrevistado estivesse a fazer a narrativa histórica da família, o investigador traçava o genograma e as respectivas ligações que estabelecem as relações familiares. Os dados sobre a população da pesquisa, nomeadamente as pessoas envolvidas e a amostra extraída para o estudo, foram conseguidos graças à construção dos genogramas de cada família. Também foi possível analisar a dinâmica relacional da família e os padrões que a caracterizam. Estas referências aqui mencionadas do genograma quanto à sua aplicação, qualificam-no como instrumento de pesquisa científica com fiabilidade requerida, que permite obter resultados imediatos.

Segundo De Antoni (2005, p. 36), “o FAST é um teste originalmente desenvolvido para avaliar a representação da coesão e da hierarquia em família (grupos) e seus subsistemas (membros e díades)”. De Antoni (2005) refere que com o uso do FAST, numa amostra de 346 estudantes universitários encontrou uma correlação positiva entre afectividade familiar, socialização e extroversão. Este facto demonstrou a correlação positiva que existe entre a consistência familiar e a autonomia do indivíduo. Isso demonstra a fiabilidade deste instrumento que por si apresenta altas propriedades psicométricas na sua aplicação.

O FAST nesta pesquisa foi projectado para recolha de dados qualitativos, considerando a natureza desta pesquisa. A sua apresentação às famílias na altura da recolha de dados cria uma certa curiosidade às pessoas, e conseqüentemente, motivador na participação delas, especialmente as crianças. Conseqüentemente, foi aplicado às cinco famílias submetidas à

entrevista semi-estruturada, num exercício em que se conseguiu avaliar o nível de coesão e hierarquia estabelecidas em cada família. Gehring e Marti (1993), denominam de estrutura relacional a relação entre a coesão e hierarquia, e de facto durante o exercício facilmente nos apercebemos desta dicotomia funcional no relacionamento dos membros do sistema familiar. Uma das grandes vantagens do uso deste instrumento é o facto de a sua aplicação ser “silenciosa”, isto é, o indivíduo durante a representação não precisa de dialogar com outrem, limitando-se apenas a colocar os blocos de madeira no tabuleiro, sem pronunciar nomes, facto que dá maior liberdade ao indivíduo de se manifestar. De um modo geral pode-se concluir que se trata de instrumentos fiáveis para pesquisa e apresentam um grande contributo que convalidam os resultados.

3.6. Instrumentos de pesquisa

O investigador utilizou como instrumentos de pesquisa a entrevista semi-estruturada, o genograma e o FAST. Todos os instrumentos mencionados foram aplicados nesta pesquisa com o rigor necessário que permitiu a recolha de informação e dados relevantes para a prossecução dos objectivos traçados para este trabalho.

A entrevista semi-estruturada foi a opção escolhida por ser considerada adequada para pesquisas exploratórias. Segundo Gil (1999), este tipo de entrevista tenciona abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, o que lhe possibilita ter uma visão aproximada do problema pesquisado. Nesta pesquisa, a entrevista semi-estruturada permitiu fazer uma exploração dos factos, particularmente as revelações sobre os factos históricos de cada família, através de intervenções livres dos entrevistados, sobretudo por facilitar o diálogo entre os membros do sistema familiar. A técnica aplicada na entrevista semiestruturada proporciona a obtenção de informação detalhada e pormenorizada do assunto em pesquisa, o que confere maior fiabilidade e validade a este instrumento de pesquisa.

As entrevistas, conforme o consentimento informado acordado, foram gravadas o que permitiu a recolha minuciosa da informação e, foi utilizada a mesma tecnologia na construção dos genogramas. O investigador utilizou a entrevista de tipo semi-estruturada na sua modalidade clínica por esta permitir explorar mais amplamente as questões de interesse da pesquisa, e dar

liberdade ao entrevistado de abordar qualquer assunto que considere adequado. A opção por esta modalidade deveu-se ao facto ser a utilizada para estudar motivos, sentimentos, conduta de pessoas, interacções, entre outros aspectos de natureza clínica (Michel, 2005). A entrevista semi-estruturada elaborada pelo autor desta pesquisa, foi composta por 11 questões, subdivididas em dois grupos, sendo o 1º grupo referente à abordagem histórica da família, e o 2º grupo de questões sobre as relações familiares.

Outro instrumento utilizado foi o Genograma familiar, definido por Crepaldi e Wendt (2007), como uma forma de representar graficamente o desenho do mapa da família. Em pesquisas qualitativas tem sido difundido como um instrumento científico para a colecta de dados. Este instrumento possui uma poderosa capacidade na recolha de informação em pesquisas científicas com um alto grau de fiabilidade. É um instrumento de aplicação fácil e flexível tendo sido, neste estudo, aplicado em simultâneo com a entrevista semiestruturada.

Nesta pesquisa foi possível que, enquanto o entrevistado estivesse a fazer a narrativa histórica da família, o investigador traçasse o genograma e as respectivas ligações que estabelecem as relações familiares. Os dados sobre a população da pesquisa, nomeadamente as pessoas envolvidas e a amostra extraída para o estudo, foram conseguidos graças à construção dos genogramas de cada família. Também foi possível analisar a dinâmica relacional da família e os padrões que a caracterizam.

O FAST é um instrumento projectado para colectar dados quantitativos e/ou qualitativos sobre a sua percepção do grupo, das estruturas que regem as relações familiares em suas diferentes situações, podendo ser aplicado a pessoas a partir dos 6 anos de idade (Gehring & Marti, 1993). Nesta pesquisa foi utilizado com a função de avaliar duas dimensões denominadas “coesão e hierarquia” que intervêm no relacionamento entre os membros de um determinado sistema familiar, obtendo como resultados a classificação da estrutura relacional da família. Explicando melhor, De Antoni (2005), afirma que a coesão está relacionada com o desenvolvimento saudável e bem-estar psicossocial das famílias, e sublinha que o funcionamento familiar é promovido pela relação que se estabelece no sistema familiar e seus subsistemas (casal, pais e filhos e entre irmãos). Enquanto a hierarquia é uma relação de influência e controle que caracteriza os grupos sociais.

Usando o FAST o pesquisador pretendeu identificar as variáveis coesão e hierarquia que entram em jogo na interação das famílias moçambicanas com três gerações vivas. A importância das dimensões de hierarquia e coesão, consiste em serem uma base de análise da dinâmica e solidariedade intergeracional que consiste nas relações multigeracionais, nas suas representações em situação típica, ideal e de conflito. A situação típica trata da representação da interação dos membros da família no seu dia-a-dia, ou seja, da convivência normal da família. A situação ideal representa o que seria desejável que a família fosse quanto ao seu funcionamento, isto é, como devia ser a coesão e a hierarquia na sua família. E, a situação conflituosa representa a reacção dos membros da família quando surge algum conflito ou desacordo entre os membros sobre alguma questão crucial que perturba a vida normal da família.

Considerando a natureza deste estudo o pesquisador utilizou o FAST para recolha de dados qualitativos. A sua apresentação às famílias na altura da recolha de dados criou uma certa curiosidade às pessoas, e conseqüentemente, motivador na participação delas, especialmente as crianças. Foi aplicado às cinco famílias submetidas à entrevista semiestruturada, num exercício em que se conseguiu avaliar o nível de coesão e hierarquia estabelecidas em cada família.

Uma das grandes vantagens do uso deste instrumento é o facto de a sua aplicação ser “silenciosa”, isto é, o indivíduo durante a representação não precisa de dialogar com outrem, limitando-se apenas a colocar os blocos de madeira no tabuleiro, sem pronunciar nomes, facto que dá maior liberdade ao indivíduo de se manifestar. De um modo geral pode-se concluir que se trata de instrumentos fiáveis para pesquisa e apresentam um grande contributo que convalida os resultados.

3.7. Considerações éticas

O objecto do curso de Terapia Familiar e Comunitária é preparar técnicos com competências que lhes permitam intervir em situações de conflito, que normalmente afecta um sistema familiar ou comunitário, e conseqüentemente a vida dos indivíduos envolvidos. Isso requer a observância de certos princípios éticos.

Sublinhando a sua importância, Bermúdez e Brik (2010), consideram a ética como uma disciplina que trata dos problemas da conduta humana. Referem que no domínio da psicoterapia

a ética é uma ferramenta poderosa para o clínico na abordagem de diversos conflitos intrapessoais e interpessoais que se apresentam no seu exercício profissional.

Para realizar esta pesquisa foi necessário submeter à Comissão de Bioética um protocolo, que ficou registado sob o número CIBS FM & HCM/71/2014, elaborado segundo os procedimentos instituídos por este órgão. Pelo que a presente pesquisa observou as normas estabelecidas pelo Comité Institucional de Bioética em Saúde da Faculdade de Medicina e Hospital Central de Maputo (CIBS FM & HCM), tendo sido autorizada pela acta 09/2014, onde está anotado que “não há nenhuma inconveniência de ordem ética que impeça o início do estudo” (ANEXO E).

No trabalho de campo, os encontros com as famílias decorreram nas suas residências. No início de cada sessão o investigador começava por explicar sobre o recrutamento e consentimento informado, como fundamento ético que permite a livre participação e informou sobre os objectivos e conteúdos da pesquisa, sublinhando o princípio moral de respeito, autonomia e liberdade e voluntarismo em tomar parte no estudo, podendo, quando julgar conveniente, desistir em qualquer etapa do processo. Foi também explicado pelo pesquisador o aspecto dos benefícios e possíveis riscos da pesquisa, realçando a solidariedade multigeracional, matéria de fundo da presente pesquisa, como sendo pressupostos básicos que poderão trazer benefícios na convivência dos sistemas familiares vigentes.

Sobre os possíveis riscos o investigador referiu que não temia nada que pudesse impedir o bom andamento da pesquisa, tal como falta de participação e dificuldades de encontrar famílias que respondessem aos critérios de inclusão definidos pelo estudo. Em cada família foi lido, explicado o conteúdo do consentimento de participação e, assinado pelo representante da família.

3.8. Local de pesquisa

O trabalho de campo foi realizado no bairro de Fomento, zona periférica pertencente ao Posto administrativo da Machava, em colaboração com a CÁ-PAZ – Associação Moçambicana de Assistência Psicossocial e Empoderamento às Vítimas de Violência Doméstica. Esta instituição localiza-se no Posto Administrativo da Machava e foi criada sob o despacho no.133 de 30 de Outubro de 2007. A CÁ-PAZ criou um Centro de atendimento das vítimas de violência, que

forma uma rede com instituições públicas ligadas às áreas de Acção Social, polícia, Saúde e estruturas locais nomeadamente, secretários dos bairros e chefes de quarteirão, régulos e AMETRAMO. Ao nível das comunidade criou agentes da comunidade, dentre os quais as designadas de Boas Vizinhas, que são activistas voluntárias formadas pela CÁ-PAZ, que lhe apoiam nas actividades de assistência à comunidade, particularmente na denúncia a actos de violência doméstica e apoio às vítimas deste mal.

Para esta pesquisa a CÁ-PAZ, destacou as boas vizinhas para acompanhar o investigador durante o levantamento de dados. As boas vizinhas desempenharam um papel importante na indicação e no estabelecimento de contactos com as famílias, segundo os critérios de inclusão estabelecidos nesta pesquisa. A pesquisa durou um ano desde a sua concepção e materialização.

3.9. Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa iniciou com a fase da definição do tema de pesquisa, resultado da reflexão feita pelo investigador sobre a convivência que se estabelece em famílias de diferentes gerações. A definição do tema observou os seguintes passos:

- a) Análise e identificação das áreas temáticas em que o tema melhor se enquadra;
- b) Melhor formulação do tema por forma a corresponder ao objecto da pesquisa.

Estes dois passos foram realizados durante as aulas de supervisão promovidas pela direcção do curso, facto que permitiu partilhar as sugestões dos colegas que enriqueceram a visão do investigador sobre o assunto em estudo.

A segunda fase consistiu na recolha do material bibliográfico e sua revisão, como forma de aprofundamento do tema de pesquisa, o que ampliou a visão do investigador sobre este campo de estudo, bem como adquiriu capacidade de argumentação e fundamentação das razões que lhe levaram a optar por este tema. Consequentemente, isso permitiu-lhe proceder a uma melhor delimitação do estudo, definição dos objectivos, formulação das questões de pesquisa e, identificação dos instrumentos de pesquisa que permitiram a recolha dados.

Na terceira fase, em observância dos princípios éticos requeridos em pesquisas com seres humanos, foi elaborado o protocolo de dissertação submetido ao Comité Institucional de Bioética

em Saúde da Faculdade de Medicina/Hospital Central de Maputo (CIBS FM&HCM), conforme as regras estabelecidas por aquele órgão.

Aprovado o protocolo, e autorizada a realização da pesquisa, foi de imediato, iniciado o trabalho, seguindo os seguintes passos:

- a) Estabelecimento de contacto com a CÁ-PAZ solicitando o apoio desta organização na realização da pesquisa nas comunidades sob sua jurisdição;
- b) Realização de uma reunião com as Boas Vizinhas, na qualidade de activistas voluntárias que exercem funções de apoio à CÁ-PAZ, num total de treze pessoas. Nessa reunião o investigador explicou os objectivos da pesquisa, pedindo o apoio delas na identificação e marcação dos encontros para entrevistas com as famílias;
- c) As entrevistas foram planificadas pelas Boas Vizinhas no contacto prévio estabelecido e realizadas nas residências das famílias visadas. O investigador deslocava-se à casa da família acompanhado pela Boa Vizinha dessa comunidade.

No encontro com as famílias, a Boa Vizinha acompanhante, no início da sessão apresentava o investigador à família apelando a colaboração de todos. A seguir, o investigador explicava os objectivos da pesquisa, os benefícios e os riscos, bem como sobre a declaração do consentimento da participação na pesquisa, destacando a natureza, confidencialidade e voluntariedade da pesquisa. Esta declaração foi assinada pelo representante da família.

Para a recolha de dados foram aplicados como instrumentos de pesquisa a entrevista semi-estruturada, o genograma e o FAST. Foram também aplicados como meio de captação da informação, um gravador para o registo de som e uma máquina fotográfica para o registo de imagens. Estes últimos instrumentos foram utilizados com consentimento das famílias, pois, no início da sessão solicitava-se o consentimento do seu uso, tendo sido aceite por estas.

Nas entrevistas participaram os representantes de cada uma das três gerações (G1; G2 e G3), por forma a cumprirmos com um dos critérios de inclusão mais importantes, definidos para esta pesquisa, e todos os elementos da família que estivessem presentes, desempenhavam papel de

auxiliar ao respondente principal que era o representante da família. As entrevistas duravam entre uma hora e meia a duas horas.

Em simultâneo, durante a conversa com a família o investigador solicitava a informação que lhe permitisse elaborar o genograma familiar, que era analisada posteriormente.

Considerando as variáveis principais desta pesquisa, nomeadamente, família multigeracional de três gerações e a dinâmica relacional que acontece no sistema intergeracional, na parte final da entrevista foi introduzido o FAST com a finalidade de avaliar três dimensões nas famílias multigeracionais moçambicanas:

- a) A coesão, relacionada ao desenvolvimento saudável e bem-estar das famílias;
- b) A hierarquia que está relacionada com o poder decisório, seja nas situações quotidianas quer nas adversas;
- c) Fronteiras geracionais, constituem um parâmetro importante para a avaliação das estruturas familiares. Pode ser definido pelas regras que determinam como pertence a um determinado sistema ou subsistema e de que maneira eles pertencem;
- d) O FAST foi aplicado em cada família, com participação de representantes de cada uma das gerações cobertas pela pesquisa, ou seja, Geração 1 (G1), representantes da geração mais velha; Geração 2 (G2), representantes da geração intermédia, Geração 3 (G3), representantes da geração mais nova. Portanto, foi aplicado a três indivíduos de cada família, e considerando que participaram oito famílias, foram no total 24 pessoas que manusearam o FAST nesta pesquisa. Segundo Gehring (1988, p. 24), a “administração do FAST consiste na representação de três formas básicas da família, nomeadamente, representações de situações típicas, ideais e os de conflito”.

Na fase de aplicação do FAST o investigador deu explicação sobre como se deve fazer dizendo que, vamos proceder a um jogo de representação das relações familiares dividido em três fases, sendo que:

- a) Na primeira fase vamos representar as relações típicas de como a família se relaciona cotidianamente, ou seja como vocês interagem no dia-a-dia;

- b) Na segunda fase vamos demonstrar neste jogo como gostaríamos que o relacionamento na família fosse em termos ideais;
- c) Na terceira fase deverá representar o que acontece quando a família está em conflito, ou seja, relação conflituosa.

A seguir o investigador procedeu à explicação dos instrumentos do FAST e os procedimentos a serem observados na sua aplicação, bem como o significado das peças que compõem o jogo. Por exemplo mostrava as peças e dizia quais são as que representam as figuras masculinas e quais as que representam as figuras femininas, bem como se deve representar a hierarquia na família, e o significado da coesão. Ao longo da explicação o investigador fez demonstrações de aplicação do FAST nas suas diferentes fases.

3.10. Limitações da pesquisa

Tratando-se de uma matéria pouco pesquisada no país é óbvio que o autor da presente pesquisa se tenha deparado com dificuldades que resultaram em limitações de vária ordem, sendo de destacar as seguintes:

- a) Por se tratar de um estudo de sistemas familiares multigeracionais, implicou ponderação na escolha da metodologia de pesquisa, tendo o investigador optado pela definição de representantes de cada geração, neste caso três por família, como respondentes às questões de pesquisa o que resultou na omissão de alguns aspectos essenciais para a pesquisa. Mangen (1996), citado por Vicente (2010, p. 109), confirma que “quando se recorre a apenas um respondente por família, ou se focam sobre padrões relacionais que ocultam a experiência subjectiva dos seus membros, sobrestimam as regularidades do sistema e obscurecem as suas particularidades”;
- b) Escassez de material bibliográfico, em especial nacional, com abordagem relacionada ao tema em pesquisa;
- c) Falta de instituições comunitárias ligadas aos assuntos de família e, conseqüentemente a existência de dificuldades de acesso dos investigadores às famílias que constituem amostra da pesquisa;

- d) Falta de abertura das famílias na abordagem dos assuntos estritamente ligados à família, particularmente no que se refere às práticas tradicionais da família;
- e) Dificuldade de abordagem do assunto em língua materna.

3.11. Síntese do capítulo

O presente capítulo integra no seu conjunto aspectos metodológicos que definem o perfil da metodologia usada nesta pesquisa, ordenados pelas seguintes alíneas: Tipo de pesquisa, apresentação da amostra e dos instrumentos de pesquisa, nomeadamente, o genograma, a entrevista semi-estruturada, o FAST e modo de sua aplicação nos cinco estudos de caso, para o efeito seleccionados.

Este capítulo integra também e explica o funcionamento do modelo de classificação das variáveis coesão e hierarquia, a fiabilidade e validade dos instrumentos, considerações éticas e procedimentos metodológicos.

Quanto aos tipos de pesquisa o investigador considerou ideal a pesquisa qualitativa, por ser a mais adequada a pesquisas em áreas das ciências sociais, e complementada pela aplicação de estudos de caso.

Neste capítulo da metodologia foi também explicitado o título, o objecto e a forma como surgiu o tema do estudo. Foram também objecto de referência neste capítulo a apresentação da amostra e a descrição detalhada dos instrumentos de pesquisa, sobretudo quanto à sua aplicação na colecta de informação e de dados para substanciar a pesquisa. Foram apresentadas a amostra e os instrumentos de pesquisa utilizados, bem como foi feita a avaliação da fiabilidade e validade dos instrumentos aplicados na pesquisa.

As considerações éticas são uma referência obrigatória em pesquisas desta natureza, pois trata-se de uma pesquisa que mexe com seres humanos. Foi explicado o processo de elaboração e submissão ao Comité da Bioética para aprovação e autorização sobre a realização da presente pesquisa.

Na parte final do capítulo apresenta-se em detalhe o procedimento metodológico seguido na pesquisa, abrangendo todas as fases do percurso desta, desde a concepção que inclui a formulação do tema, a justificativa, definição dos objectivos e questões de pesquisa.

Nos procedimentos de pesquisa pode-se também encontrar o detalhe da forma como foi realizado o trabalho de campo, desde o contacto estabelecido com a CÁ-PAZ, instituição através da qual o investigador, com ajuda das activistas desta organização (Boas Vizinhas), conseguiu ter acesso às famílias que constituíram a amostra da pesquisa.

Finalmente, neste capítulo, já em contacto com as famílias, apresenta-se de forma metódica a aplicação dos instrumentos de pesquisa no processo de recolha de dados, seguindo-se as instruções do investigador, ao longo do diálogo estabelecido com as famílias.

CAPÍTULO 4. APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1. Introdução

No capítulo sobre a metodologia fez-se a descrição da estrutura da pesquisa pondo em evidência as razões da preferência pelo estudo qualitativo. Apresentou-se a população e a amostra da pesquisa e as suas características, os instrumentos usados para o diagnóstico dos casos e os respectivos procedimentos metodológicos. Neste capítulo serão apresentados, os casos estudados, analisados e discutidos os resultados obtidos, referentes a cada um dos cinco sistemas familiares multigeracionais.

Tratou-se de um estudo de famílias multigeracionais, cuja metodologia usada para a aplicação do FAST consistiu num contacto directo com um elemento de cada geração, tendo participado na pesquisa, desta forma, três elementos de cada sistema familiar como representantes da primeira, segunda e terceira gerações. Para preservar a identidade dos participantes nesta pesquisa, os nomes utilizados são fictícios. Sendo uma amostra que comporta um grande número de membros em cada sistema familiar, foi adoptado pelo pesquisador o formato utilizado por De Antoni (2005) que consiste em seleccionar algumas letras do alfabeto ao critério do autor (no máximo três), que fazem parte do nome verdadeiro, atribuindo assim o nome fictício ao indivíduo. Os resultados a serem apresentados e discutidos referem-se a família Huma, família Úque, família Hw, família Mone e a família CSS.

4.2. Apresentação dos resultados

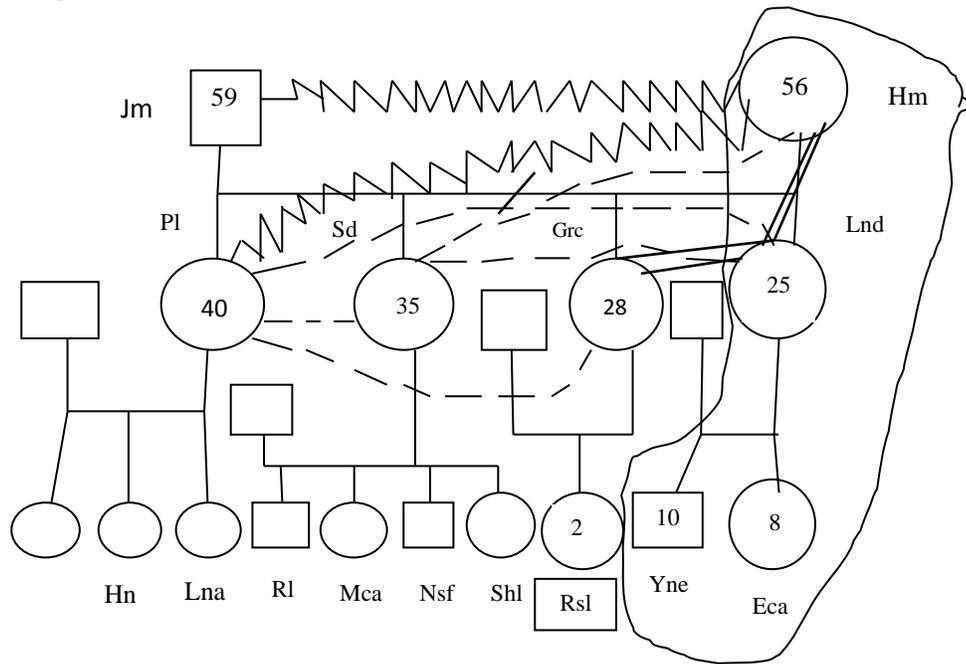
4.2.1. Caso da Família Huma

O núcleo da família Huma é constituído pelo Senhor Jm e pela Sra. Hm, os quais tiveram 4 filhos, nomeadamente a Pl de 40 anos, casada e mãe de três meninas, seguida da Sd de 35 anos, casada e mãe de 4 filhos, sendo dois rapazes e duas meninas. A terceira filha chama-se Grç de 28 anos, casada e mãe de uma filha de 2 anos e, a quarta e última filha do casal Jm e Hm chamada Lnd de 25 anos, é solteira e mãe de 2 filhos, isto é, um rapaz e uma menina. Na recolha de dados a família Huma indicou três membros do sistema familiar como seus representantes

nomeadamente, a senhora Hm que constitui a 1ª geração-G1, uma das filhas, a Lnd, pertencente a 2ª geração-G2, e um dos filhos desta, Yne de 10 anos, que faz parte da 3ª geração-G3, como mostra o genograma abaixo.

No prosseguimento da entrevista o investigador pediu á Sra. Hm que falasse da história da sua família de origem, e em resposta ela disse: “Esta família radicou-se em Conjoene onde foram cedidos poder nessa região por serem genros dos Conjos, mas pelo que sei, são originários de Siyaya, na zona de Xai-Xai em direcção a Chibuto. A família Huma, pertence a uma família do regulado facto que lhes obrigava a tomar conta dos pobres, pelo que os filhos cresceram juntamente com pessoas que não eram da família, mas que lá cresceram e quando adultas os pais organizavam casamentos como se fossem filhos da família”.

Gráfico 1-Genograma da Família Huma



Legenda

- Homem
- Mulher
- Triangulação
- Moram juntos
- Relacionamento conflituoso
- Relacionamento próximo
- Relacionamento distante

Segundo Wendt e Crepaldi (2007), o genograma é uma representação gráfica que mostra o desenho ou mapa da família contendo a multigeracionalidade dentro do sistema familiar. O genograma identifica a composição do sistema familiar, as suas relações e interações, os seus padrões de comportamento, nas suas diferentes vivências. No genograma da família Huma pode-se observar a existência do conflito no sistema conjugal, que resultou na separação dos cônjuges, bem como entre a Sra. Hm e a filha mais velha Pl. No sistema filial é notório o distanciamento relacional, particularmente entre a filha mais velha e a segunda, assim como no sistema parental entre as duas filhas e a mãe.

Através do genograma o pesquisador conseguiu conhecer a família e a sua dinâmica relacional. Pôde constatar que existe um conflito relacional entre alguns membros do sistema familiar caracterizado pela triangulação entre a mãe e duas filhas em relação a outras duas filhas. O processo de triangulação é bastante desgastante nas famílias pois, de acordo com Lawson e Brossart (2001) indica a carência de individualidade no núcleo familiar e, no caso desta família em que a sra Hm é a chefe ela demonstra alguma fragilidade e para se afirmar necessita de se unir a uma parte das filhas numa posição de hostilidade contra as outras. A Sra. Hm matriarca da família, confirma este facto quando diz: *a família não se entende desde que os mais velhos morreram*. Para ela a interação entre os diferentes membros integrantes da família multigeracional é fraca e o que mais lhe entristece é o facto de não haver entendimento entre ela e as filhas e, mesmo entre estas. Este dado pode prejudicar a função da família multigeracional como guarda de memórias familiares referida por Vicente e Sousa (2010).

Em relação à dinâmica e solidariedade intergeracional, verifica-se, por um lado, a ruptura da solidariedade entre a mãe (1ª geração) e as duas filhas que constituem a segunda geração e, por outro lado, uma forte dinâmica e solidariedade na relação entre os membros da segunda geração. A situação constatada neste sistema familiar contraria as evidências empíricas apresentadas por Vicente e Sousa (2007), que confirmam a manutenção da conexão das famílias nucleares. Do mesmo modo refuta o entendimento de Bengtson et al (2003) que se referem à inexistência de um declínio das relações multigeracionais.

4.2.1.1. Resultados da entrevista

Na entrevista semiestruturada aplicada à família Huma para além das práticas ritualistas, foi possível recolher e analisar a informação sobre as dinâmicas relacionais e solidariedade intergeracional que ocorrem neste sistema familiar, conforme o texto que segue:

4.2.1.1.1. Práticas ritualistas no sistema familiar Huma

Com a aplicação da entrevista nesta família foram constatadas as seguintes práticas ritualistas: *timhamba ta marilo*, *timhamba ta wungoma*, *kuphalha*, sistema de charás e evocação do nome da família “Huma/ZYÉÉ”. Neste sentido, as práticas ritualistas deste sistema familiar enquadram-se na concepção de Costa (2014), segundo a qual resultam na interacção familiar e são direccionadas para um fim específico. Conforme a família afirmou, estes rituais servem para manutenção da coesão com os seus antepassados pelo que se pode concluir que estes possuem um significado simbólico (Costa, 2014). Entretanto segundo Honwana (2002) o *kuphalha* não se circunscreve aos rituais *Timhamba*, mas “é antes uma forma permanente de comunicação, de apresentar respeito aos antepassados”.

Ainda sobre o ritual *Kuphalha*, Honwana (2002) explica que se trata de um acto que tem lugar em vários momentos, podendo ocorrer quando nasce uma criança na família, antes ou depois da colheita, durante a refeição, antes de uma viagem, etc. Para esta autora “a realização de *Kuphalha* dá aos indivíduos a sensação de segurança e estabilidade de que necessitam para levar por diante as suas vidas” (Honwana, 2002, p. 258).

A família “Huma” apresenta características especiais que a diferenciam de outras, visto que por razões histórico-culturais e tradicionais, esta é chefiada por uma mulher. A Sra. Hm, de 56 anos de idade, durante a entrevista disse que mantém o apelido Huma da sua família de origem (paterna), por ter sido possuída pelos espíritos da família, o que significa que “casou-se” com os espíritos desta, facto que lhe confere responsabilidade sobre todos os actos relacionados com as tradições desta família. Pelo facto de a Sra. Hm ser a guardiã dos espíritos da família Huma isso lhe confere a posição de chefe desta, e sendo praticante da medicina tradicional exerce funções

de *nyamusoro*. O estatuto que é atribuído à Sra. Hm pela família corrobora com o dito por Honwana (2002, p.59) segundo a qual “(...) os *nyamusoros* detêm conhecimento, o que por seu turno, lhes confere poder”.

Continuando com o depoimento da entrevista e em relação às práticas ritualistas, a senhora Hm disse: “*No passado os familiares juntavam-se para preparar e realizarem cerimónias e outros eventos*. Entretanto ela afirmou que já não existe este relacionamento entre os membros da família, conforme o seu depoimento “*as divergências começaram com a nossa geração sobretudo quando chegaram as cunhadas na família*”. Este dado contraria o estudo de Bengtson et al, (2003) que defendem a manutenção das relações intergeracionais da família.

4.2.1.1.2. Dinâmicas relacionais no sistema familiar Huma

Questionada sobre as dinâmicas que ocorrem na família, a Sra Hm afirmou que não havia entendimento nem respeito, devido por um lado, às transformações que estão a acontecer no país, e por outro, por causa da maneira de pensar das filhas que se traduz num comportamento de isolamento e projecção em relação à experiência afectiva na interacção com a mãe. A Senhora afirmou ainda que entre as irmãs também não havia entendimento, e isso preocupava-a muito porque o comportamento delas revela falta de amor umas pelas outras.

O depoimento da Sra. Hm sobre as dinâmicas que ocorrem no sistema familiar Huma confirma a afirmação de Boszormenyi-Nagy & Spark, (2012), que chama a atenção ao facto de que o equilíbrio na reciprocidade de uma relação não é estático e sempre requer restauração por forma a evitar-se que a relação degenera progressivamente. Portanto, está patente nesta família a necessidade de alguma acção que leve ao restabelecimento de relações harmoniosas entre os seus membros.

4.2.1.2. Resultados do FAST

Neste sistema familiar participaram na administração do FAST três pessoas representantes das três gerações da família, nomeadamente, a senhora Hm em representação da 1ª geração-G1, uma das filhas, a Lnd em representação da 2ª geração-G2, e um dos filhos desta, Yne de 10 anos, em representação da 3ª geração-G3.

Com a aplicação do FAST à família Huma o pesquisador pretendia avaliar a dinâmica e a solidariedade intergeracional neste sistema familiar. Nesta unidade de análise o pesquisador avaliou duas dimensões, nomeadamente a coesão e a hierarquia, em três contextos situacionais a saber: Situação típica, situação ideal e situação conflitual. Em cada uma das situações foi determinado o grau de coesão e classificada a hierarquia relativas a cada geração da família multigeracional em estudo, cujos resultados vêm representados nos quadros abaixo.

a) Representação e avaliação da situação típica

Quadro 1: Representação típica da Hm- G1

9									
8									
7				Hm	Lnd	Yne			
6				Grc	Eca				
5				Sd		Pl			
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 2: Representação típica da Lnd -G2

9									
8				Lnd	Hm	Grc			
7				Yne	Eca				
6				Sd		Pl			
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 3: Representação típica de Yne -G3

9									
8									
7				Hm	Lnd	Yne			
6				Eca	Gr	Sd			
5				Pl					
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na situação típica a Sra. Hm pôs os elementos do seu sistema familiar próximos uns dos outros, excepto um que foi posicionado distante dos restantes membros, facto que confere média coesão à família. Em relação à hierarquia a Sra. Hm colocou a sua figura (boneco) acima de dois blocos de madeira, indicando assim, o membro detentor de maior poder no sistema, que é ela.

A Lnd, filha da Sra. Hm, na avaliação da situação típica, procedeu tal como a mãe fez, apenas posicionando de forma diferente os membros do sistema familiar dentro do quadrante, com maior destaque na aproximação da Grç junto dela e da mãe, talvez devido à influência da aliança que existe entre elas, demonstrada no genograma familiar. Foi visível o afastamento da Pl e da Sd, facto que confere coesão média deste sistema familiar. Na hierarquia ficou classificada em 3 pontos, por ter colocado debaixo da sua figura um bloco de 4,5cm que é equivalente a uma classificação de 3 pontos.

Na percepção de relacionamento solidário entre os membros da família, na situação típica, posicionou a mãe distante dos restantes elementos da família, o que confirma a presença de média coesão porque todos os membros do sistema estão próximos uns dos outros. Em termos de hierarquia, Lnd colocou a figura de mulher em sua representação, sobre o bloco de 4,5cm, definindo-se assim como o elemento que tem maior autoridade no sistema.

O Yne em representação da terceira geração, posicionou os membros do sistema familiar uns ao lado dos outros, como indica o quadro 3. Este posicionamento de proximidade pode indicar a percepção que o Yne tem do tipo de relações que tecem na família, o que ele interpreta como

sendo uma família caracterizada por coesão alta. De facto, tal percepção pode reflectir certa imaturidade da parte do Yne, sendo um indivíduo na fase evolutiva. Quanto à hierarquia familiar ele sobrepôs a sua figura de homem num bloco de 4,5 cm obtendo 3 pontos. Isto significa que Yne reconhece na avó como a figura com maior influência na vida do sistema uma vez que ele vive e cresce sob o cuidado dela. Prosseguindo com a recolha de informações através do FAST, o pesquisador estimulou a família a representar a sua dinâmica relacional e solidária na situação ideal traduzida nos quadros 4, 5 e 6 a seguir.

b) Representação e avaliação da situação ideal

Quadro 4: Representação ideal de Hm-G1

9									
8									
7									
6				Hm	Pl	Lnd			
5				Sd	Grc	Yne			
4				Eca					
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 5: Representação ideal de Lnd-G2

9									
8						Hm	Lnd	Grc	
7						Sd	Pl	Yne	
6						Eca			
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 6: Representação ideal de Yne-G3

9									
8									
7				Hm	Yne	Lnd			
6				Eca	Grc	Sd			
5				Pl					
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação da situação ideal, a Sra. Hm, agindo como incentivadora da coesão na família, no seu ideal colocou ao seu lado, a Pl, filha com a qual tem vivido em conflito. Colocou também junto a si, os outros membros uns ao lado dos outros, como demonstração da vontade que tem de ver a existência de uma coesão alta na família. Quanto à hierarquia classificou-se em 3 pontos ao colocar-se sobre um bloco de 4,5 cm, confirmando o poder que possui na família.

A Lnd seguindo a linha de pensamento da mãe, também demonstrou o desejo de ver a família mais unida ao colocar-se junto da mãe, e também os outros membros do sistema familiar uns a seguir a outros, procedimento que resultou numa coesão alta na família. Na classificação hierárquica familiar atribuiu 4 pontos à sua mãe, ao juntar debaixo da figura desta, dois blocos de madeira de 4,5 cm e de 1,5 cm que somados resultam na pontuação acima referida, conferindo a ela o poder de líder da família.

No quadro 6 pode se ver a representação ideal de Yne, neto, na qual também demonstrou a vontade de viver numa família mais unida, resultando desse modo numa coesão alta. Na classificação quanto à hierarquia familiar Yne, o neto, sobrepôs-se a um bloco de 4,5 cm obtendo 3 pontos, sem pretensão nenhuma de assumir o poder da família, reiterando o papel da avó no exercício dessa função.

c) Representação e avaliação da situação conflituosa

Quadro 7: Representação conflituosa da Hm-G1

Quadro 8: Representação conflituosa da Lnd-G2

9									
8									
7				Hm	Lnd	Grc			
6				Yne	Eca				
5									
4									
3			Sd			Pl			
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

9									
8									
7				Lnd	Hm	Yne			
6				Eca	Grc				
5						Sd			
4									
3									
2						Pl			
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 9: Representação conflituosa de Yne-G3

9									
8									
7				Yne	Lnd	Hm			
6				Eca		Grc			
5				Sd		Pl			
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Considerando o conflito que se vive na família Huma, particularmente com a primeira e a segunda filha, nomeadamente a Pl e a Sd respectivamente, na representação da situação conflituosa a Sra, Hm procurou demonstrar o que acontece na realidade. Assim, ela colocou-se junto da Lnd e Grç, a última e a penúltima filha com as quais mantém um bom relacionamento, e também mais próximo dela os netos Yne e Eca. Colocou fora do quadrante a Pl e a Sd, conferindo desse modo uma baixa coesão ao sistema familiar.

Quanto à hierarquia, por ter colocado abaixo da sua figura de mulher um bloco de madeira de 4,5 cm e acrescido do outro de 1,5, com a pontuação de 3 e 1 ponto respectivamente, totalizando os 4 pontos, confirma o poder que possui no sistema familiar.

A Lnd na representação da situação conflituosa, em solidariedade com a mãe, colocou-se junto a esta, aos filhos e à irmã Grç, isolando a Sd dentro do quadrante e, colocando fora deste a irmã Pl. Este procedimento pesou para uma avaliação do sistema familiar como sendo de baixa coesão. A classificação da sua hierarquia foi de 3 pontos, por se ter elevado a um bloco de madeira de 4,5 cm, mantendo o poder da mãe na gestão da família Huma.

Na percepção do Yne, apesar do conflito que se vive na família e talvez devido ao factor de tenra idade, ainda não reúne capacidade de análise sobre as consequências de um relacionamento conflitual. Ele colocou todos os membros do sistema familiar dentro do quadrante, facto que permitiu a avaliação do sistema familiar como sendo de coesão média. A sua classificação na

hierarquia familiar é de 3 pontos por se ter sobreposto num bloco de 4,5 que permite a manutenção do poder na responsabilidade da avó.

4.2.1.3. Níveis de coesão e hierarquia na família Huma

As tabelas que seguem demonstram os níveis de coesão e hierarquia existentes na família Huma, nas diferentes situações (típica, ideal e conflituosa), resultando na estrutura relacional que caracteriza este sistema familiar.

Tabela 1: Resultados do Caso família Huma na situação típica

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Hm	G1	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Lnd	G2	Coesão média Hierarquia baixa	Instável
Ynes	G3	Coesão média Hierarquia baixa	Instável

Na tabela 1 nota-se que na situação típica a coesão e a hierarquia vai de baixa à média, originando em termos relacionais, um funcionamento estrutural instável e equilibrado.

Tabela 2: Resultados do Caso família Huma na situação ideal

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Hm	G1	Coesão alta Hierarquia baixa	Desequilibrada
Lnd	G2	Coesão alta Hierarquia média	Equilibrada
Ynes	G3	Coesão alta Hierarquia média	Equilibrada

Na 2ª tabela a família Huma mostra coesão alta em vez da hierarquia que vai de baixa a média, com repercussão na estrutura relacional caracterizada pelo equilíbrio e desequilíbrio.

Tabela 3: Resultados do Caso Huma na situação conflituosa

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Hm	G1	Coesão baixa Hierarquia média	Equilibrada
Lnd	G2	Coesão baixa Hierarquia baixa	Desequilibrada
Ynes	G3	Coesão média Hierarquia baixa	Instável

Na tabela 3 os resultados mostram que os níveis de coesão e hierarquia existentes no sistema familiar da Sra. Hm, vão de baixa à média. Estes níveis de proximidade e de poder têm como consequência uma estrutura relacional que umas vezes é instável e desequilibrada, e noutras é equilibrada.

Foi feita uma análise qualitativa com base nas representações de cada geração em estudo nesta pesquisa e, conforme o resumo contido nas tabelas acima apresentadas, facilmente pode-se verificar que a natureza da estrutura relacional encontrada não é consistente, distribuindo-se entre as três situações (instável, desequilibrada e equilibrada), com maior destaque na estrutura relacional equilibrada, que segundo Gehring e Marti (1993) ao se estabelecer a relação entre as variáveis coesão e hierarquia, obtém-se como resultado a avaliação da estrutura relacional.

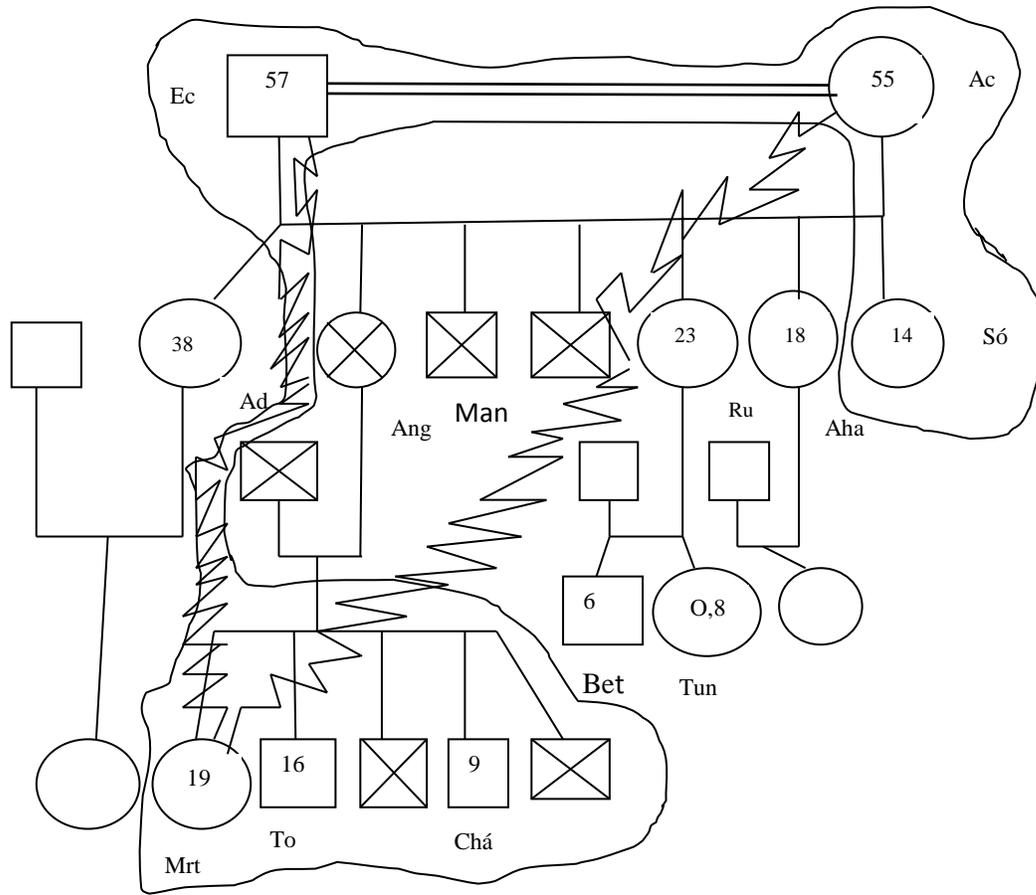
No caso da família “Huma”, os resultados aqui apresentados no âmbito de aplicação do FAST confirmam as inquietações da Sra. Hm, reveladas durante a entrevista e a construção do genograma, as quais revelaram as relações deficientes existentes entre os membros deste sistema familiar multigeracional. Esta situação contraria o pressuposto pela teoria das relações, que defende o envolvimento de todos os membros do sistema familiar na manutenção de relações entre as diferentes gerações e a interdependência uns com os outros (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2012).

4.2.2. Caso da Família Úque

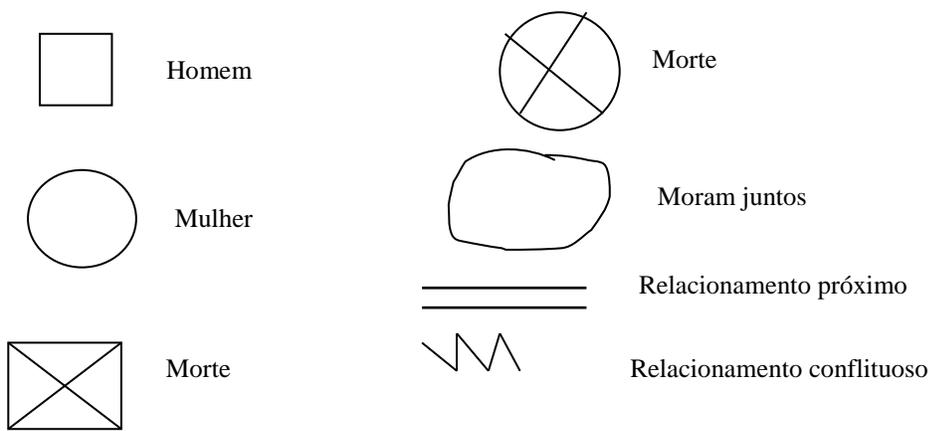
A entrevista foi aplicada ao Senhor Ec, patriarca da família, acompanhado pela sua esposa Ac. O investigador começou a entrevista questionando sobre o nome da família, e em resposta o interlocutor disse: *“é a família Úque, e eu me chamo Ec”*. A esposa disse: *“chamo-me Ac, porque assim determinam as leis da igreja que assim seja, mas que o apelido da minha família é Csa”*. Em seguida explicaram que eram originários de Magude, mas devido às guerras radicaram-se no Chokwé. Questionado sobre a história da família Úque o senhor Ec afirmou: *“somos originários de Lhenguene”*. O investigador, querendo certificar a origem da família, perguntou se Lhenguene não era Malvéria, o que foi confirmado pelo patriarca da família dizendo que ficava junto à fronteira com o Zimbábue, mas logo de seguida o senhor Ec disse: *“Eu nasci na Macia, localidade de Incaia”*.

A construção do genograma na família Úque encontra o seu fundamento na afirmação de Wendt e Crepaldi (2007), ao afirmar que este serve para o mapeamento da estrutura familiar, a identificação dos seus padrões de relacionamento no sistema familiar, bem como a identificação das dificuldades existentes que impedem uma boa convivência. Conforme se nota no genograma a representação gráfica da família nuclear Úque é constituída pelo Sr. Ec e a Sra. Ac, que tiveram 7 filhos (2 homens e 5 mulheres), dos quais morreram três (2 Homens e 1 Mulher) nomeadamente a Ad de 38 anos, mãe de uma menina, seguida pela Ang, já falecida, que deixou três filhos, (uma menina e dois rapazes). Seguiram a Ang, dois rapazes já falecidos, dos quais um foi em tenra idade. A quinta filha chama-se Ru de 23 anos, casada e mãe de Bet de seis anos e da Tun de 8 meses. A penúltima filha, Aha, de 18 anos, casada e em estado de gestação, e, por último a Só, de 14 anos. Assim, a família Úque se identificou conforme o genograma que segue:

Gráfico 2 - Genograma da Família Úque



legenda



4.2.2.1. Resultados da entrevista

Neste tópico são apresentados e analisados os resultados da entrevista semi-estruturada os quais contemplam as práticas ritualistas, a dinâmica relacional e a solidariedade intergeracional que ocorrem no sistema família Úque, conforme se pode ver a seguir.

4.2.2.1.1. Práticas ritualistas no sistema familiar Úque

O pesquisador questionou sobre os rituais praticados na família ao que o Sr. Ec afirmou que utilizam o “ Sistema de Charás”, e logo a seguir a Senhora Ac apresentou os nomes das filhas dizendo: *“a primeira filha ficou apenas com o nome de Ad, no caso da segunda filha, o nome de Ang foi inspirado no da minha mãe que se chamava An, portanto é chará da avó dela. Mas o nome tradicional dela chama-se Mpa, irmã mais velha da minha Mãe. A Ru recebeu o nome da minha avó Dna, enquanto que a Aha tem o nome da mãe do pai dela, ou seja a avó paterna, e se chama Wci. A Só o seu nome tradicional é Wapsi”*. Porque Wapsi é diminutivo de Wapsikarati e, na língua changana significa *“pessoa de difícil relacionamento”*, o investigador para melhor entender perguntou se era de facto um nome atribuído ou foi assim chamada por ser uma pessoa de difícil relacionamento? A resposta foi de que não se conheciam as razões, pois trata-se de pessoas que existiram há muito tempo, eles não conviveram com essa geração. Sobre a forma como foram atribuídos os nomes no quadro do “Sistema de Charás” afirmaram que foi apenas para homenagear os seus antepassados, e não foi necessário consultar *“Tinholo”*. O formato utilizado na atribuição de nomes por esta família é confirmado na literatura por Junod (1996), ao referir-se a um dos quatro modos utilizados na escolha de nomes que consiste em dar o nome de um antepassado (*kupfluxa vito dra khale*) como forma de recordá-lo.

Segundo o nosso entrevistado outros rituais que decorrem na família, sobretudo no âmbito da vida espiritual desta são o *Timamba ta Marilo* – missa dos defuntos que é liderada pela Igreja Velhos Apóstolos. E acrescentou: *“Nós somos crentes da Igreja Velhos Apóstolos, a tradição foi utilizada pelos nossos antepassados”*. Em relação a outros eventos na família, como casamentos,

e lobolo a sua preparação, organização e realização é liderada por um tio que vive no Damanso e uma tia que vive na Matola rio.

Com a insistência do investigador sobre as razões que levam a família a abandonar o modelo tradicional na observância dos cultos aos espíritos da família, o Senhor Ec respondeu: “ *A tradição é complicada e muitas vezes leva a desentendimento familiar, por exemplo quando vou consultar Tinho, podem dizer que quem traz feitiço na tua família é um dos seus familiares, isso resulta em desentendimento, daí que o nosso refúgio é a Igreja*”. Essa tendência confirma o estudo de Honwana (2002), onde um dos informantes disse que a sua família pertencia à igreja Doze Apóstolos e o *mhamba* da família era presidido pelo pastor da igreja. Apesar de o entrevistado realçar que a família segue os preceitos da Igreja, as práticas ritualistas por ela vivenciadas demonstram que na essência cumprem rituais relacionados com o culto dos antepassados.

Sobre a evocação do apelido Úque o Senhor. Ec. disse: *Shilhango/Bendane*, e explica que a forma de evocação depende de região em região. Questionado sobre o porquê a palavra “Úque” não é mencionada durante a evocação, ele afirmou: “*sim também é evocada, só que já não me lembro como isso é feito*”.

4.2.2.1.2. Dinâmica relacional no sistema familiar Úque

Quanto à dinâmica intergeracional as relações existentes no seio da família nuclear Úque são caracterizadas por uma forte aliança entre os cônjuges, constituindo exemplo positivo para os restantes membros. Este tipo de dinâmica relacional pode concorrer para um bom desempenho da função da família como guarda de memórias familiares que visa garantir a transmissão dos saberes, valores e códigos entre gerações (Vicente & Sousa, 2010). Entretanto, nota-se um conflito entre o casal e a neta Mrt, pelo facto desta não se interessar pelos estudos. A atitude desta neta leva-nos a evocar a dimensão consensual e normativa referida por Vicente e Sousa (2010), que regem a dinâmica e solidariedade entre as diferentes gerações da família multigeracional. As duas dimensões privilegiam o consenso sobre valores e estilos de vida e a observância de obrigações. No caso em análise o relacionamento entre os avós e a neta é afectada por falta de observância do teor destas dimensões.

Quanto à educação dos jovens o Senhor Ec disse: “*nos dias de hoje é sempre uma luta porque são poucos os que nos ouvem*”. O investigador, para enfatizar e elogiar os ensinamentos que em pouco tempo pôde constatar na família Úque disse o seguinte: Estou a ver uma jovem (referindo-se à neta Mri), a moer milho para fazer *Wupsá*¹, o que já não acontece em muitas famílias, isso é sinal de que ainda consegue educar os jovens da sua família. Esta abordagem sobre a educação dos mais jovens decorre no quadro do relacionamento intergeracional construído na família Úque, ilustrando como ocorrem os processos de transmissão, e confirma a afirmação de Williamson e Bray (1988) ao referir que os processos de transmissão ocorrem largamente através da aprendizagem social os quais começam normalmente pelo triângulo primário que comporta pai, mãe e filhos, estendendo-se pelos restantes membros da família.

Os dados obtidos da presente entrevista permitiram compreender a dinâmica relacional assente nas práticas ritualistas e na interacção existente entre os membros do sistema familiar Úque. A realização dos rituais, particularmente a aplicação do sistema de charás consolida a solidariedade intergeracional, mantendo vivas as memórias dos antepassados da família, pelo papel que desempenha na recordação dos feitos das gerações passadas.

4.2.2.2. Resultados do FAST

O FAST foi aplicado à família Úque com o objectivo de avaliar a dinâmica e a solidariedade intergeracional no sistema familiar, tendo para isso usado duas dimensões básicas, nomeadamente a dimensão coesão em situação típica, ideal e de conflito e a da hierarquia que foi classificada por cada geração da família multigeracional em estudo.

Participaram na aplicação do FAST, três membros da família Úque em representação das três gerações, nomeadamente, o Senhor Ec, em representação da 1ª geração-G1, uma das filhas, a

¹É um prato feito de milho cujo processo de preparação obedece a duas etapas:

1ª Etapa- Pilar os grãos de milho, que resulta na retirada de farelo utilizando (Tchuzri) – pilão, instrumento feito de tronco de árvore e um Mussi (pau de pilar);

2ª Etapa- Moer os grãos de milho num Xihisso (alguidar), depois de estar de molho no mínimo durante 24 horas.

Aha de 18 anos, em representação da 2ª geração-G2 e a neta Mrt de 19, na qualidade de representante da 3ª geração-G3, cujos resultados são evidenciados nos quadros que seguem:

a) Representação e avaliação da situação típica

Quadro 10: Representação típica de Ec-G1

9									
8									
7	Fic	Ec	Ac	So					
6	Bet	To	Cha						
5		Tun	Aha	Ru					
4									
3		Mrt							
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 11: Representação típica da Aha-G2

9									
8									
7	Bet	Aha	Ac	Ec					
6	Fic	Ad	Ru	So					
5		Mrt							
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 12: Representação típica da Mrt-G3

9									
8									
7				Ec	Ac				
6				To	Cha	Ad			
5				Ru		Aha			
4									
3					Mrt				
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação típica o Sr. Ec, pai da família Úque, colocou-se ao lado da Sra. Ac, confirmando a forte aliança que existe entre o sistema conjugal, devidamente ilustrada no genograma familiar. Progressivamente colocou também os netos e as filhas, mais próximos dele. Entretanto, colocou a Mrt, uma das netas, fora do quadrante, o que revela a existência de conflito relacional entre os avós e a neta Mrt pelo facto desta não se importar com os estudos. Face a este

problema a solidariedade e a dinâmica relacional ficam afectadas, resultando em baixa coesão no sistema familiar. Quanto à hierarquia o sr. Ec, na representação típica, é classificado com 3 pontos, por ter colocado abaixo da sua figura de homem, um bloco de 4,5 cm e confirma-se como detentor de poder na família.

Na representação típica da Aha, penúltima filha da família, na qualidade de representante da 2ª geração, isolou a Mrt. Entretanto ela colocou-se junto aos pais, sobrinhos e Ad, a irmã mais velha, como pode notar-se no quadro 11. Esta representação confere uma coesão média ao sistema familiar. Na hierarquia familiar a Aha ficou classificada em 3 pontos por ter sobreposto a figura que representa mulher em cima de um bloco de 4,5 cm. Entretanto, reconhece que o avô é que tem o poder na família.

A Mrt, na qualidade de representante da 3ª geração, confirma o conflito que abala a família ao colocar-se fora do quadrante na representação típica, em demonstração do sentimento de exclusão na família, facto que revela que não se sente arrependida, mantendo o conflito em aberto. Em contrapartida coloca dentro do quadrante os avós lado a lado, seus irmãos (Tó e Chá) e as tias Ad, Ru e Aha, conferindo uma baixa coesão ao sistema familiar. Quanto à hierarquia foi classificada com 1 ponto, por a sua figura de mulher ter sido sobreposta sobre um bloco de 1,5cm o que significa que a Mrt não possui nenhum poder na família. Na situação ideal a família representou-se como indicam os quadros 13, 14 e 15, que seguem:

b) Representação e avaliação da situação ideal

Quadro13: Representação ideal do Ec-G1

9									
8									
7				Ec	Ac	Mrt			
6				Aha	Ru	Ad	Fic		
5				Tun	So	Bet	To		
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 14: Representação ideal da Aha-G2

9									
8									
7				Aha	Ec	Ac	Bet		
6				Mrt	So	Ru	Ad		
5				Cha	To	Tun	Fic		
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 15: Representação ideal da Mrt-G3

9									
8									
7									
6									
5									
4		Mrt	Ac	Ec					
3		Aha	To	Cha	Bet				
2		Ad	Ru	Tun	Fic				
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação ideal o Sr. Ec colocou-se ao lado da esposa Ac e no espaço seguinte a Mrt a neta com a qual está em conflito, manifestando a vontade de estabelecer um bom relacionamento com ela, progressivamente colocou os filhos e os netos dentro e fora do quadrante e junto à linha divisória, adoptando o raciocínio de Gehring (1993), sobre o nível de coesão nas famílias numerosas. Assim, nesta representação a família foi considerada como sendo de coesão média.

Na representação ideal o Sr. Ec sobrepôs-se sobre dois blocos de madeira, sendo um de 4,5 cm e outro de 1,5 cm, facto que lhe conferiu a classificação da hierarquia de 4 pontos, mantendo o poder sobre o sistema familiar.

A Aha na qualidade de representante da 2ª geração da família Úque, na situação ideal, representou a família como sendo de coesão média, colocando-se junto aos pais, seguidos da sobrinha Mrt, outros sobrinhos e as irmãs Ru e Ad, sendo que a última juntamente com dois sobrinhos estão colocados fora do quadrante, mas junto à linha divisória. A sua classificação hierárquica equivale a 2 pontos, correspondentes à sobreposição da sua figura de mulher sobre um bloco de 3 cm.

Na representação ideal a Mrt demonstrou a vontade que tem de se reconciliar com os avôs ao coloca-los junto de si, seguidos pelas tias Aha, Só e Ru, irmãos e primos. Com este procedimento a família foi classificada como sendo de coesão média, pelo facto de alguns membros estarem fora do quadrante, mas juntos da linha divisória. Na hierarquia apresenta uma

classificação de 3 pontos, pelo facto de a sua figura de mulher ter sido colocada por cima do bloco de 4.5 cm.

Na situação de conflito as representações da família confirmam-se segundo os quadros que seguem;

c) Representação e avaliação da situação conflituosa

Quadro 16: Representação conflituosa do Ec-G1

9									
8		Mrt		Ec	Ac	Aha	Cha		
7				Ru	Tun	So			
6				Ad	Bet	Fic			
5									
4				To					
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 17: Representação conflituosa da Ah-G2

9									
8									
7				Aha	Ec	Ac			
6				Ad	Tun	Ru			
5				Fic		To			
4								Mrt	
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 18: Representação conflituosa da Mrt-G3

9									
8				Mrt	To	Cha			
7				Ad	Bet	Tun			
6						Ru			
5							Aha		
4		Ec	Ac						
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Em situação conflituosa o Sr. Ec, pai da família, colocou-se junto à esposa Sra. Ac, as filhas Aha, Ru e Ad, com a maior parte dos netos dentro do quadrante, com excepção de Mart e To que ficaram isolados fora do quadrante. Nesta representação mais uma vez o Sr. Ec reafirmou a sua tristeza sobre o conflito que afecta o sistema familiar manifestado através do mau

comportamento da sua neta Mrt. Esta representação atribuiu uma baixa coesão à família Úque, afectando a dinâmica e a solidariedade entre os membros da família. Na avaliação da hierarquia a figura do Sr. Ec ficou sobreposta sobre um bloco de madeira de 4,5 cm, ficando com uma classificação de 3 pontos, mantendo o poder de decisão sobre os membros da família.

A Aha, representante da 2ª geração colocou a figura de mulher, em sua representação, dentro do quadrante seguido pelos pais, as irmãs Ad e Ru, e também pelos sobrinhos Tun, Fic e To. Fora do quadrante colocou a Mrt pelos mesmos motivos apresentados pelo pai. Com esta representação podemos compreender que o conflito instalado afecta a dinâmica relacional e a solidariedade que devia existir entre os membros da família. Este procedimento concorreu para classificar o sistema familiar como sendo de baixa coesão. A sua hierarquia foi classificada com a pontuação 2, por a sua figura estar colocada sobre o bloco de 3 cm, reafirmando o poder do pai na orientação do sistema familiar.

A representação da situação de conflito da Mrt mostrou uma vontade de dominar a família ao colocar-se dentro do quadrante, num lugar de destaque que sempre foi ocupado pelo avô, seguido de seus irmãos To e Chá, como quem diz: “se eu tiver poder vou mandar a todos e ter os meus irmãos sempre perto de mim”. Ainda dentro do quadrante colocou a sua tia Ad, os primos Bet e Tun. Fora do quadrante colocou bem distantes os seus avós Ec e Ac e também a sua tia Aha. Este comportamento é indício de vingança, de ressentimento em relação aos avós, conferindo uma baixa coesão à família. Esta representação demonstra que o conflito está longe de ser resolvido, afectando cada vez mais a dinâmica relacional, a solidariedade desejada pelos membros do sistema familiar. Entretanto nota-se que o conflito existente que envolve os avós e a neta Mrt é gerido de forma solidária por todos, tendo em vista a correcção do comportamento desta. Na sua percepção de hierarquia, Mrt colocou-se em cima de dois blocos de 4,5 e de 1,5, correspondentes a 3 e 1 ponto respectivamente, totalizando 4 pontos, demonstrando desta forma o seu poder dentro do sistema familiar.

Regista-se neste sistema familiar algum desvio de comportamento de um membro da família, a Mrt, que em algum momento tentou estabelecer coalisção com seus irmãos To e Cha. Mas porque a maioria dos membros do sistema estão solidários na gestão correctiva deste comportamento, a acção da Mrt não tem perturbado a dinâmica relacional e, o interesse de todos em contribuir na

correção do seu comportamento, catalisa acções de solidariedade multigeracional. Na hierarquia todos consideram o Senhor Ec, a pessoa com poder de decisão sobre todos os membros do sistema familiar.

4.2.2.3. Níveis de coesão e hierarquia na família Úque

As tabelas que abaixo seguem apresentam os resultados encontrados na análise da relação entre a coesão e hierarquia, resultante da avaliação das situações típica, ideal e conflituosa, ficando aqui demonstrada a dinâmica e solidariedade intergeracional. Este exercício permitiu também a identificação da estrutura relacional do sistema familiar Úque.

Tabela 4: Resultados do Caso família Úque na situação típica

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Ec	G1	Coesão baixa Hierarquia baixa	Desequilibrada
Aha	G2	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Mri	G3	Coesão baixa Hierarquia média	Instável

A tabela 4 refere-se à avaliação da situação típica onde a coesão e a hierarquia são predominantemente baixa e média respectivamente, favorecendo uma estrutura relacional distribuída em desequilibrada, equilibrada e instável.

Tabela 5: Resultados do Caso família Úque na situação ideal

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Ec	G1	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Aha	G2	Coesão média Hierarquia baixa	Instável
Mri	G3	Coesão média Hierarquia baixa	Instável

Na tabela 5 a estrutura relacional é tendencialmente instável, reflectindo a avaliação da situação ideal, onde constatou-se a existência de uma coesão média e hierarquia baixa.

Tabela 6: Resultados do Caso família Úque na situação conflituosa

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Ec	G1	Coesão baixa Hierarquia média	Instável
Aha	G2	Coesão baixa Hierarquia baixa	Desequilibrada
Mrt	G3	Coesão baixa Hierarquia baixa	Desequilibrada

Na avaliação da situação conflituosa a estrutura relacional revela ser desequilibrada, obtida da classificação dos níveis de coesão e hierarquia em baixa pelos representantes das três gerações (G1;G2 e G3), deste sistema familiar.

Os resultados da aplicação do FAST nas três situações (típica, ideal e de conflito), mostram uma estrutura relacional familiar desequilibrada, com maior evidência na situação conflituosa. Neste caso, observando atentamente as tabelas de resultados pode-se concluir que a coesão e a hierarquia coincidem na maior parte dos casos nos extremos (alta-alta; baixa-baixa; ou alta-baixa; baixa-alta), numa análise qualitativa, segundo a estrutura relacional adaptada de Gehring e Marti (1993).

Käppler (2002), numa comunicação pessoal proferida a 19 de Outubro de 2002, afirmou que uma avaliação isolada da coesão revela que quanto mais coesos estiverem os membros de um determinado sistema familiar, numa perspectiva linear, melhor é o relacionamento entre os integrantes desse sistema familiar. No entanto, este mesmo autor chama a atenção para o facto de que associada à estrutura de poder, ou seja, a hierarquia numa conjugação dos extremos de coesão (alta coesão e baixa hierarquia), pode ser maléfica para a estrutura relacional da família. No caso em análise, os resultados obtidos corroboram com a ideia de Kappler (2002) exigindo deste modo alguma correcção no funcionamento da estrutura relacional deste sistema familiar.

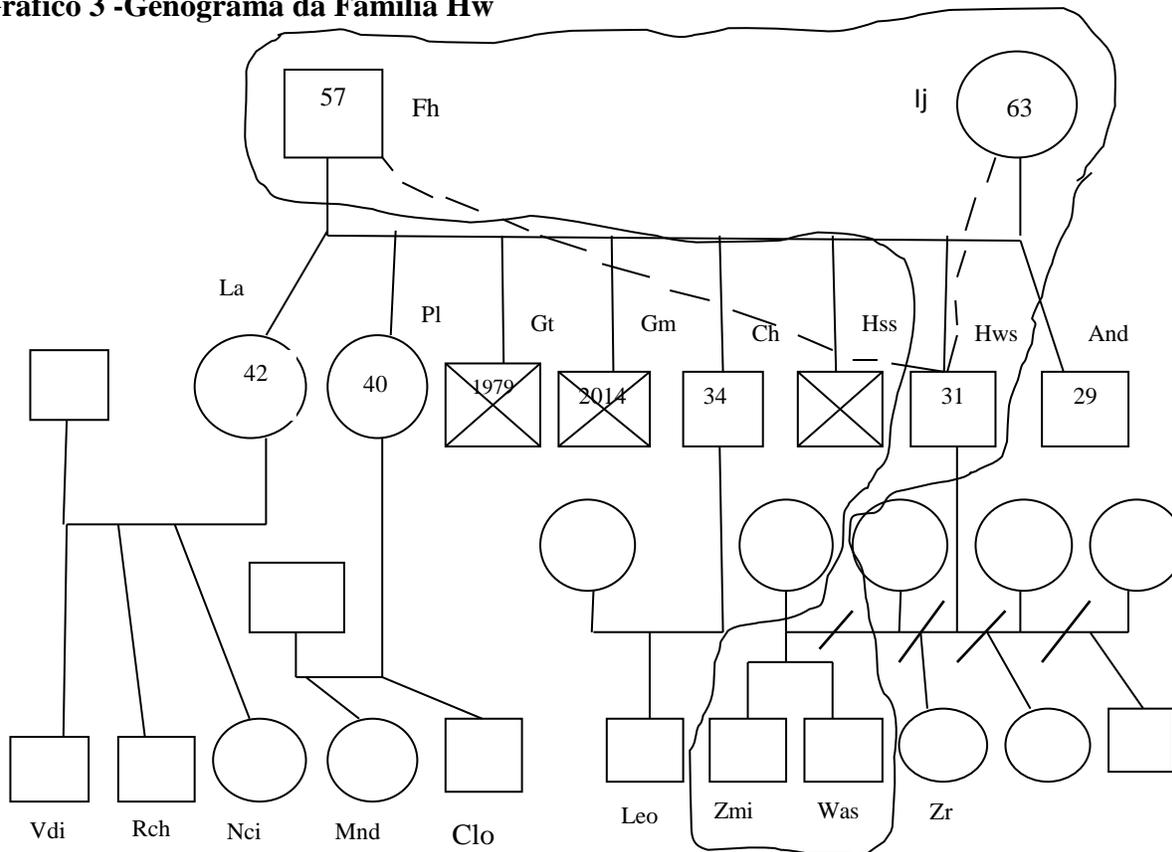
4.2.3. Caso da Família HW

Sobre a origem da família o senhor Fh explicou o seguinte: *“a família Hw é originária de Cabo Delgado, confinados na zona das Ihas Quirimbas, Ibo e Quissanga, estão no meio entre Macuas e swahiles. Não falam Maconde mas sim, falam Kiwane e Swahile”*. O Senhor Fh acrescentou que a actividade principal naquela região é a pesca, adicionando algum humor à conversa disse: *“Quem não pesca não se casa”*.

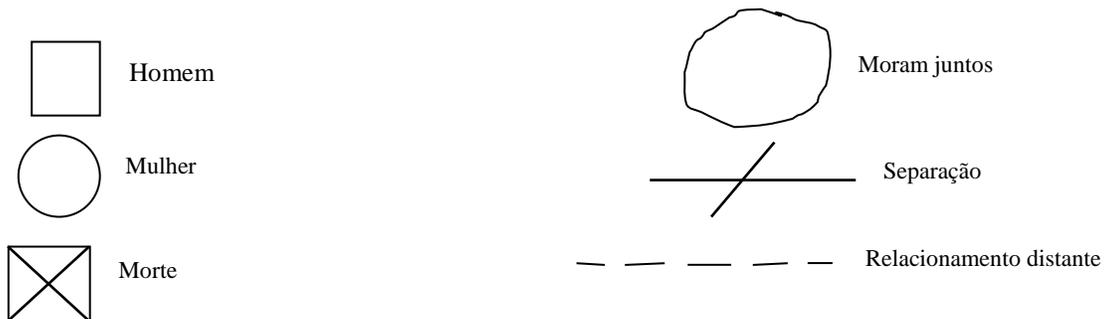
Questionado se para eles ficava distante a zona dos macondes, afirmou que sim, e que a etnia maconde se estendia até nalgumas zonas do Niassa. A senhora Ij, esposa de Fh, é natural de Maputo, mas viveu na terra do marido por muitos anos. É lá onde nasceram os primeiros filhos, de modo que também fala Swahili e Kiwane. O Senhor Fh afirmou: *“conhecemo-nos no governo de transição, quando cheguei a Maputo. Eu sou antigo combatente”*. Dito isso, o investigador reconheceu a razão de uma pergunta feita pelo Sr. Fh, em que procurou saber para onde seria levada a informação colhida naquela entrevista, concluindo que era uma questão de segurança própria de quem passou maior parte da sua vida em missões militares.

O sistema familiar Hw apresenta uma estrutura multigeracional constituída por três gerações, destacando-se a família nuclear formada pelo subsistema conjugal constituído por Fh e Ij, que pertencem à 1ª geração. Este é seguido pelo subsistema filial de oito filhos (duas meninas e seis rapazes), dos quais morreram três rapazes. A La de 42 anos é a 1ª filha, casada e mãe de Vdi, Rch e Nci, seguida pela Pl de 40 anos, casada e mãe da Mnd e do Clo. Esta é seguida pelo Gt, falecido em 1979 e pelo Gm, falecido aos 35 anos em 2014. A estes segue O Ch de 34 anos, pai do Leo, seguido pelo Hss falecido ainda criança, a quem segue o Hws de 34 anos pai de cinco filhos que resultaram do seu relacionamento marital com quatro mulheres. São no total 11 netos que constituem a 3ª geração desta família, conforme ilustra o genograma abaixo.

Gráfico 3 -Genograma da Família Hw



Legenda



Pela representação gráfica pode visualizar-se que se trata de uma família de três gerações composta de vários subsistemas.

4.2.3.1. Resultados da entrevista

A seguir são apresentados dados recolhidos sobre a família Hw referentes as práticas ritualistas e a dinâmica relacional e solidariedade intergeracional que acontecem nesse sistema familiar. O interlocutor principal na entrevista foi o Sr. Fh, na qualidade de patriarca da família, acompanhado pela esposa Ij. Depois da explicação do investigador sobre as razões da sua presença na família Hw, bem como os procedimentos a serem seguidos ao longo da entrevista, o Sr. Fh questionou: “*para onde o senhor irá levar a informação colhida nesta entrevista*”? Em resposta o investigador explicou que a informação serviria para ele escrever uma tese como forma de prestação de um exame e será apresentada à Universidade Eduardo Mondlane. O investigador esclareceu também que a informação não seria apresentada à televisão e nem a nenhuma outra entidade de comunicação. Assim, a entrevista prosseguiu abordando os aspectos a seguir indicados:

4.2.3.1.1. Práticas ritualistas do sistema familiar Hw

Questionado sobre as tradições dos kiwanes, o senhor Fh disse: “*Nós somos mahometanos, praticamos a religião muçulmana. Os principais rituais estão relacionados com o Ramadan que é o culminar do período de jejum, 30 dias depois do seu início*”. Mais adiante o nosso entrevistado afirmou: “*as cerimónias onde se recordam os defuntos são realizadas de acordo com os preceitos da religião muçulmana*”. A senhora Ij acrescentou “*faz-se um grande Zihart, onde deve estar presente toda a família, em que se faz a lista de toda a gente da família incluindo os mortos para participarem na festa*”. Acrescentou que essa lista sempre existe, o que acontece é que quando alguém morre, acrescenta-se o seu nome na lista, ou seja, a lista sempre é actualizada. Afirmou ainda que “*nesse dia vai-se ao cemitério visitar as campas e depois fazem-se rezas na mesquita, no fim da cerimónia há um almoço conjunto de toda a família*” sublinhou a Sra. Ij.

A organização e realização deste ritual neste sistema familiar, que tem como requisito principal a presença de toda a família (os membros vivos e mortos) está de acordo com a afirmação de Semblano (2009), que preconiza que os rituais envolvem os vários membros da família e

conferem significado às actividades do grupo. Nesta família a forma de organização dos rituais demonstra que se encontra reflectida a visão africana da família ao integrar os vivos e os mortos, na celebração destas (Honwana, 2002).

Outro ritual importante referido pelo casal HW é relacionado com os ritos de iniciação em que ambos disseram: *“quando as crianças crescem, numa certa idade são levadas para o mato onde são ensinadas como proceder na vida adulta”*. *“A duração dos ritos é de trinta dias”*. Segundo a senhora Ij, logo que terminam os ritos tanto a menina assim como o rapaz consideram-se preparados para o casamento. Os ritos de iniciação diferenciam-se na sua prática e rigor quanto à sua realização, das restantes regiões do país, sendo por isso considerados uma particularidade nesta pesquisa. A intervenção dos entrevistados sobre os ritos de iniciação reforça o pensamento de Osório (2013), ao afirmar que estes rituais são legitimados culturalmente com finalidade de socialização familiar, baseada nas representações e práticas que conferem hierarquia e poder aos jovens envolvidos.

O subsistema casal desta família é constituído por indivíduos naturais de duas zonas culturais diferentes, sendo o Senhor Fh, marido, originário da província de Cabo delgado, zona norte de Moçambique, e a Senhora Ij, a esposa, natural do Maputo, no extremo Sul de Moçambique. É uma família com uma vivência cultural diferente das famílias que já foram vistas até agora, sendo de destacar como característica marcante a prática dos ritos de iniciação. Estas diferenças são explicitadas pela dimensão sócio cultural que considera a influência que os valores culturais e os sistemas sociais mais amplos exercem nos sistemas familiares, operacionalizados na forma de rituais como processos de aquisição de identidade da família (Bermúdez & Brik, 2010).

Quanto ao Sistema de Charás, o Senhor Fh explicou o seguinte: *“os nossos nomes são tradicionais, mas o regime colonial obrigava-nos a termos um nome português, é daí que tive o nome de F porque o meu nome verdadeiro é Lhw”*. Nesta família também é notória a tendência de atribuir nomes dos antepassados como forma de recordá-los o que confere com os dados do estudo de Junod (1996).

Em termos globais pode-se afirmar que as práticas ritualistas da família Hw são incentivadoras para o estabelecimento de dinâmicas relacionais e solidariedade entre os membros do sistema

familiar, o que confere com os ditos de Semblano (2009), ao destacar como funções mais importantes dos rituais, a possibilidade de gerir mudanças que sucedem na família, criando dessa forma, a estabilidade, a definição da estrutura familiar que possa facilitar a transmissão de valores e crenças que contribuem para formação e manutenção das relações interpessoais, ajudar a exprimir valores e crenças, elaborando significados que contribuem para a coesão e identidade familiar.

4.2.3.1.2. Dinâmica relacional no sistema familiar Fw

De acordo com o nosso interlocutor da entrevista, nesta família registam-se dinâmicas relacionais intensas e diversificadas entre os membros deste sistema familiar. No entanto importa destacar o distanciamento que se verifica entre o sistema conjugal e um dos filhos, o Hws, que se deve à má conduta deste. Esta constatação contraria a afirmação de Boszormenyi-Nagy e Spark, (2012), segundo a qual o estabelecimento de uma dinâmica relacional entre os membros do sistema familiar é devidamente regrado quanto às obrigações e lealdades definidas como forma típica de ser e estar de cada membro. Num outro questionamento o senhor Fh tomou a palavra dizendo: *“existe entendimento entre nós os pais e os filhos, entre irmãos e outros membros da família, de tal forma que nas datas comemorativas de maior relevo, todos os filhos encontram-se aqui em casa”*.

Quanto à sua constituição a família Hw observa o modelo sistémico, tal como as outras. Contudo, pela natureza da religião que professa, diferencia-se no rigor com que observa a aplicação das práticas ritualistas e na forma da celebração das mesmas, facto que acrescenta valor na diversidade cultural existente nas diferentes regiões do país.

4.2.3.2. Resultados do FAST

Para alcançar os objectivos preconizados nesta pesquisa o investigador utilizou o FAST para avaliar a coesão e a hierarquia existentes no sistema familiar Hws, a dinâmica relacional e a solidariedade intergeracional que sucede entre as diferentes gerações da família. Na administração do FAST tomaram parte, como representantes das três gerações da família, o

senhor Fh, em representação da 1ª geração-G1, um dos filhos Hws em representação da 2ª geração-G2, e o neto Zmí de oito anos Representante da 3ª geração – G3. Os resultados do FAST estão indicados nos quadros que seguem:

a) Representação e avaliação da situação típica

Quadro 19: Representação típica de Fh-G1

9									
8									
7				Fh	Ij	La			
6				Pi	Ch				
5				Was		Hws			
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 20: Representação típica de Hws-G2

9									
8									
7									
6									
5				Hws	Fh	Ij			
4				Zmi	Was	Pi			
3				La	Ch	And			
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 21: Representação típica de Zmi-G3

9									
8									
7				Zmi	Fh	Ij			
6				Hws	Was	Clo			
5				Pi	La	Mnd			
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação típica o Sr. Fh, chefe da família, colocou-se junto da esposa seguida da filha mais velha mais outros membros do sistema familiar, mas isolando o Sr. Hws dentro do quadrante, conferindo assim uma coesão média à família, conforme o quadro 19 indicado acima. Esta manifestação do Sr. Fh poderá ter algo a ver com relação ao comportamento do Hws, seu filho. Regista-se uma certa dinâmica e solidariedade entre as diferentes gerações da família, embora manchada pela conduta do filho Hws. A sua hierarquia ficou classificada em 4 pontos por a sua figura de homem estar sobreposta sobre os blocos de 4,5 cm e de 1,5 cm, tendo desse modo o maior poder sobre a família.

Quanto à representação típica de Hws constata-se uma coesão alta ao colocar-se junto dos pais e de outros membros uns ao lado dos outros. Neste caso nota-se a tendência de Hws pretender reconciliar-se com os outros membros do sistema familiar, já que sofre uma crítica colectiva de todos os membros em relação ao seu comportamento. A sua hierarquia teve uma classificação de 3 pontos, ao sobrepor a sua figura de homem no bloco de 4,5 cm, de acordo com o quadro 20. Não é detentor de poder, e reconhece o pai como o guia da família.

Ainda na representação típica Zmi, o neto, consolidou uma coesão alta ao colocar-se junto dos avós e representar todos os membros lado a lado. Não obteve nenhuma classificação na sua hierarquia, por não estar sobreposto a nenhum bloco, ou seja ficou classificado em 0 pontos, e não teve opinião contrária em relação ao avô como detentor do poder na família. O quadro 21 acima mostra este facto.

Da representação típica passou-se a representação ideal da família como se vê nos quadros abaixo indicadas;

b) Representação e avaliação da situação ideal

Quadro 22: Representação ideal de Fh-G1

9									
8									
7				Fh	Ij	Hws			
6				Zmi	Was	And			
5				La	Pi	Ch			
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 23: Representação ideal de Wws-G2

9									
8									
7									
6				Fh	Ij	And			
5				Li	Pi	Ch			
4									
3				Zmi	Was	Wws			
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 24: Representação ideal de Zmi-G3

9									
8									
7						Zmi	Hws	Was	
6									
5						Fh	Ij		
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Ao nível da representação ideal o Sr. Fh coloca o Hws junto de si e sua esposa, demonstrando o desejo de reconciliação com o filho e talvez como forma de chamá-lo à razão sobre o seu comportamento e, de seguida colocou os restantes membros da família, próximos uns dos outros, obtendo uma coesão alta da família. Nesta representação o Sr. Fh tinha como objectivo principal a alcançar, consolidar a dinâmica relacional e a solidariedade entre as diferentes gerações da família. A sua hierarquia nesta representação ficou classificada em 4 pontos, correspondendo à sobreposição da sua figura de homem, a dois blocos de 4,5 cm e 1,5 cm, indicando que o Sr. Fh tem maior poder sobre a família.

Procedendo com a representação ideal, Hws na qualidade de representante da 2ª geração, colocou-se ele e seus filhos fora do quadrante, distanciando-se dos restantes membros do sistema

familiar, facto que resultou numa baixa coesão familiar. Este procedimento contrariou de certa maneira as pretensões do pai, baixando a intensidade da dinâmica relacional e da solidariedade entre as gerações da família. Esta percepção de Hws pode significar sentimento de exclusão quanto à forma como o subsistema conjugal e os restantes membros vê o seu comportamento junto à família e à comunidade em geral. A hierarquia ficou classificada em 3 pontos por estar sobreposto a um bloco de madeira de 4,5 cm, indicando que ele não possui maior poder sobre a família.

Na representação ideal, Zmi priorizou a si, seu pai Hws e seu irmão Was, de seguida colocou os avós Fh e Ij no quadrante, distanciados-os dos outros e ignorando os restantes membros do sistema familiar, e esta opção resultou numa coesão média da família. Analisando estes dados pode-se concluir que a dinâmica relacional e a solidariedade ficaram ligeiramente afectadas, mas sem gravidade. A sua hierarquia foi classificada em 1 ponto, o que significa que a sua figura ficou sobreposta a um bloco de 1,5 cm, consoante idica o quadro 24. Não demonstrou nenhuma pretensão de ascender ao poder. Com o FAST procurou-se perceber como a família se representa em situação de conflito. Os quadros seguintes elucidam este facto.

c) Representação e avaliação da situação conflituosa

Quadro 25: Representação conflituosa de Fh-G1

9									
8									
7				Fh	Ij				Hws
6				Zm	And	Was			
5				La	Pi				
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 26: Representação conflituosa de Hws-G2

9									
8									
7									
6				Hws	Zmi	Was			
5				And	Ch	La			
4	Fh	Ij		Pi					
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 27: Representação conflituosa de Zmi-G3

9									
8			Zmi	Ij	Fh				
7			Clo	La	And				
6			Ch		Hws				
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação da situação de conflito, o Sr. Fh colocou-se no quadrante junto à esposa, alguns filhos e alguns netos, tendo colocado fora do quadrante o seu filho Hws, demonstrando a insatisfação que tem face ao conflito existente entre eles. Esta representação conferiu uma baixa coesão à família Hw. Neste procedimento de Fh, na qualidade de pai da família, demonstrou a falta de esperança de que algum dia será estabelecida a dinâmica relacional e solidariedade multigeracional entre as três gerações da família. A sua hierarquia ficou classificada em 3 pontos, por a sua figura de homem estar colocada sobre o bloco de 4.5 cm, segundo o quadro 25 acima indicado, mantendo o maior poder sobre a família.

Hws, na sua representação da família em situação de conflito colocou-se ele e os filhos no interior do quadrante bem como, os tios And, Ch, La e Pl, colocando fora do mesmo os seus pais Fh e Ij, o que demonstra uma coesão baixam na família. Regista-se nesta representação um conflito aberto entre o filho (Hws) e o sistema conjugal, facto que configura cada vez mais o afastamento da dinâmica relacional e a solidariedade que devia existir entre os membros das diferentes gerações da família. Classificou a sua hierarquia em 4 pontos, sobrepondo a sua figura de homem, sobre os blocos de madeira de 4,5 cm e de 1,5 cm, segundo o quadro 26 acima. Demonstrou nesta representação a vontade de assumir o poder na família, mas continua sendo o Senhor Fh detentor do poder sobre a família, devido ao reconhecimento do seu papel de líder da família pelos restantes membros do sistema familiar.

Na mesma representação em situação de conflito, Zmi, o neto, na sua qualidade de representante da 3ª geração, optou por colocar-se ao lado dos avós no interior do quadrante, incluindo também os tios e o primo Clo, mas colocando o seu pai Hws pouco afastado dos outros, facto que resultou numa coesão média da família Hw. Esta atitude pode demonstrar que em situação de conflito familiar os membros de 3ª geração deste sistema familiar sentem-se mais protegidos pelos avós. Trata-se de uma atitude que procura quebrar o ciclo de conflitos que opõe os avós e o seu pai, contribuindo para uma boa dinâmica relacional e concorrendo para a consolidação da solidariedade no seio das diferentes gerações da família. A sua hierarquia é classificada em 3 pontos, por se ter colocado sobre o bloco de 4,5 cm (vide quadro 27).

4.2.3.3. Níveis de coesão e hierarquia na família Hw

Nas tabelas abaixo resume-se a avaliação dos níveis de coesão e da hierarquia anteriormente já definidos. Neste ponto apresentam-se os resultados que permitem compreender a dinâmica e a solidariedade intergeracional e definir a estrutura relacional do sistema familiar HW conforme se observa nas tabelas que seguem:

Tabela 7: Resultados do Caso Hw na situação típica

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Fh	G1	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Was	G2	Coesão Alta Hierarquia Alta	Desequilibrada
Zmi	G3	Coesão Alta Hierarquia Alta	Desequilibrada

A tabela 7 apresenta níveis de coesão e hierarquia classificados em média/alta, com predomínio de uma estrutura relacional desequilibrada, quanto à situação típica.

Tabela 8: Resultados do Caso Hw na situação ideal

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Fh	G1	Coesão alta Hierarquia média	Equilibrada
Was	G2	Coesão baixa Hierarquia média	Instável
Zmi	G3	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada

Na tabela 8 em representação da situação ideal constata-se que a coesão distribui-se dos níveis baixa, média e alta, enquanto a hierarquia vai de média a alta, concorrendo assim, para uma estrutura relacional equilibrada.

Tabela 9: Resultados do Caso Hw na situação conflituosa

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Fh	G1	Coesão baixa Hierarquia baixa	Desequilibrada
Ws	G2	Coesão baixa Hierarquia média	Instável
Zmi	G3	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada

Na representação conflituosa a tabela 9 ilustra o nível de coesão tendencialmente baixo, e privilegia a hierarquia média, resultando numa estrutura relacional distribuída em desequilibrada, instável e equilibrada.

A avaliação global permite dizer que a estrutura relacional do sistema familiar HW apresenta-se equilibrada nas três situações, com maior destaque na situação ideal. Entretanto, como sabemos o ideal é o que se desejaria que fosse, ou seja, não é o que é mas é o que devia ser. Pelo que é importante que a família faça esforço combinado entre a coesão e a hierarquia familiares para alcançar uma estrutura familiar efectivamente equilibrada.

Segundo Gehring, Mrti e Sidler (1994), o pai em geral possui uma visão idealizada sobre a família. Estabelecendo um paralelismo com a presente pesquisa na perspectiva do sistema familiar multigeracional, confirma-se a visão idealizada da 1ª geração, representada pelos pais.

Analisando a estrutura relacional do sistema familiar Hw confirma o ponto de vista da teoria de relações, que enfatiza que a abordagem dos conceitos de equilíbrio e desequilíbrio em qualquer sistema familiar pressupõe a existência de uma relação entre duas ou mais pessoas (Boszormenyi-Nagy & Spark, 2012). Isso revela que neste sistema familiar existe e desenvolve-se uma rede de relações que envolve a hierarquia de obrigações observada por todos os membros do sistema, gerando, conseqüentemente, equilíbrios e desequilíbrios no relacionamento entre os seus membros.

4.2.4. Caso da Família MONE

Falando da origem da família o senhor Jnh explicou o seguinte: *“o nome da minha família é Mone, nome do meu tetravô que devido às guerras tribais, particularmente os movidos pela presença Nguni no território nacional, muitos povos da época foram obrigados a espalhar-se, fugindo da submissão e das barbaridades que eram cometidas pelos invasores. Por esse motivo, o jovem Mone era de origem Ndau, e na altura estabeleceu-se na zona dos Tsongas, fugido da guerra. Chegada a altura de se casar com uma jovem local, foi aconselhado a mudar de apelido por forma a evitar perseguição dos Ngunis. Assim, para escapar disso, adoptou o apelido Nhaga, que é o da mulher com quem se casou, o qual subsiste até hoje na família”*. Concluindo o senhor Jnh sublinhou que o apelido popularizado é o de Mone, que é de facto o nome real da família, satisfazendo desse modo o desejo dos defuntos.

A família MONE é poligâmica porque o Sr. Jnh de 54 anos mantém um relacionamento marital estável com três esposas. Este sistema familiar é constituído por 36 membros, agregando esposas, filhos, genros/noras e netos. A Sra. Gc é a primeira esposa, com a qual tem três filhos, ambos do sexo masculino, nomeadamente, Jal, e Val, já falecidos e Ató de 24 anos de idade. A segunda esposa é a senhora Cat, com quem tem apenas uma filha chamada Fi, de 27 anos de idade. A senhora Rch é a terceira esposa e tem três filhas com o Senhor Jnh, nomeadamente, Mar de 24 anos, Mci de 21 anos de idade e Amé de 17 anos. Mas antes a senhora Rch teve cinco

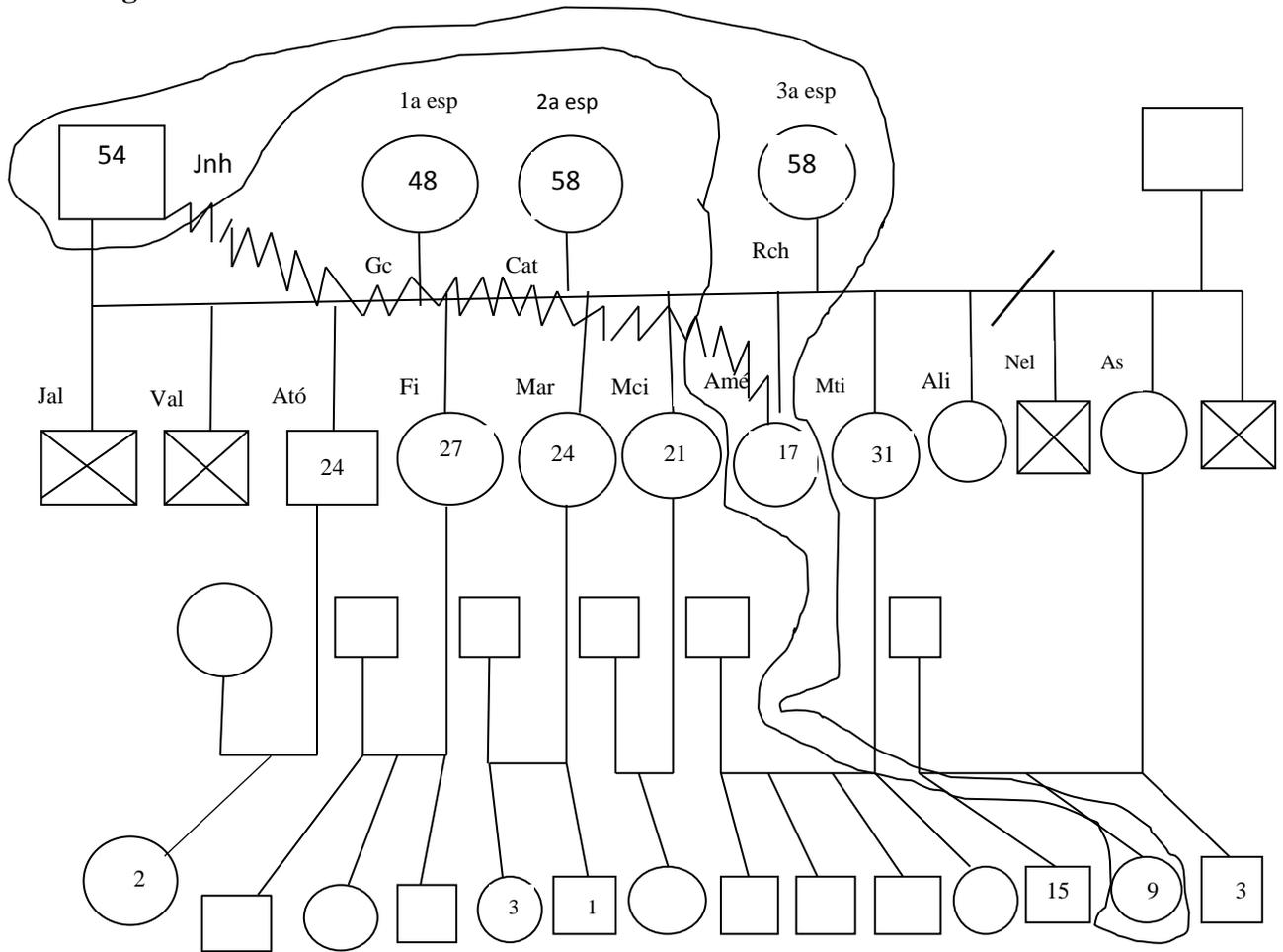
filhos no anterior casamento, nomeadamente, Mti, Ali, Nel (falecido), As e o último filho, que faleceu quando já começava a andar. Cada uma das três esposas do Sr. Jnh vive em casa própria, onde o Sr. Jnh vai ao encontro delas.

Em relação à segunda geração encontramos Mti, casada com Pm e tem quatro filhos, sendo o mais velho o Mel de 16 anos, a Fez, Ard e a Már. A Ali, casada, teve um óbito duma menina e um aborto espontâneo; Nson e esposa, já falecidos, deixaram órfã a Qui, filha do meio entre dois óbitos do sexo masculino. A As, a última filha dessa relação, tem três filhos, sendo Már de 15 anos, Hel de 9 e Ito de 3 anos.

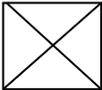
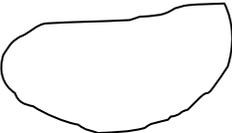
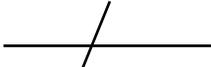
Quanto aos filhos do relacionamento conjugal entre a Senhora Rch e o Senhor Jnh, a Mar é casada com o Sr. Ad e tem dois filhos, nomeadamente, Nic de 3 anos e Ito de 1 ano. A Mci é casada e tem uma filha de 2 anos chamada Lu.

Ató de 24 anos, fruto da relação do Sr. Jnh e a Gc, é casado e tem uma filha de 2 anos a quem deu o nome de Amé. Finalmente, a Fin filha de Jnh e Cat é casada e teve três filhos, sendo um rapaz fruto do primeiro relacionamento mas que reside em casa do pai, uma menina já falecida e um rapaz chamado Ben. A estrutura e o funcionamento da família Mone é representado através do genograma a seguir.

Gráfico 4 – Genograma da Família MONE



Legenda

-  Homem
-  Mulher
-  Morte
-  Moram juntos
-  Relacionamento conflituoso
-  Separação

O genograma da família Mone possui um mapeamento familiar diferente das restantes famílias em análise nesta pesquisa, pelo facto de ser uma família poligâmica. A constituição da estrutura familiar obedece a uma lógica diferente, visto que se trata de três subfamílias cujo pai de família é o mesmo. No genograma encontram-se representados todos os membros do sistema familiar nas suas três subfamílias e representadas as três gerações em estudo. Foi notória a existência de dinâmicas relacionais e a manifestação da solidariedade multigeracional que se resume na intensa interacção entre os seus membros.

4.2.4.1. Resultados da entrevista

Neste tópico é apresentada a entrevista semiestruturada realizada junto à família MONE, onde foram interlocutores o Senhor Jnh na qualidade de patriarca da família representando a primeira geração-G1, a filha Amé de 17 anos, representando a segunda geração-G2, e a neta Hel de 9 anos, representando a terceira geração-G3. Foram abordadas nesta entrevista as práticas ritualistas e as dinâmicas relacionais e solidariedade intergeracional que ocorrem neste sistema familiar, conforme segue:

4.2.4.1.1. Práticas ritualistas do sistema familiar Mona

Questionado sobre os rituais que considera específicos da família Mone, o Sr. Jnh disse: *“a evocação da família ocorre quando acontece a cerimónia de Kuphalha em que no fim proferem-se as seguintes palavras: (Tsúza / Moiane). Quando há eventos importantes na família, ou cerimónias de (Kuphalha), (Mamba ya marilo) - missa dos defuntos, a pessoa que tem responsabilidade de organizar, desde que o meu pai morreu, sou eu que fiquei responsável desses assuntos. Quando um determinado membro da família me fala de algum evento que vai acontecer ou assunto a ser resolvido, organizo uma reunião com as pessoas indicadas para discutir a forma como o evento deve ser organizado. Quando se trata de problemas a serem resolvidos, criamos condições para que sejam analisadas e tomadas as medidas que forem necessárias”*.

Pelas características apresentadas nos aspectos acima, pode se concluir que estão de acordo com Fiese et al (2002), ao considerar a realização dos rituais como o culminar de sequências complexas de comportamento e interações padronizadas que se repetem no tempo. Por isso, a realização de alguma prática ritualista antevê uma sequência de acções nas quais são envolvidos os membros do sistema familiar para cuidar da sua organização, para que o objectivo simbólico preconizado seja alcançado.

Ainda sobre os eventos relativos às tradições da família o investigador quis saber se na família havia cerimónias de evocação dos espíritos da família (*Mamba ya wungoma*), ao que o interlocutor respondeu: *“já não se faz desde que o meu pai morreu”*. Também em resposta ao investigador sobre se haveria alguém da família que foi apossado pelos espíritos da família, o entrevistado afirmou: *“são muitos os que foram apossados, algumas são minhas irmãs, já casadas”*. Reforçando, a esposa acrescentou: *“elas estão preparadas, frequentaram escolas de curandeiro e ficaram aprovadas e estão aptas para trabalhar nesse campo”*.

Um dos pressupostos para frequentar escolas de curandeiro é a possessão pelos espíritos. Segundo Honwana (2002), citando Firth (1959), as pessoas nessas circunstâncias quando submetidas a um processo de treinamento desenvolvem a capacidade de interpretar e controlar o comportamento de outras pessoas através de um espírito exterior a si próprios. Foi constatado neste estudo que alguns membros do sistema familiar Mone foram possuídos pelos espíritos da família e foram treinadas de modo que se tornaram Nyamusoros.

Em seguida o investigador perguntou se na família seguia-se o “Sistema de Charás”, tendo obtido uma resposta afirmativa. Todos os filhos possuíam um nome tradicional. O interlocutor passou a mencionar o nome do chará de cada um, começando por indicar a Mar e disse: *“ela chama-se Makavanhana, que é a Kossazana, isto é a filha mais velha do meu avô paterno, era irmã do meu pai, ou seja minha tia. O nome dela é o primeiro e mais importante a ser evocado nas cerimónias tradicionais importantes da família. Ela é considerada a porta-voz dos antepassados da família Mone”* Esta prática confirma a crença de que a família africana integra a relação entre os vivos e os mortos (Honwana, 2002). A evocação da Kossazana já falecida como elo de ligação entre os vivos e os mortos da família Mone, reforça a ideia de Balegamire (s.d.), segundo a qual os seres humanos nascem como “espíritos- corpos” e quando estes morrem

deixam o corpo e juntam-se aos espíritos da família e passam a proteger, contra todos os males, os membros vivos do sistema familiar.

O Sr. Jnh prosseguindo disse: *“a Mci é Haucana, nome da mãe do pai, ou seja da minha avó, ela era dos Nhagas, razão porque hoje a família é conhecida por este apelido, segundo a explicação que dei no princípio”*. A terceira filha Aé seu nome tradicional é Wantini, *“é minha mãe”*, enfatizou o Sr. Jnh. O Ató filho do Sr. Jnh com a senhora Gc, sua primeira esposa, seu nome tradicional é *Matope*, o Senhor Jnh explicou o seguinte: *“sobre este nome não sei dizer nada dos laços de parentesco existentes com este antepassado por ter existido há muitas gerações passadas”*. *“A minha filha Fin, nascida da Sra. Cat, chama-se Deissana, que foi a esposa mais velha do meu pai”*. Questionado se os filhos que têm estes nomes dos antepassados sabem quem são os tais antepassados, o entrevistado afirmou: *“sim, eles são explicados quando já são crescidos”*.

Questionado sobre como são atribuídos os nomes no Sistema de Charás, em resposta o senhor Jnh disse: *“consiste em consultar um Nhangá que utiliza Tínlholo, sobretudo quando é constatada alguma anormalidade da saúde da criança, que a leva a chorar muito. Esta prática retrata um formato que confirma a literatura, sobre a recordação dos nomes dos antepassados (Junod, 1996).*

Como se pode verificar constituem práticas ritualistas da família Mone as seguintes: *kuphalha*, *timamba ta marilo*, sistema de charás e a evocação da família *“tsúuza/moiana”*. Com a prática destes rituais a família MONE concorre para os benefícios que podem advir do estreitamento das relações entre os seus membros. A realidade vivida nesta família, condiz com Semblano (2009), sobre o papel dos rituais na definição das relações interpessoais, para integração de novos membros na família, e para situar os indivíduos no espaço e no tempo. No entanto, não existe consenso sobre os benefícios da prática de rituais. Autores como Leach e Braithwaite (1996), citados por Semblano (2009), consideram que as práticas ritualistas podem contribuir para geração de conflitos familiares. Apesar dessa contradição o pesquisador com base na sua vivência e na análise aos casos estudados constatou que a prática dos rituais concorre para maior estabilidade das famílias e no exercício da solidariedade entre os seus membros.

De acordo com o Sr. Jnh alguns destes rituais são apenas praticados ao nível da família nuclear, como é o caso de *KUPHALHA*, atribuição do nome de um determinado antepassado a um recém-nascido “CHARÁ”, outros ao nível da família alargada, ou com o envolvimento da Igreja Zione da qual a família é crente. A classificação apresentada pelo Sr.Jnh é confirmada pela literatura, e enquadra-se na diferenciação estabelecida por Kiser, Bennet, Heston e Paavola (2005), a qual se refere a rituais designados de celebrações familiares, que são os que apresentam menor envolvimento de pessoas externas à família nuclear e, rituais designados de tradições culturais, nas quais nota-se a maior influência da cultura e com envolvimento da comunidade na sua celebração.

4.2.4.1.2. Dinâmica relacional no sistema familiar Mona

Observando os dados do genograma, em geral pode se entender que entre os membros das três gerações existe dinâmica e solidariedade relacional positiva. Esta constatação é reveladora de que neste sistema familiar cumprem-se as principais funções exercidas numa família multigeracional, nomeadas por Vicente e Sousa (2010) como a ligação e o apoio entre os diferentes subsistemas e a guarda das memórias familiares. Todavia, apesar de se constatar a existência de uma boa interacção, nota-se algum conflito entre o Sr. Jnh (pai da família) e a Amé, última filha da sua 3ª esposa. No diálogo estabelecido entre o investigador e a família nuclear, no qual participaram Sr. Jnh, a 3ª esposa e Amé, a última filha desta, apercebeu-se da existência deste conflito, quando o investigador procurou saber sobre a actividade escolar da Amé, de 17 anos de idade, que em resposta afirmou que não estava a estudar.

Face à resposta da Amé, o pai, num tom de desprezo, acusou a filha de não querer estudar, facto que emocionou a ela, e desatou a chorar em demonstração de desacordo naquilo que o pai acabava de dizer. Na ausência temporária do pai do local onde decorria a entrevista, a mãe refutou perante o investigador o posicionamento do marido e afirmou: “*ele sabe o que está a acontecer, mas não quer resolver*”. Esta reacção indicia a existência de um deficiente relacionamento que afecta também o subsistema casal entre o Sr. Jnh e a 3ª esposa. Do ponto de vista de Landwerlin (1999) nesta família não se materializa a dimensão estrutural segundo a qual

os pais devem facilitar a democratização das relações intergeracionais no seio da família nuclear e reduzir o controlo sobre o comportamento dos filhos.

4.2.4.2. Resultados do FAST

O FAST teve como finalidade avaliar as dimensões de coesão e a hierarquia no sistema familiar, nas situações típica, ideal e de conflito, por forma a permitir aferir a dinâmica e solidariedade intergeracional na família em estudo. Na família Mone tomaram parte neste exercício o Senhor Jnh, pai da família, como representante da primeira geração- G1, a filha Amé de 17 anos em representação da segunda geração – G2, e também a neta Hel de 9 anos, representante da terceira geração – G3, segundo os resultados demonstrados nos quadros 28, 29 e 30.

a) Representação e avaliação típica

Quadro 28: Representação típica de Jnh-G1

9									
8									
7									
6									
5				Ato	Jnh	Rch			
4				Fi	Mar	Mci			
3				Hel	As	Ame			
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 29: Representação típica de Amé-G2

9									
8									
7									
6				Ame	Rch	As			
5				Mti	Hel	Ali			
4					Jnh				
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 30: Representação típica da Hel-G3

9									
8									
7									
6									
5			Ali	Mti	Ame				
4			Hel	As	Mar				
3			Rch	Mci					
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação típica da família, o Sr. Jnh pai da família, colocou-se no interior do quadrante junto à sua 3ª esposa e a maioria dos seus filhos incluindo os nascidos de outras esposas, demonstrando que assume todos os seus filhos e procura cimentar a irmandade entre todos eles. A leitura da composição da presente tabela, leva à conclusão da existência de uma coesão alta na família, facto que pode indicar a existência de uma dinâmica relacional e solidariedade multigeracional positiva entre os membros do sistema familiar. Quanto à hierarquia o Sr. Jnh colocou-se sobre um bloco de 4,5 cm e outro de 1,5 cm, obtendo a classificação de 4 pontos, conforme se pode visualizar no quadro 28, significando que ele possui e exerce o poder sobre a sua família.

Prosseguindo com a representação típica da Amé encontramos ela colocada junto à mãe Rch, seguida pelas irmãs As, Mti, Ali e pela sobrinha Hel, isolando o Sr. Jnh, seu pai, na parte final do quadrante. Esta foi a primeira indicação do reflexo do clima de conflito em que os dois vivem, e que foi demonstrado no genograma, resultando desse modo numa coesão média da família. Na hierarquia a Amé ficou classificada com 3 pontos, ao sobrepôr-se sobre um bloco de 4,5 cm e não possui nenhum poder sobre a família Mone.

O terceiro interveniente na representação típica foi a Hel, em representação da 3ª geração, apresentando um quadro uniforme, colocou-se junto dos avós, Jnh e Rch, o que levou a família a ser atribuída alta coesão. A sua hierarquia ficou classificada em 1 ponto, por a sua figura de

mulher, ter sido sobreposta acima de um bloco de 1,5 cm. Não reivindica nenhuma posição de poder.

Progressivamente o pesquisador recolheu dados sobre a percepção da dinâmica familiar na situação ideal, facto que é representado nos quadros que seguem;

b) Representação e avaliação da situação ideal

Quadro 31: Representação ideal de Jnh-G1

9									
8									
7	Jnh	Rch	Hel						
6	Mar	Ali	Mt						
5	As	Ame							
4									
3									
2									
1									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	

Quadro 32: Representação ideal da Amé-G2

9									
8									
7			Ame	Rch	As				
6			Ali	Hel	Mar				
5			Mci		Jnh				
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 33: Representação ideal da Hel-G3

9									
8									
7									
6									
5									
4			Hel	As	Rch				
3			Mci	Ame	Mti				
2				Jnh					
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na situação ideal da família o Sr. Jnh colocou-se ao lado da esposa Rch seguidos pela neta Hel, e pelos restantes filhos. Esse procedimento conferiu coesão alta à família Mona, demonstrando a vontade que tem de ver a família unida. Esta posição do Sr. Jnh coloca a família numa boa dinâmica relacional e solidariedade entre as três gerações deste sistema familiar. Apresenta uma hierarquia classificada em 3 pontos, correspondente à sobreposição da sua figura de homem

sobre o bloco de 4,5 cm, como representa o quadro 31 acima, indicando o seu poder sobre a família.

Por sua vez Amé, em representação da 2ª geração da família, colocou-se junto à mãe “Rch” e à irmã As, seguidos de outros membros do sistema familiar, todos dentro do quadrante, mas isolando o pai “Jnh” dos outros, conferindo assim uma coesão média à família. A sua hierarquia ficou classificada em 4 pontos ao ser elevada a sua figura sobre os blocos de madeira de 4,5 cm e 1,5 cm. Entretanto, tem a opinião de que o pai deve manter o poder que tem sobre a família.

A Hel na situação ideal, colocou-se no topo do quadrante seguida pela mãe “As” e pela avó Rch, e outros membros do sistema familiar, isolando o avô, Sr. Jnh, dentro do quadrante, facto que condicionou a existência de uma coesão média à família Mone. A sua hierarquia ficou classificada em 2 pontos, pelo facto de a sua figura ter sido colocada sobre um bloco de madeira de 3 cm, como se pode observar no quadro 33.

c) Representação e avaliação da situação conflituosa

Quadro 34: Representação conflituosa de Jnh-G1

9									
8									
7									
6			Jnh	Rch	Hel				
5			Mci		Mar				
4				Amé					
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 35: Representação conflituosa da Amé-G2

9									
8				Amé	Rch	As			
7				Hel	Mti	Ali			
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 36: Representação conflituosa da Hel-G3

9									
8									
7						Jnh			
6									
5				Hel	As	Rch			
4				Amé	Mti	Mci			
3				Fi	Mar	Ato			
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação da situação conflituosa o Sr. Jnh colocou a filha Amé dentro do quadrante, mas isolada dos restantes membros, colocando-se no topo do quadrante seguido pela Sra. Rch, sua 3ª esposa e mãe desta. Esta atitude conferiu à família uma coesão média ao sistema familiar, este procedimento foi uma forma de demonstrar o clima de conflito que se vive na família, a partir da deficiente relação que existe entre pai e filha. Com estes dados pode-se concluir que tipo de dinâmica relacional se estabelece entre os diferentes membros do sistema familiar, bem como a natureza da solidadriedade praticada entre os diferentes membros das três gerações da família. A sua hierarquia foi classificada em 3 pontos por ter sobreposto a sua figura sobre um bloco de 4,5 cm, continuando a exercer o seu poder sobre a família.

Nesta representação da situação de conflito, a Amé colocou-se junto à mãe Rch seguida pela irmã As, e de outros membros do sistema familiar no interior do quadrante. Colocou fora do quadrante o seu pai Jnh, mais uma vez em demonstração da situação de conflito que emerge da má relação existente entre os dois. O resultado deste procedimento demonstrou a existência de uma baixa coesão no sistema familiar, a partir da qual resulta o tipo de dinâmica relacional e solidariedade entre as diferentes gerações. A sua hierarquia ficou classificada em 4 pontos pelo facto de ter colocado debaixo da sua figura um bloco de 4,5 cm e de 1,5 cm, segundo mostra o quadro 35.

Finalmente a representação conflituosa realizada pela Hel, na qualidade de representante da 3ª geração, colocou o avô Jnh fora do quadrante, e ela dentro do quadrante ao lado da mãe As e da avó Rch. Na avaliação da hierarquia Hel foi classificada em 2 pontos por a sua figura ter sido colocada sobre um bloco de 3 cm (vide quadro 36).

4.2.4.3. Níveis de coesão e hierarquia na família Mone

As tabelas 10, 11 e 12 resumem a avaliação dos níveis de coesão e hierarquia, e consequentemente apresentam a estrutura relacional, que é avaliada com base na análise das relações que se estabelecem entre os constructos coesão e hierarquia.

Tabela 10: Resultados do Caso Mone na situação típica

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Jnh	G1	Coesão alta Hierarquia média	Equilibrada
Amé	G2	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Hel	G3	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada

A tabela 10 representa a situação típica da família Mone na qual os níveis de coesão se situam entre média e alta, e a hierarquia é classificada como média por todas as gerações deste sistema familiar. Este procedimento resulta em uma estrutura relacional equilibrada.

Tabela 11: Resultados do Caso Mone na situação ideal

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Jnh	G1	Coesão alta Hierarquia baixa	Desequilibrada
Amé	G2	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Hel	G3	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada

Na representação da situação ideal demonstrada na tabela 11, quanto à coesão constata-se uma similaridade com a tabela anterior, onde ela é classificada em média/alta, quando a hierarquia está avaliada em média/baixa, obtendo-se uma estrutura relacional tendencialmente equilibrada.

Tabela 12: Resultados do Caso Mone na situação conflituosa

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
Jnh	G1	Coesão média Hierarquia baixa	Instável
Amé	G2	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Hel	G3	Coesão baixa Hierarquia baixa	Desequilibrada

Na tabela 12 pode-se observar a representação da situação conflituosa, na qual a coesão se apresenta como sendo média/baixa com predomínio da coesão média, enquanto a hierarquia classifica-se em média/baixa, tendencialmente baixa. O panorama avaliativo desta tabela resulta em uma estrutura relacional distribuída em instável, equilibrada e desequilibrada, segundo a avaliação das três gerações (G1, G2, G3).

Os resultados que podem ser visualizados nas tabelas acima, apesar da natureza poligâmica deste sistema familiar, constituída por várias subfamílias nucleares, demonstram a predominância da estrutura relacional equilibrada. A família MONE apesar de ser poligâmica, enquadra-se na teoria estrutural sistêmica da escola estrutural visto que nela ocorrem dinâmicas relacionais entre os seus membros e possui uma hierarquia definida, delimitação de fronteiras e limites relacionais estabelecidas (Carneiro, 1996).

Falando da dinâmica relacional importa dizer que o que foi constatado neste sistema familiar está plasmado ao nível da teoria das relações familiares, cuja função consiste no estabelecimento da dinâmica relacional entre os membros do sistema familiar como foco principal, resolver situações que acontecem na família. (Boszormenyi-nagy & Spark, 2012).

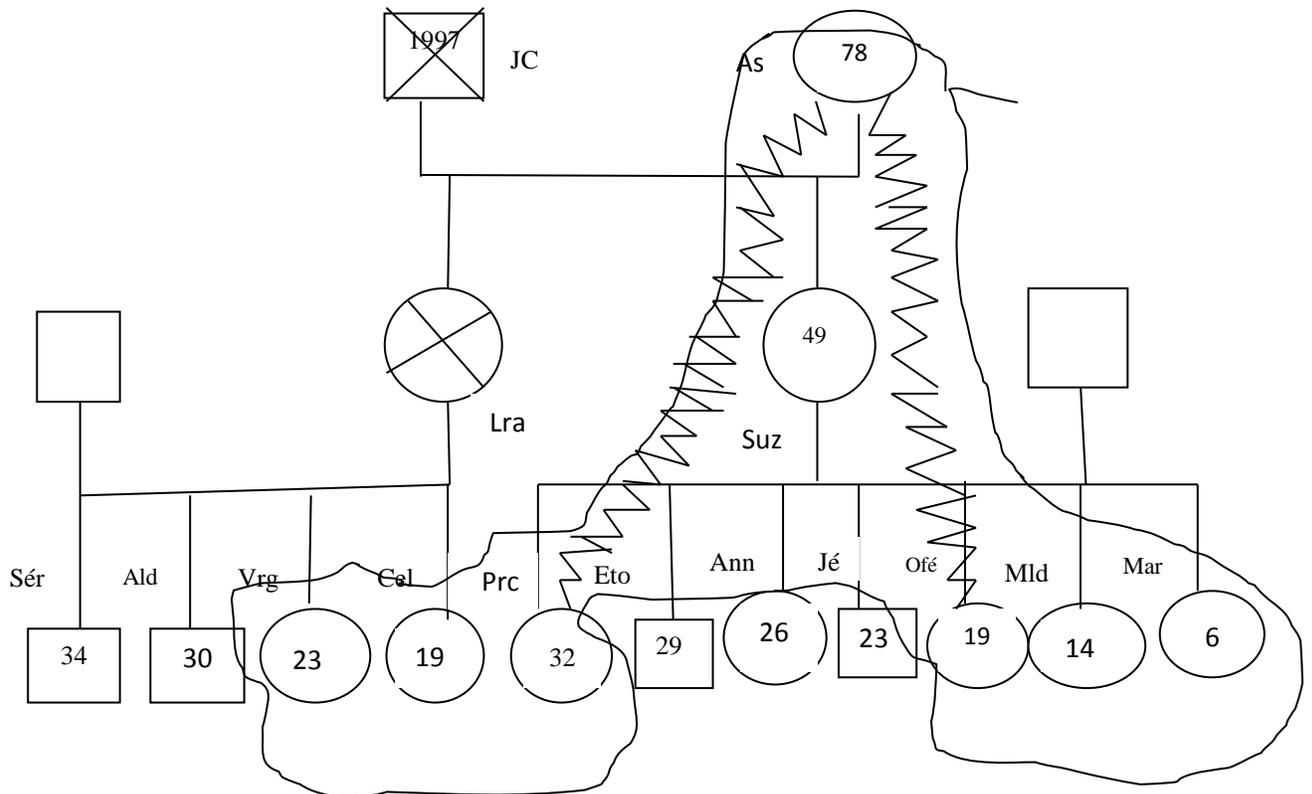
4.2.5. Caso da Família CSS

O pesquisador questionou sobre a origem da família e em resposta a sra As, chefe da família afirmou que a família CSS era de *Xiguidela*, na região do Guijá, mas que o sogro dela teria saído do local de origem e radicou-se em Magude onde se casou com *Moyasse Maholele* (nome atribuído à falecida Lu), da qual nasceu o Sr. MJC. Questionada sobre qual era especificamente essa família de Magude, disse que não sabia, mas que na evocação d família em cerimónias familiares diz-se “*Cossa / maguvo*”.

Segundo a interlocutora, a família nuclear foi constituída por JC, falecido em 1997, e pela Sra. AS de 78 anos, dos quais nasceram duas filhas, nomeadamente a Lra, a mais velha e já falecida e a Suz de 49 anos de idade. A família actualmente é composta por um total de 25 membros, distribuídos em quatro gerações comportando 11 netos e 12 bisnetos.

Detalhando a situação, a Sra. As informou que a primeira filha, Lra, já falecida, havia-se casado com Mw e tiveram quatro filhos. A segunda filha é mãe de sete filhos, resultantes de vários relacionamentos conjugais. Em respeito ao requisito estabelecido para esta pesquisa, o genograma da família aqui apresentado, reporta apenas três gerações.

Gráfico 5-Genograma da Família CSS



Legenda



Pela leitura ao genograma é visível a existência de uma relação conflituosa entre alguns membros do sistema familiar, sendo evidente na interação que duas netas estabelecem com a avó. Ao longo da entrevista, ficou evidente a tensão relacional manifestada pela Prc, de 32 anos, primogénita da Suz, como mostra o genograma da família CSS, acima. Observando o genograma que representa a composição da família CSS em geral pôde concluir-se que os seus membros estabelecem dinâmicas relacionais positivas, salientando a relação solidária entre as três gerações da família.

4.2.5.1.Resultados da entrevista

No quadro da metodologia adoptada para esta pesquisa, foi realizada uma entrevista semi-estruturada na qual este sistema familiar foi representado pela Sra. AS da primeira geração - G1, auxiliada pela filha Suz de 49 anos, como representante da segunda geração – G2, e pela neta Pci, de 32 anos, como representante da terceira geração-G3. A entrevista permitiu recolher dados sobre as práticas ritualista deste sistema familiar e sobre as dinâmicas relacionais, cujo teor dos resultados pode ser visto e analisado a seguir.

4.2.5.1.1.Práticas ritualistas do sistema familiar CSS

O pesquisador questionou sobre os eventos familiares, em resposta a Sra As disse: “*na família Css eram realizadas cerimónias tradicionais, o kuphalha e timhamba ta marilo porque a irmã mais velha do meu marido era curandeira*”. Questionada sobre a pessoa que nos dias de hoje

lidera as cerimónias da família Css ela explicou o seguinte: “já não existe ninguém porque o Sr. JC era o único filho varão na sua mãe. Mas hoje quando os netos precisam de realizar alguma cerimónia tradicional (Mhamba) eu, na qualidade de matriarca da família, é que presido as cerimónias de evocação dos antepassados da família Cossa (Kuphalha)”. Devido à escassez de literatura nesta matéria torna-se difícil avaliar o papel desempenhado pela Sra As na orientação das cerimónias tradicionais da família Css. Com base nas vivências do pesquisador uma mulher casada em caso algum pode dirigir cerimónias na família do marido. Caso não haja outra fundamentação contrária este procedimento poderá ser considerado um inédito na realidade sócio-cultural da região sul de Moçambique.

De acordo com a As quando se começa a cerimónia de *Kuphalha*, o primeiro nome evocado é *Djameana*, (uma antepassada da família) que é *Kossazana* (tia) da família, sendo a irmã do avô paterno do Sr. MJC. Ainda conforme a nossa interlocutora outros nomes referenciados na cerimónia são de *Tintikwapa*, *Mahalhana*, *Xingalana*, e *Tcheza* que é da família *Maholele*. A forma de evocação desta família em rituais tradicionais diz-se: *Cossa/Maguvo*.

O pesquisador procurou saber se na família Css praticava-se o “Sistema de Charás” e em resposta a Sra AS confirmou dizendo: “isso constitui uma prática na família” e mencionou os nomes dos filhos, começando pela Lc ela disse que se chamava *Moyassana*, e a Suz tinha o nome de *Nhancuave*. Continuando e com ajuda dos outros membros da família enumerou os nomes dos netos dizendo: “na 3ª geração os nomes apontados são *Mahazule* atribuído a *Prc*, que é meu avô paterno, ao *Eto* foi lhe atribuído o nome de *Tinkwapa*, *Ann* recebeu o nome de *Leia*, que foi a *zazana*, irmã do meu marido, o *Jé* também tem um nome tradicional mas ninguém se lembra qual é.

Prosseguindo ela afirmou: *A Ofé* chama-se *Nucuassana*, a *Mld* tem o nome de *Alima* como *chará* dela e por último a *Mri* que não recebeu nome tradicional de *chará*”. O investigador passando à geração dos filhos questionou de quem era na família o nome de *Nhankwave* *chará* da Suz. A Sra, AS, matriarca da família disse: “trata-se do nome do espírito da família. E o nome de *Moyassana* atribuído à falecida *Lu* era da sogra dela, ou seja, a mãe do Sr. MJC, portanto, *Lu* é *chará* da sua avó paterna”.

De acordo com a Sra. As nesta família a atribuição destes nomes obedecia a uma certa regra que consistia em procurar um *Nhanga* o qual, depois de consultar *Thinholo*, dizia qual era o nome a ser atribuído à criança. Ela informou que tudo partia da observância de certos sintomas de doença ou choro anormal da criança em causa. Analogamente, como em outros casos aqui vistos, para a atribuição de nome a crianças recém-nascidas, a família Css consultava o *Thinholo*, o que confere com o estudo de Junod (1996).

Dando continuidade a conversa, As afirmou que quando há eventos na família juntam-se para organizar o que for necessário, por exemplo, quando há missa, casamentos e outros eventos. Prc, a neta, secundou a avó dizendo: “*no caso de casamentos juntamo-nos para organizarmos o evento e fazemos contribuições, por exemplo nós os netos fazemos a nossa contribuição*”. Disse também que existe um senhor da família CSS que apoia na organização de algumas eventos que acontecem na família.

Pelo que se pode ver, os rituais que se realizam nesta família cabem na classificação de Costa (2014), que os distingue das rotinas pela dimensão de comunicação, compromisso e continuidade. Nesta família a realização dos rituais obedece a uma certa preparação e envolvimento dos membros da família. A abordagem dos rituais familiares quanto ao envolvimento dos membros do sistema familiar e a forma como são realizados, concorrem para que haja dinâmica relacional e solidariedade entre as diferentes gerações da família.

4.2.5.1.2. Dinâmica relacional no sistema familiar Css

Passando para as questões de relacionamento, o pesquisador procurou saber como é que eram as relações familiares, ao que As disse: “*existe entendimento, mas que também existem diferenças naturais com as novas gerações*. Em jeito de desabafo exclamou: “*resta-me apenas respeitar as diferenças que existem entre as gerações*”. Nota-se nesta família uma dinâmica conflituosa latente entre a avó e duas das suas netas, manifestando falta de solidariedade entre elas, facto que cria uma certa tensão, sem com isso, prejudicar a estrutura relacional da família no seu todo.

O desabafo da Sra. As face ao conflito que a opõe às netas, demonstra o reconhecimento da existência de diferenças associadas ao ciclo de vida e servem de parâmetro para avaliar a

funcionalidade de uma família (Bermúdez & Brik, 2010). Este comportamento das netas revela a falta de maturidade e desconhecimento da importância da rede de relacionamento multigeracional, quanto às dinâmicas relacionais que geram coesão entre os membros do sistema familiar. Os dados da entrevista foram complementados com os resultados do teste Fast a seguir apresentados.

4.2.5. 2. Resultados do FAST

Na aplicação do FAST tomaram parte a Senhora As, mãe da família como representante da primeira geração- G1, a filha Suz de 49 anos em representação da segunda geração – G2 e também a neta Prc de 32 anos, representante da terceira geração – G3, que manifestaram as suas percepções da dinâmica e interação familiar conforme nos quadros 37, 38 e 39.

a) Representação e avaliação da situação típica

Quadro 37: Representação típica da As-G1

9									
8									
7									
6									
5			Ofe						
4			As	Suz	Vrg				
3			Mld	Mar	Cel				
2									
1			Prc						
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 38: Representação típica da Suz-G2

9									
8									
7			Suz	As	Mar				
6			Mld	Ofe	Prc	Ann			
5			Eto	Cel	Vrg	Je			
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 39: Representação típica da Prc-G3

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3			Prc	Ofe	Suz				
2			Eto	Vrg	Ann				
1				As					
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação típica a Sra. As, mãe da família CSS, colocou-se no interior da grade junto à filha Suz e as netas Vrg, Mld, Mar e Cel. Fora do quadrante colocou a Ofé e Prc, mas junto à linha imaginária que faz a delimitação, conferindo deste modo coesão média à família. Analisando o genograma da família CSS, facilmente pode ser entendido o procedimento da Sra. As, em relação às netas Ofé e Prc, onde se nota uma relação conflitual no relacionamento com a avó. Este facto perturba a dinâmica relacional e a solidariedade multigeracional neste sistema familiar. A sua hierarquia foi classificada em 4 pontos, como resultado da soma de dois blocos de madeira de 4,5cm e de 1,5cm, sobre os quais se sobrepôs, avaliadas em 3 e 1 ponto respectivamente. O quadro 37 mostra que o poder de liderança da família CSS está nas mãos da Sra. As, desde a morte do marido em 1997.

Na representação típica da Suz, constata-se a existência de uma família homogénea, onde coloca-se ao lado da mãe As, seguida pelas filhas e, outros membros do sistema familiar, com todo o quadrante preenchido, e alguns sobrinhos fora do quadrante, mas próximos da linha imaginária que delimita o quadrante, conforme o quadro 38. Esse posicionamento determinou a existência de uma coesão média na família. O procedimento seguido pela Suz é tendencialmente favorável a um clima para o desenvolvimento de dinâmicas propícias a uma boa solidariedade intergeracional entre os membros do sistema familiar. A hierarquia da Suz ficou classificada em 3 pontos, por ter colocado abaixo da sua figura um bloco de 3cm e outro de 1,5cm, equivalentes a 2 e 1 ponto respectivamente. A Suz reconhece o poder da mãe na condução da família CSS.

Quanto à Prc, representou a família na situação que considera típica colocando-se no interior do quadrante ao lado da irmã Ofé, seguida pela sua mãe Suz, e pelos irmãos Eto, Virg e Ann. Colocou a sua avô As dentro do quadrante, mas distante dos outros membros do sistema familiar, de acordo com a indicação do quadro 39. Este posicionamento dos membros do sistema familiar no quadrante, conferiu a esta família coesão média. Quanto à hierarquia ficou classificado em 4 pontos, correspondentes à sobreposição da sua figura sobre dois blocos de 4,5cm e 1,5cm, respectivamente. Contudo, continua respeitando o poder da sua avó As, na tomada de importantes decisões sobre a família CSS.

O pesquisador recolheu também a sensibilidade do sistema familiar em relação àquilo que desejaria ver acontecer na sua dinâmica relacional, como expresso nos seguintes quadros:

b) Representação e avaliação da situação ideal

Quadro 40: Representante ideal da As-G1

9									
8									
7									
6				As	Suz	Prc			
5				Ofé	Mld	Cel			
4				Mar	Vrg	Ald			
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 41: Representante ideal da Suz-G2

9									
8		Sér	As	Suz	Prc	Ofé			
7		Ald	Mld	Mar	Vrg				
6		Jé	Cel	Eto	Ann				
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 42: Representante ideal da Prc-G3

9									
8									
7							Prc	Ofé	Vrg
6							Mld	Jé	
5								Suz	As
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Na representação da situação ideal, a Sra. As, mãe da família, idealizou uma família homogénea colocando-se no interior do quadrante ao lado da filha Suz, seguida pelas netas Prc e Ofé, com as quais está em permanente conflito, e outros membros do sistema familiar, demonstrando a existência de uma coesão alta na família. O propósito desta composição idealizada pela Sra. As é a manifestação de vontade de ver na sua família o desenvolvimento de dinâmica relacional e solidariedade multigeracional positivas. A sua hierarquia classifica-se em 3 pontos, resultados da sobreposição da sua figura acima do bloco de madeira de 4,5cm. (vida quadro 40). Os membros deste sistema familiar reconhecem nela o poder na orientação da família.

A Suz, representante da 2ª geração, na sua representação demonstra um ideal similar ao da mãe ao colocar-se no interior do quadrante junto a ela, seguida por outros membros da família juntos uns dos outros, e alguns fora do quadrante, mas próximos da linha divisória, dando lugar a uma coesão média do sistema familiar. A vontade dela é também de ver na família uma boa dinâmica relacional, associada à solidariedade multigeracional entre os membros do sistema familiar. A sua hierarquia é classificada em 2 pontos, por ter colocado abaixo da sua figura um bloco de 3cm, conforme o quadro 41.

Ainda na representação da situação ideal, a Prc, de 32 anos representante da 3ª geração da família CSS, colocou-se no interior do quadrante ao lado da Ofé, seguida por outras irmãs Vrg, Mld e Jé. Na parte final do quadrante colocou a mãe Suz e a avó As, afastadas dos outros membros do sistema familiar, facto que faz com que a configuração desta tabela confira ao sistema familiar uma coesão média. O comportamento demonstrado pela Prc nesta representação não concorre para harmonia na família, visto que não promove uma dinâmica relacional e

solidariedade entre as diferentes gerações que coabitam na família. A hierarquia da Prc possui uma classificação correspondente à colocação de um bloco de madeira de 4,5cm e outro de 1,5cm que totalizam 4 pontos. Contudo, reconhece o poder da sua avó As, na orientação da família.

b) Representação e avaliação da situação conflituosa

Quadro 43: Representação conflituosa da As-G1

9					Ofe				
8									
7				As	Suz	Mar			
6				Mld	Vrg	Cel			
5				Ser	Eto	Je			
4									
3									
2					Prc				
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 44: Representação conflituosa da Suz-G2

9									
8									
7									
6				Suz	As	Mar			
5				Mld	Se				
4					Prc	Ofe			
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quadro 45: Representação conflituosa da Prc-G3

9									
8									
7									
6		Prc	Ofe	Mar	Je				
5		Vrg	Se	Ann	Eto				
4		Mld		Suz					
3									
2				As					
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Quanto à representação em situação de conflito a As, deixou evidenciado o conflito existente entre ela e suas netas Prc e a Ofé, colocando estas fora do quadrante e distantes dos outros

membros do sistema familiar. Ela colocou-se no interior do quadrante mais perto da sua filha Suz, seguidas pelos netos Mar, Mld, Vrg, Cel, Sér, Eto e Jé, todos juntos, como evidenciado no quadro 43. Este procedimento configura baixa coesão no sistema familiar, facto que pouco contribui para o desenvolvimento da dinâmica e solidariedade intergeracional. A sua hierarquia ficou classificada em 4 pontos pelo facto de ter colocado a sua figura por cima de dois blocos de madeira, sendo um de 4,5cm equivalente a 3 pontos e outro de 1,5 cm de 1 ponto o que significa que detem o poder sobre todos os membros do sistema familiar.

A Suz, representante da 2ª geração, na situação conflituosa, uniu-se à sua mãe As, no interior do quadrante e perto delas colocou as filhas mais novas Mr e Mld e o seu sobrinho Sé. No fundo do quadrante colocou as suas filhas em conflito com a avó, nomeadamente a Prc e a Ofé, demonstrando a solidariedade que tem pela sua mãe, conferido uma coesão média à família. Esta forma de representação seguida pela Suz estabelece harmonia no capítulo da dinâmica e solidariedade intergeracional que pretende que haja neste sistema familiar. A sua hierarquia ficou avaliada em 3 pontos, por ter colocado debaixo da sua figura um bloco de 4,5cm, segundo está representando no quadro 44, demonstrando obediência ao poder da sua mãe sobre a família.

Finalmente, e ainda na representação da situação de conflito a Prc, como representante da 3ª geração da família, volta a evidenciar o conflito que existe entre ela e a avó, ao colocar esta fora do quadrante. No interior do quadrante ela coloca-se novamente junto à sua aliada irmã Ofé lado a lado, seguidas pelos irmãos e primos Mar, Jé, Vrg, Sé, Ann, Eto, Mld, e no final coloca a sua mãe Suz isolada no fundo do quadrante, como forma de retaliar a desaprovação dela, quanto ao comportamento que tem manifestado contra a avó, conferindo à família uma baixa coesão. A sua classificação hierárquica é de 5 pontos, por ter sobreposto a sua figura sobre dois blocos de 4,5cm e de 3cm, os quais são equivalentes a 3 e 2 pontos respectivamente. Mas apesar deste procedimento da Prc, a avó continua sendo a detentora do poder, através do reconhecimento da sua liderança pelos restantes membros do sistema familiar.

4.2.5.3. Níveis de coesão e hierarquia na família C_{ss}

Nas tabelas que seguem consta a avaliação da relação que se estabelece entre a coesão e hierarquia, nas situações típica, ideal e conflituosa na família CSS, no sentido de classificar os níveis de coesão e hierarquia, bem com a identificação da estrutura relacional.

Tabela 13: Resultados do Caso CSS na situação típica

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
As	G1	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Suz	G2	Coesão média Hierarquia baixa	Instável
Prc	G3	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada

A tabela 13 reportando a situação típica, na avaliação da coesão, todas as gerações classificaram-na coesão média, sendo que a hierarquia foi classificada de média pela G1 e G3, e de baixa pela G2, resultando daí uma estrutura relacional equilibrada.

Tabela 14: Resultados do Caso CSS na situação ideal

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
As	G1	Coesão alta Hierarquia média	Equilibrada
Suz	G2	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada
Prc	G3	Coesão média Hierarquia média	Equilibrada

A representação da situação ideal do caso CSS confere uma estrutura relacional totalmente equilibrada, como resultado da avaliação da relação estabelecida entre a coesão e hierarquia. Conforme a tabela 14 acima, a coesão ficou classificada de média/alta e a hierarquia de média.

Tabela 15: Resultados do Caso CSS na situação conflituosa

Repres.	Geração	Coesão/Hierarquia	Estrutura Relacional
As	G1	Coesão baixa Hierarquia média	Instável
Suz	G2	Coesão média Hierarquia baixa	Desequilibrada
Prc	G3	Coesão baixa Hierarquia média	Desequilibrada

Na tabela 15 ficou demonstrado o predomínio da coesão baixa, e a hierarquia tendencialmente média, tendo como resultado uma estrutura relacional desequilibrada.

Na presente avaliação confirma-se a tendência de existência de uma estrutura relacional equilibrada, nas três situações (típica, ideal e conflituosa). Contudo, nota-se uma distribuição equitativa entre a estrutura desequilibrada e Instável. A teoria das relações refere que na dinâmica relacional familiar é preciso ter em conta as mutações que sucedem permanentemente nos seus membros. Sobre este aspecto Boszormenyi-Nagy & Spark (2012), confirmam o facto ao considerarem que a estruturação das relações familiares obedece a um mecanismo extremamente complexo e na essência desconhecido. Esta estruturação não obedece a critérios exactos e depende da iniciativa de cada família, conforme os acontecimentos importantes que nela surgem.

Isso significa que a estrutura relacional aqui apurada pode sofrer alterações em função das dinâmicas relacionais que acontecem permanentemente na família, sobretudo com os valores que representam o alcance das estruturas relacionais desequilibrada e instável. A dinâmica relacional não ocorre fora do indivíduo, porque ele é membro e pertence a um determinado sistema familiar, onde existem outros membros com os quais está unido por determinados laços que lhes identificam, e pertence a uma determinada geração.

4.3. Discussão de resultados

Em termos globais, neste ítem são apresentados de forma integrada, os resultados dos casos estudados. Com objectivo de permitir uma melhor compreensão, serão abordados aspectos comuns e divergentes daquilo que foi constatado ao longo da pesquisa tendo em consideração a análise, consubstanciada pelas contribuições de outros autores referenciados na revisão da literatura, e interpretação do genograma e os resultados de entrevista semiestruturada. Estes instrumentos de pesquisa permitiram recolher dados quanto às práticas ritualistas, a estrutura familiar, as dinâmicas relacionais e a solidariedade existente nas famílias. Acresce-se a estes resultados a apresentação e análise da origem e composição destas famílias.

4.3.1. Práticas ritualistas dos sistemas familiares

Nesta pesquisa procedeu-se ao levantamento dos rituais praticados pelas famílias por considerá-los importantes no entendimento dos processos que ocorrem no interior da família, e compreender “como são construídos os significados e a identidade familiar” (Semblano, 2009, p. 13). Nesse contexto, no que respeita aos rituais praticados registaram-se muitos pontos convergentes, significando que as práticas culturais são similares na maior parte das famílias, sobretudo nas do sul de Moçambique, região de incidência do presente estudo.

Do levantamento feito a partir da aplicação da entrevista verificou-se que as famílias participantes do estudo realizam as seguintes práticas ritualistas: *Timamba ta marilo*, missa em memória dos defuntos da família; *Timamba ta wungoma*, missa de chamamento dos espíritos da família que resulta na possessão pelos espíritos a um ou a mais membros da família; *Kuphalha*, evento dedicado à veneração dos espíritos da família em determinados momentos especiais; Sistema de Charás, que consiste na atribuição do nome de um antepassado da família às crianças ao nascer; *Jejum*, para crentes da religião muçulmana; e *Zihar* cerimónia islâmica de evocação dos defuntos da família; Ritos de iniciação, que consistem na preparação dos jovens para a vida na idade adulta.

Com a excepção da família Hw todas as famílias participantes deste estudo têm como práticas ritualistas comuns *Timamba ta marilo*, *timamba da wungoma*, *Kuphalha* e sistema de charás.

Segundo os interlocutores existe alguma relutância em praticar o ritual *Timamba ta wungoma*, pelo facto de este resultar na possessão de alguns membros do sistema familiar pelos espíritos da família. Quando isso acontece, posteriormente exige um grande trabalho de preparação dos apossados para se tornarem em agentes espirituais da família e, não existe capacidade financeira para o efeito. Outra razão prende-se no facto de muitas famílias não estarem interessadas em envolver seus filhos nessas práticas.

O sistema familiar Hw, praticante da religião muçulmana apresenta um conjunto de práticas ritualistas diferentes na designação e na forma de realização, mas na sua maioria têm o mesmo significado simbólico que as das outras famílias participantes, com a excepção do jejum.

Entretanto, importa ressaltar o termo *mhamba*, definido por Honwana (2002, p. 256), como “um ritual que integra um conjunto de crenças e práticas que junta os membros de uma família ou comunidade para apresentarem os seus respetos aos espíritos ancestrais”. Esta autora qualifica *mhamba* como algo que para os membros da família e da comunidade tem acção e dinamismo, e possui um significado simbólico.

Nos rituais praticados pelas famílias estudadas são indicados vários tipos de *mhamba* e diferem ligeiramente de *kuphalha* visto que este serve de uma forma de comunicação utilizada, e de demonstrar o respeito que a família tem para com os seus antepassados, facto que confere aos membros da família ou comunidade a percepção de estabilidade e de segurança de que precisam (Honwana, 2002).

De acordo com o Sr. Jnh, pai da família Mone, alguns destes rituais são apenas praticados ao nível da família nuclear, como é o caso de *kuphalha*, a atribuição do nome de um determinado antepassado a um recém-nascido “chará”. Ao nível da família alargada, ou com o envolvimento da Igreja Zione da qual a família é crente realizam rituais de grande dimensão. A classificação apresentada por Sr. Jnh é confirmada pela literatura, e enquadra-se na diferenciação estabelecida por Kiser et al., (2005), a qual se refere a rituais designados de celebrações familiares, que são os que apresentam menor envolvimento de pessoas externas à família nuclear e, rituais designados de tradições culturais, nas quais nota-se a maior influência da cultura e implicam o envolvimento da comunidade.

Entretanto, importa referir que devido à influência das confissões religiosas onde as famílias são crentes, as práticas culturais vão se diferenciando na forma como são realizadas. Nesse contexto algumas famílias afirmam que todos os eventos decorrem na base dos preceitos da igreja, mas analisados os actos praticados pode-se concluir que cumprem na íntegra as práticas ritualistas tal como reza a tradição. O que acontece é que alguns entrevistados afirmaram que preferem refugiar-se nas ceitas religiosas para evitarem práticas de feitiçaria. Dando como exemplo, com a insistência do investigador sobre as razões que levam a família a abandonar a tradição, o chefe da família Úque afirmou o seguinte: *“A tradição é complicada e muitas vezes leva a desentendimentos familiares, por exemplo quando for consultar Tinho, podem dizer que quem traz feitiço na tua família é um dos seus familiares, isso resulta em mal entendidos, daí que o nosso refúgio é a Igreja”*.

O Senhor Jnh, pai da família Mone referiu-se também ao envolvimento da Igreja Zione na realização de rituais familiares que exigem um grande envolvimento dos membros da família alargada. Essa tendência confirma também a literatura, em que um dos participantes da pesquisa de Honwana (2002), afirmou que a sua família pertencia à igreja dos Doze Apóstolos e o *mhamba* era presidido pelo pastor da igreja. De acordo com o mesmo informante as igrejas também realizam cerimónias para os antepassados, portanto não são apenas os *tiyangas* que dirigem estes rituais.

4.3.2. Estrutura familiar e dinâmicas relacionais nos sistemas familiares multigeracionais

Todas as famílias participantes da pesquisa apresentam características comuns no que respeita à organização da estrutura familiar, observando o modelo sistémico no seu funcionamento. Sendo multigeracionais, apresentam as três gerações e cada uma reflecte-se nos cinco subsistemas que a constituem, nomeadamente, indivíduo, geração, linhagem, núcleo familiar e composição familiar, conforme as definições de Vicente e Sousa (2007).

Existem, hierarquia e delimitação de fronteiras nos diferentes núcleos familiares que compõem cada família multigeracional estudada. A família Mone tem uma característica particular, ela é poligâmica, pois o Senhor Jnh tem três esposas. Apesar disso, quanto ao seu funcionamento verifica-se a observância dos requisitos do modelo sistémico, diferenciando-se pelo facto de

existir o mesmo chefe de família nos diversos núcleos familiares. Em cada um dos núcleos familiares existe hierarquia e delimitação de fronteiras.

Os genogramas de cada família, elaborados em conjunto durante a aplicação da entrevista semi-estruturada com o representante da família, são representativos de que as famílias são organismos vivos, nas quais se verifica a dinâmica relacional e a solidariedade entre os membros das diferentes gerações do sistema familiar, nas interações que se estabelecem entre eles. Esta constatação confirma o ponto de vista de Wendt e Crepaldi (2007), ao referir que o genograma serve para o mapeamento de padrões de relacionamento entre os membros do sistema familiar, bem como permite identificar dificuldades que possam existir. Observando atentamente os genogramas de todos os sistemas familiares estudados notam-se dinâmicas que testemunham relações conflituosas. É possível verificar em todas as famílias os relacionamentos conflituosos que se registam no contexto intergeracional e nalgum momento, o relacionamento distante regista-se ao nível intra e intergeracional, senão vejamos:

- No sistema familiar Huma a relação conflituosa regista-se entre a Sra. Hm e a 1ª filha Pl, e um relacionamento distante também entre ela e a 2ª filha Sd. Nota-se também um relacionamento distante entre as filhas;
- No sistema familiar Úque regista-se um relacionamento conflituoso entre os avôs, Ec e Ac com a neta Mrt;
- No sistema familiar Hw existe um conflito familiar que envolve os pais Fh e Ij com o filho Hws;
- No sistema familiar Mona verifica-se um conflito intergeracional que opõe o Sr.Jnh à filha Amé.
- No sistema familiar Css ocorre uma situação relacional conflituosa intergeracional entre a Sra. As (1ª geração) que se opõe a duas das suas netas, nomeadamente a Prc e a Ofé (3ª geração).

O quadro da dinâmica relacional descrita acima leva-nos a concluir que no funcionamento destes sistemas familiares contrariam o dito por Martins et al., (2008) segundo o qual as relações humanas resultam de um contrabalanço de duas forças presentes nas nossas vidas, que são a individualidade e irmandade que nos unem.

Contudo, constatou-se que a estrutura relacional de cada uma das famílias participantes tem como base da sua existência o modelo sistémico estrutural segundo o qual a família é considerada como um sistema aberto, onde se registam movimentos de seus membros dentro e fora, permitindo o estabelecimento de uma interacção entre eles e com sistemas extrafamiliares, tais como o meio ambiente e a comunidade (Calil, 1987). Este modelo defende que a família funciona como um sistema total em que o comportamento de um membro do sistema influencia os restantes, destacando assim, a ideia da globalidade e de retroalimentação.

A estrutura relacional identificada nas famílias estudadas, deu mostras da sua integridade ao constatar-se a manifestação das dinâmicas familiares através da realização de rituais diversos, que permitem colocar os seus membros em constante interacção. Regista-se também nestas famílias a solidariedade intergeracional que se manifesta através da reciprocidade das relações aplicada entre as diferentes gerações da família, facto que confirma que “as trocas intergeracionais são benéficas para os idosos, sendo necessário que eles também possam contribuir na relação, atingindo o sentido da reciprocidade” (Carneiro, 2015, p. 93).

Na teoria das relações afirma-se que na dinâmica familiar é preciso considerar a frequência da sua mutabilidade, requerendo por isso uma monitoria permanente de todos os membros do sistema familiar. A afirmação acima permite entender que a estrutura relacional da família requer dos seus membros um processo de equilíbrio permanente. Isso demonstra que existem desafios permanentes que permeiam a convivência entre as gerações, que segundo Swartz (2009), podem ser mudanças demográficas e a instabilidade conjugal como as duas grandes forças responsáveis pelas mudanças que se registam nas relações intergeracionais.

4.3.3. Descrição das famílias estudadas

As cinco famílias participantes no estudo são todas residentes nos bairros periféricos da cidade de Matola e no geral vivem em condições habitacionais de baixo nível e em zonas de salubridade precárias. O conjunto das famílias totaliza 120 indivíduos, sendo que a família mais pequena tinha 17 membros e a mais numerosa 36. Em termos etários, na altura da recolha de dados

(Janeiro a Fevereiro de 2015), as idades situavam-se no intervalo de 1 a 78 anos, sendo a pessoa mais velha da amostra a Sra. As, chefe da família Css, que por sinal é a família que possui menor número de membros no seu sistema familiar (17), contudo, nela convivem quatro gerações, mas que por força dos critérios de inclusão a 4ª geração foi excluída. É de acrescentar que o número mínimo e máximo de pessoas que vivem juntas em cada um dos sistemas familiares está entre 4 a 8 pessoas. A família Css é proveniente da província do Maputo, família Huma, Úque e Mona, são originárias da província de Gaza e finalmente a família Hw é da província de Cabo Delgado.

4.3.4. Resultados do FAST

Neste ítem procede-se à discussão sistematizada dos resultados provenientes da aplicação do FAST, com a finalidade de avaliar os níveis de coesão e hierarquia às cinco famílias submetidas na presente pesquisa, tendo em consideração as situações típicas, ideal e conflituosa. A coesão pretende medir o nível de relações existentes entre os membros do sistema familiar em avaliação, e a hierarquia tem como objectivo identificar os membros do sistema familiar que detêm o poder. A conjugação destas duas variáveis (coesão e hierarquia), segundo o modelo de Gehring e Mart (1993), resulta na definição da estrutura relacional vigente no sistema familiar em análise (vide o gráfico 6). A seguir apresentam-se os resultados de aplicação do FAST, das famílias Huma, Úque, Hw, Mona e Css:

1. No sistema familiar Huma a avaliação aos níveis de coesão e hierarquia oscila entre a baixa e média nas situações típica, ideal e conflituosa, configurando uma estrutura relacional equilibrada, confirmado o dito por Gehring e Marti (1993) de que ao estabelecerem a relação entre as variáveis coesão e hierarquia, vamos obter a classificação da estrutura relacional;
2. No sistema familiar Úque, na avaliação das variáveis coesão e hierarquia constatou-se que, na maior parte dos casos coincidem nos extremos, ou seja, alta-alta; baixa-baixa; ou alta-baixa; baixa-alta, nas três situações (típica, ideal e conflituosa). Este cenário resulta numa estrutura relacional desequilibrada. Em casos destes Káppler (2002), afirma que numa conjugação de extremos (alta coesão e baixa hierarquia) a estrutura relacional da família é maléfica. No caso em análise os resultados obtidos corroboram com a afirmação do autor referenciado;

3. No sistema familiar Fw a performance dos níveis de coesão e hierarquia variam de média-alta na situação típica; na situação ideal a coesão varia de baixa-média-alta, enquanto a hierarquia apresenta uma variação média alta; e, na situação conflituosa registam-se coesão de nível baixo e a hierarquia média. Este comportamento determinou a classificação da estrutura relacional deste sistema familiar como equilibrada, de acordo com o modelo de Gehring (1993);
4. No sistema familiar Mone verifica-se nas três situações (típica, ideal e conflituosa) a variação dos níveis de coesão e hierarquia entre média-alta e média-baixa, e a hierarquia situa-se nos níveis média, média-baixa, média-baixa. Este resultado das variáveis coesão e hierarquia abre espaço para o predomínio da estrutura relacional equilibrada nesta família. O nível de classificação da estrutura relacional deste sistema familiar demonstra a capacidade que os seus membros têm de separar seu funcionamento intelectual e emocional do da sua família (Bowen,1961);
5. A classificação da estrutura relacional do sistema familiar Css é equilibrada, resultante da coesão média, média-alta e baixa, e hierarquia média nas três situações (típica, ideal e conflituosa). Apesar da estrutura equilibrada atribuída na classificação da família Css é preciso considerar a afirmação de Boszormenyi-Nagy e Spark (2012) em que na dinâmica relacional familiar sucedem mutações permanentes entre os seus membros que é preciso ter em conta.

4.4. Síntese do capítulo 4

A presente síntese reporta o que foi tratado no capítulo 4 no qual foi feita a apresentação e discussão dos resultados da pesquisa de campo. Este capítulo em síntese incorpora e analisa o genograma de cada família estudada, quanto à sua origem e composição da estrutura familiar. Com o envolvimento dos membros de cada sistema familiar (três representantes de cada família, sendo um de cada geração), foi aplicado o FAST através do qual foram obtidos dados que permitiram proceder à avaliação da coesão e classificação das hierarquias existentes em cada família. Com esses dados foram construídas tabelas demonstrativas da situação típica, ideal e conflituosa que se regista em cada sistema familiar. Os dados resultantes possibilitaram ao

investigador proceder à avaliação da estrutura relacional, que é a base de análise das dinâmicas relacionais e da solidariedade que acontecem nas famílias. Finalmente foi feita a discussão de resultados da pesquisa contemplando a descrição das famílias estudadas quanto à sua origem e composição, análise dos resultados da entrevista na componente práticas ritualistas e dinâmicas relacionais dos sistemas familiares abrangidos pela pesquisa e, termina com a avaliação e discussão dos resultados do FAST.

CAPÍTULO 5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5.1.Introdução

O capítulo das conclusões é onde reside a sùmula da reflexão obtida ao longo da presente pesquisa, onde o investigador se propõe trazer as conclusões a que chegou, sobre o estudo efectuado à luz dos objectivos que nortearam esta pesquisa.

O objectivo geral definido para a presente pesquisa foi conhecer a dinâmica e a solidariedade intergeracional para melhor ajudar os sistemas familiares a encontrar o seu equilíbrio funcional.

Os objectivos específicos foram:

- a) Identificar os rituais que constituem motivo de celebração nas famílias participantes do estudo;
- b) Indicar os factores intervenientes na dinâmica relacional, que influenciam a solidariedade no sistema familiar multigeracional;
- c) Relacionar o papel das práticas ritualistas no desenvolvimento da dinâmica e solidariedade intergeracional;
- d) Propôr forma de intervenção para o fortalecimento das interacções entre os membros das diferentes gerações.

A inspiração do tema de pesquisa surgiu a partir da observação do fenómeno que está a acontecer em muitas famílias do mundo contemporâneo, particularmente aquelas moçambicanas, caracterizadas por uma rotura intergeracional. Do ponto de vista ético, é urgente e imperioso que haja pessoas colectivas e singulares, famílias, comunidades e instituições que assumam a responsabilidade de tutelar o património cultural constituído por valores de convivência entre diferentes gerações, e transmiti-los às jovens gerações, pois nelas está o porquê da nossa existência.

5.2. Conclusões

As relações multigeracionais podem ser estabelecidas em vários contextos onde ocorre a convivência entre pessoas de diferentes gerações, podendo ser no local de trabalho, nas comunidades, nas escolas, nas instituições religiosas, mas sobretudo nas famílias.

Com base nesta pesquisa, conseguimos abordar a questão das relações ao nível de famílias multigeracionais com três gerações vivas, conhecer a sua dinâmica e a solidariedade intergeracional que existe.

Terminado este percurso, o pesquisador constatou por um lado que o estudo ajudou a colher os aspectos essenciais que dizem respeito ao processo de interação entre os membros do sistema familiar ao nível das três gerações, à hierarquia e ao suporte afectivo nas suas relações, às práticas ritualistas, à dinâmica e solidariedade intergeracional, que congregam os sistemas. Por outro lado, a pesquisa permitiu perceber momentos de tensão e de conflito pelos quais as famílias em estudo passam, na busca do seu equilíbrio e perpetuação dos elos de ligação entre as gerações. O que foi dito acima testemunha que as perguntas de pesquisa, que serviram de farol para o desenvolvimento desta pesquisa foram respondidas conforme se pode ler a seguir:

Pergunta 1: Que rituais constituem motivos de celebração nas famílias participantes do estudo?

Registam-se práticas ritualistas nas famílias multigeracionais que constituem motivos de celebração. Na presente pesquisa foram identificados os rituais que a seguir se indicam:

- a) *Timhamba ta marilo*, missa em memória dos defuntos da família;
- b) *Timhamba ta wungoma*, missa de chamamento aos espíritos da família, que resulta na possessão de um ou mais membros da família, pelos espíritos;
- c) *Kuphalha*, evento dedicado à veneração dos espíritos da família em determinados momentos especiais;
- d) *Sistema de Charás*, que consiste na atribuição do nome de um antepassado da família às crianças ao nascer;
- e) *Rito de iniciação, utilizados como meio de preparação dos jovens para a vida adulta*;
- f) Celebração do Ramadan, que inclui a prática de jejum durante 30 dias;
- g) Celebração do Zihart, festa da família incluindo os mortos.

Pergunta 2: Quais são os factores que intervêm na dinâmica relacional e que influenciam a solidariedade no sistema familiar multigeracional?

As práticas ritualistas constituem factores importantes que impulsionam a dinâmica relacional, a solidariedade multigeracional e interacção entre os membros dos sistemas familiares estudados pelos significados simbólicos que representam para eles. Nos casos estudados as práticas ritualistas demonstraram que para além de serem factores impulsionadores da dinâmica relacional, cumprem o papel de manutenção de uma comunicação simbólica que afirma a identidade da família, conferindo um sentido de pertença aos membros do sistema familiar.

Pergunta 3: Qual é o papel das práticas ritualistas no desenvolvimento da dinâmica relacional e solidariedade em famílias multigeracionais?

As práticas ritualistas desempenham um importante papel na promoção do desenvolvimento do clima relacional intergeracional entre os membros do sistema familiar, mantendo os vínculos com os antepassados. É exemplo disso a prática do ritual Sistema de Charás, que pela sua contribuição no conhecimento e disseminação dos nomes dos antepassados da família, permite a identificação das relações familiares a partir dos nomes, pelo facto de terem pertencido a um antepassado comum.

Pergunta 4: Que formas de intervenção podem contribuir para o fortalecimento das interacções entre membros da família multigeracional?

A manutenção da interacção entre os membros do sistema familiar multigeracional exige uma grande atenção, particularmente da geração dos mais velhos. Estes têm a responsabilidade de desempenhar as três funções necessárias numa família multigeracional, que segundo Vicente e Sousa (2010), resumem-se na transmissão de saberes sobre a cultura e valores da família aos mais novos, manter ligados os subsistemas da família através do estabelecimento da comunicação entre os membros do sistema familiar e prestar apoio às jovens gerações. As formas de intervenção a adoptar dependem muito da organização de cada sistema familiar e o nível de coesão e hierarquia definidas. Entretanto, em qualquer situação que seja o processo requer comunicação e colaboração entre os membros, partindo de acções simples como a

celebração de aniversários, a prática de reuniões familiares (família alargada) vulgo “Xitique” e outros eventos, onde pederão ser abordados temas sobre a história da família e outros.

Esta pesquisa identificou mais aspectos que constituem conclusões que de forma sequenciada o investigador apresenta-os a seguir:

A presença de conflitos, de rotura dos laços de proximidade verificados ao nível das três gerações dos sistemas familiares estudados, mostra a importância e a necessidade de as famílias se adaptarem às novas formas de ser e de estar social, pois a multigeracionalidade é um grande desafio devido aos factores sóciodemográficos tais como: transformações sociais, movimento migratório devido a guerras ou seca e outras calamidades naturais, diminuição da taxa de natalidade e aumento da longevidade.

As famílias multigeracionais moçambicanas possuem uma estrutura familiar organizada segundo o modelo sistémico, incluindo famílias poligâmicas. São compostas de diferentes subsistemas, nomeadamente subsistema indivíduo, subsistema conjugal, subsistema filial, onde se encontram definidos os tipos de interacção e relação que contribuem na hierarquização e coesão do sistema familiar. Esta forma de organização social da família permite o estabelecimento das dinâmicas e interacções familiares entre os membros das diferentes gerações da família. A prática do ritual *timhamba ta wungoma* deixou de ser frequente, tal como disseram alguns entrevistados, que nos dias de hoje não é praticável porque para além de evocação dos espíritos, desperta-se nestes a possessão de alguns membros do sistema familiar. Quando isso acontece deve se dispender valor monetário significativo para tornar o apossado num novo agente espiritual.

Foi notório em grande parte dos sistemas familiares participantes neste estudo, a dualidade de crenças, consistindo na realização de práticas ritualistas tradicionais e em simultâneo ser crente de uma determinada confissão religiosa. Este facto já havia sido constatado no estudo de Honwana (2002) em que um dos seus informantes declarou que usa a igreja para realizar ritual de *timhamba*.

Sobre a solidariedade intergeracional, nos contactos estabelecidos durante as entrevistas, concluíu-se que a sua efectivação, na maioria dos casos, se limitava ao convívio familiar nos

momentos da realização de práticas ritualistas. Entretanto, nota-se que muitas pessoas idosas vivem sozinhas e são carentes de meios materiais, necessitando de apoio solidário de familiares ou da comunidade, facto que não acontece em muitas famílias devido à situação de pobreza em que estas vivem.

Das cinco famílias estudadas, em quatro delas predomina estrutura relacional equilibrada. Nas famílias que possuem este tipo de estrutura relacional, pressupõe-se que exista a capacidade de resiliência e a existência de um ambiente que favoreça a interacção e a dinâmica entre os membros do sistema familiar, que contribuem no estabelecimento da solidariedade intergeracional.

A aplicação do teste FAST para avaliação das variáveis coesão e hierarquia permitiu ver objectivamente que há dificuldades na interacção entre as três gerações do sistema o que fragiliza a sua proximidade e a solidariedade, sobretudo entre a 1ª e 2ª geração em alguns casos, e entre a 1ª e 3ª geração em outros casos. A razão desta dificuldade de convivência multigeracional nas famílias estudadas hoje, segundo os nossos entrevistados, está no facto da perda de valores e a influência das mudanças sociais. Os resultados de aplicação do FAST quanto à avaliação da variável hierarquia, permitiram perceber que os membros mais velhos continuam a ter poder na liderança dos sistemas familiares, o que muitas vezes causa conflito entre as velhas e as novas gerações, com repercussões na coesão do sistema familiar pelo facto das fronteiras serem rígidas. À luz dos resultados obtidos, o pesquisador achou pertinente fazer recomendações ao nível da família e da comunidade e à comunidade académica.

5.3. Recomendações

Para consubstanciar este tópico recorreremos à célebre frase de Berkeley, citada por Calil (1987, p. 50) que afirma “primeiramente nós levantamos a poeira e, então, reclamamos que não conseguimos ver”. Neste sentido, o autor da presente pesquisa foi ousado ao tomar a iniciativa de levantar a questão em análise, mas pela sua amplitude e atendendo a multiculturalidade que o país apresenta, convida a outros pesquisadores para dar a sua contribuição para o enriquecimento do intercâmbio cultural e para a inovação da ciência. À luz dos resultados obtidos, as nossas

recomendações são endereçados à família e à comunidade em geral e, à comunidade académica em particular.

5.3.1. À família e à comunidade em geral recomenda-se:

- a) Ajudar as famílias a criar aproximação e desenvolver fortes laços, diálogo e comunicação eficientes entre pais e filhos, avós e netos, através de palestras e encontros formativos;
- b) Proporcionar às famílias momentos de reflexão e debate sobre os benefícios da prática de rituais familiares;
- c) Incentivar as famílias a organizar e realizar de forma aberta, as cerimónias tradicionais e rituais familiares, como mecanismo de manter o seu património cultural, constituído por valores, crenças, princípios, regras e tradições da família;
- d) As entidades de assistência social devem desenvolver programas de intervenção de modo a ajudar as famílias a construirem relações positivas na interacção ao nível da 1ª, 2ª e 3ª geração, por forma a manter a dinâmica relacional e solidariedade intergeracional;
- e) Deve-se criar condições para debate, a nível das comunidades, de temas relacionados com a família, cultura, crenças, valores e princípios éticos que orientam a conduta humana.

5.3.2. À comunidade académica sugere-se o seguinte:

- a) Como forma de aprofundar o presente estudo recomenda-se aos investigadores que realizem mais pesquisas sobre as relações interpessoais nas famílias moçambicanas ao nível das gerações existentes, tendo como foco de atenção os rituais familiares, a dinâmica intergeracional e a solidariedade nos sistemas familiares;
- b) Às associações de psicólogos e terapeutas recomenda-se que desenvolvam programas de assistência e apoio às comunidades e famílias, cujos conteúdos priorizem trabalhos com sistemas familiares, por forma a permitir:
 - A identificação de estratégias de intervenção que ajudem os sistemas e subsistemas familiares a serem funcionais através de maior abertura e flexibilidade das suas fronteiras;

- A intervenção na resolução de conflitos familiares que levam à separação, divórcio, violência intrafamiliar e a desunião dos seus membros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (2014, Abril 01). Estigmatização de idosos preocupa Ação Social. *Notícias*
- Balegamire, J.B. (s.d.). Conciliar as crenças psicológicas ocidentais com as africanas no processo de construção e reconhecimento da identidade. *FACED. UEM*.
- Bengtson, V.L. Lowenstein, A., Putney, N.M. & Gans, D.(2003). *Global aging and challenges to families*. New York.Walter de Gruyter.
- Bermúdez, C. & Brik, E. (2010). *Terapia familiar sistémica: Aspectos teóricos y aplicación práctica*. Editora Sítesis.
- Boszormenyi, I. & Spark, G. M. (2012). *Lealtades Invisíveis: Reciprocidade en terapia familiar intergeracional*,(2ª edição). Buenos Aires: Amorrortu.
- Bourdieu, P. (1993). À propôs de la famille comme catégorie réalisée, in Actes de la recherche en sciences sociales, 100,32-36. Disponível em <http://www.persee.fr/wrb/revués/home/prescript/arti>. Acessado em 03/09/15,
- Bowen, M. (1961). The family as a unit of study and treatment. *Am. J. Orthopsychiatry*, 31, 40-60.
- Bowen, M. (1966). The use of family theory in clinical practice, *Compr. Psychiatry*,7, 345-74.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: Jason Aronson.
- Bray, J.H., Harvey, D.M. & Williamson, D.S. (1987). Intergenerational family relationships: An evaluation of theory and measurement. *Psychotherapy*, 24, 516-528.
- Brito da Motta, A. (2010). A família multigeracional e seus personagens. *Educ. Soc.*, 31, (111), 435-458.
- Calil, V. L. L. (1987). *Terapia Familiar e de Casal*. (8ª edição). São Paulo: summus editorial.
- Carneiro, T. F. (2015). *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Prospectiva.
- Carneiro, T. F.(2015).Terapia familiar: *Das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques*. Disponível em <http://dx.doi.org/101590/s1414-98931996000100007>, cessado a 23 de Março de 2015.
- Cortêz, G. M. & Sousa, A. P. (2012). Intergeneracionalidade:Que Futuro? *VII Congresso Português de Sociologia. Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Faculdade de psicologia e Ciências da Educação*, Disponível em www.aps.pt/vii-Congresso/papers/finais/PAPOS acessado a 15 de Junho de 2015 ?

- Costa, R. (2014). Rituais familiares: práticas e representações sociais na construção da família contemporânea. *Sociologia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. XXVIII, 81-102.
- Couto, M.C.P.P. et al (2009). Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro-Ageismo. *Psicologia Teoria e pesquisa*, 25(4),145-157.
- De Antoni, C. (2005). *Coesão e Hierarquia em famílias com história de abusos físico*. Tese de Doutor em Psicologia. Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/6137>, acessado no dia 19/05/2015.
- De Asúa Altuna, R. R.(1974). *Cultura Banto e Cristianismo*. Luanda: Edições Âncora.
- Dicionário da língua portuguesa (2008). Porto: Porto Editora.
- Dicionário Integral- língua portuguesa (1996). Alfragilde:Texto Editores, Lda.
- Fiese, B. Baker, T. Douglas, M. Josephs, K. Poltrock, S. & Tomcho, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: cause for celebration? *Journal of family Psychology*. 16(4), 381 – 390.
- Gehring, T. M. (1998). *Family System Test–FAST, Manual*. Göttingen: Editora Hogrefe&Huber.
- Gil, A.C. (1999) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (5ª ed.) São Paulo: Atlas.
- Gil, A.C. (2002). *Como elaborar projectos de pesquisa*. (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Gillis, J. R. (1996). A World of their Own Making. Myth, Ritual, and de Quest for family Values. *Cambridge, Haward University Press*. disponível em <http://jah.oxfordjournals.org/content/84/309.1.extra>. Acessado em 03/09/15
- Hank, K.(2006). Proximity and contacts between older parents and their children. *Comunicação apresentada na European Population Conference*. Liverpool.
- Harvey, D.M., Curry, C.J. & Bray, J.H.(1991). Individuation and intimacy in intergenerational relationships and health: Patterns across two generations. *Journal of FamilyPsychology*,5, 204-236.
- Honwana, A. M. (2002). *Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessões de Espíritos e Reintegração Social Pós-guerra no Sul de Moçambique*.Maputo: Promédia.
- INE (2016) Disponível em <http://o país.sapo.mz/index.ppp/sociedade/45.sociedade>.Acessado em 16 de Fevereiro de 2016.
- Jacob, L. (2007). As Relações Intergeracionais. Disponível em <http://www.socialgest.pt/ dldsAPintergercoes.pdf> Acessado em 17 de Junho de 2015.

- Junod, H. A. (1996). *Usos e Costumes dos Bantos (Tomo I: Vida Social)*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique
- Käppler, C. (2002). Diagnóstico das relações familiares. *Palestra proferida na Faculdade de Medicina – UFRGS*, Porto Alegre, RS.
- Landwerlin, G. M. (1999). Cambio familiar Y solidaridad familiar en España. *Revista del Ministerio de Trabajo Y Asuntos Sociales*, 26, 129 – 154.
- Lawson, D.M. & Brossart, D. F. (2001) Intergenerational Transmission: Individuation and Intimacy Across Three Generations. *Family Process*, 40(4).
- Lévi-Strauss, C. (1982). *As estruturas elementares do parentesco*. Coleção Antropologia, 9. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2009). *Técnicas de Pesquisa: planejamento execução de pesquisa, amostragem e técnicas de pesquisa (7ª ed.)*. São Paulo: Atlas.
- Martins, E. M. A.; Rabinovich, E. P. & Silva, C. N. (2008). Família e processo de diferenciação na perspectiva de Murray Bowen: Um estudo de caso. *Psicologia USP*, São Paulo, 181-197. Disponível em http://www.scielo.php?pid=S0103-65642008000200005&script=sci_arttext
- Menezes, I. (2007). *Intervenção Comunitária: Uma Perspectiva psicológica*. Porto: Livpsic.
- Meske, C., Sanders, G.F., Meredith, W.H. & Abbott, D.A. (1994). Perceptions of rituals and traditions among elderly persons. *Adaptation and Aging: The Journal of Activities Management*, 18, (2), 13-26. Disponível em <http://scholar.google.com.br/scholar/hl=pt-BR&q=p1> Acessado em 11/08/2015
- Michel, M. H. (2005). *Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas
- Minuchin, S. (1990). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S. Wai-yung, L. Simon, G. M. (2008). *Dominando a Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artmed
- Oliveira, M.K. (2008). Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 211-229 São Paulo. Disponível em <http://dx.doi.org/101590/s1517-97022004000200002> acessado a 23 de Março de 2015.
- Osório, C. (2013). Identidades de género e identidades sexuais nos ritos de iniciação no Centro e Norte de Moçambique. *Outras Vozes*, 43-44. WLSA
- Peixoto, F. J. B. (2003). Auto-estima, autoconceito e dinâmicas relacionais em contexto escolar. Braga. Disponível em <http://repositório.ispa.pt/handle/10400.12/48>.

- Semblano, C. R. N. (2009). *Rituais Familiares e Saúde Mental: comparação do grau de ritualização em amostras de famílias clínicas e não clínicas*. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/868> Acessado em 10/08/15.
- Silva d'Alencar, R. (2012). (RE) significando a solidariedade na velhice: para além de laços consanguíneos. *Maringá*,34 (1), 9-17. Disponível em <http://www.uem.br/acta>
- Swartz, T. T. Intergerational Family Relations in Adulthood: Pattenrns, Variations and Implications in the Conteporary United States. *Annual Review of Sociology*,35, 191-212.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2007). Família multigeracional: Estruturas típicas. Contributo para a avaliação do sistema familiar. *PSYCHOLOGICA*,46, 143 – 166.
- Vicente, H. T. & Sousa, L. (2010). Funções da família multigeracional: Contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *PSYCHOLOGICA*,53, 157 – 181.
- Vicente, H. T. (2010). *Família multigeracional e relações intergeracionais: Perspectiva sistémica*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Wendt, N.C. & Crepaldi, M. A. (2007). A utilização do Genograma como Instrumento de Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-3010.
- Yin, R.K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ª ed). Porto Alegre. Bookman.

ANEXOS

ANEXO A: Entrevista Semi - estruturada

Data da entrevista ___/___/_____

Dados do entrevistado	Dados sobre a família
Idade:	Nome da Família
Estado Civil	Origem da Família
Ocupação	Forma de Evocação
	Residência da Família

Fonte: Autor da pesquisa

Questões de entrevista

PARTE I – História da família

1. Qual é a história da sua família desde a sua origem até à fase actual? Refira aspectos específicos que diferenciam a sua família das outras.
2. Quais são os eventos que se realizam na família que em geral, juntam os membros de todas as gerações existentes? Mencione-os na ordem do seu grau de importância e significado para a família.
3. Qual é o seu papel na organização e realização dos eventos de família? Como é feita a preparação dos eventos e quem são os membros da família que tomam parte (dos vivos e os antepassados)?
4. Quem “fala” com os antepassados na cerimónia de KUPHALHA em representação da família?
5. Quais são os aspectos culturais considerados de maior relevo na sua família (cerimónias tradicionais e/ou religiosas)?
6. Quando realizam os eventos familiares, quais são os nomes dos antepassados mais referenciados?

PARTE II – Relações familiares

7. Qual é o papel dos mais velhos numa família multigeracional?
8. Como analisa o papel das novas gerações na família e, qual é o contributo que dão na manutenção da harmonia familiar?
7. O que julga que deve ser feito para melhorar a relação familiar entre as diferentes gerações da família?
8. Como as gerações jovens olham para os mais velhos? Que lugar lhe é reservado pelos mais jovens?
9. Como é que as diferentes gerações interagem e se relacionam, mantendo um ambiente familiar saudável?

ANEXO B: Teste FAST

Número: _____

Teste de: Pai / Mãe / Filho

Data: _____

Representação Típica

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Representação Ideal

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Representação Conflituosa

9									
8									
7									
6									
5									
4									
3									
2									
1									

	P	M	C1	C2	C3			
Figur. Usadas								
Perspectivas de								
Nomes								
Altura								

Obs: _____

	P	M	C1	C2	C3		
Altura							

Obs: _____

	P	M	C1	C2	C3		
Altura							

Obs: _____



Fig. 1: Ilustração do FAST (Teste do Sistema Familiar)
Fonte: Ghering (1998)

ANEXO C: Folha de Informação ao Participante

Título e investigadores principais: A presente pesquisa intitulada “Estudo da dinâmica e da solidadiedade intergeracional em famílias moçambicanas com pelo menos três gerações”, está sendo realizada por Rui Manuel Adriano dos Santos Mbatsana, na qualidade de pesquisador e mestrando do curso de Terapia Familiar e Comunitária, pela Universidade Eduardo Mondlane e tem como orientadoras a Profa. Dra. Bernardette Tesoura e a dra. Lénia Mapelane.

Justificação da realização do estudo: Esta pesquisa justifica-se por considerarmos que nos dias de hoje é uma realidade a coexistência de mais de três gerações numa família, facto que segundo Vicente (2010:19), é “devido a um conjunto de alterações sociais, familiares e demográficos, principalmente a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da longevidade”.

No contexto moçambicano este fenómeno tem se evidenciado pela falta de solidadiedade na convivência entre as diferentes gerações do sistema familiar.

Objectivos do estudo: Face aos aspectos referidos acima definiu-se como objetivo primário do presente estudo “conhecer a dinâmica relacional para perceber como acontece a solidadiedade intergeracional em famílias multigeracionais moçambicanas”, e para a operacionalização deste objectivo foram identificados os seguintes objectivos específicos:

- a) Identificar e analisar os rituais cotidianos de interacção que constituem motivo de celebração na família;
- b) Definir as funções dos membros da família multigeracional moçambicana que possam garantir uma interacção e solidadiedade intergeracional positiva no sistema familiar;
- c) Sugerir estratégias de intervenção mais adequadas que permitam uma comunicação e relação interpessoal mais positiva e eficaz ao nível das três gerações;
- d) Ver quais factores intervenientes na dinâmica relacional, influenciam a solidadiedade intergeracional do sistema familiar;

e) Verificar quais elementos básicos comuns que podem tornar a solidariedade intergeracional numa realidade objectiva;

f) Identificar as reais dificuldades que o sistema familiar intergeracional enfrenta.

População do estudo: Para a realização do presente estudo é definida como população alvo as famílias com mínimo de três gerações residentes nas comunidades e bairros já mencionados na introdução do presente documento que obedecerá os critérios de inclusão e exclusão.

Você representa a sua família, a qual foi seleccionada por reunir critérios de inclusão, ou seja, por ser enquadrável nos propósitos da presente pesquisa. Entretanto, você está livre de aceitar ou não participar da pesquisa, cabendo a si a decisão de participar.

Os procedimentos de participar no estudo consistem em: participar de duas entrevistas, com a duração máxima de duas horas, na qual serão abordados assuntos relacionados com a história e vida da sua família ao longo das três gerações. Para facilitar a recolha e análise fiel dos seus depoimentos, a entrevista será gravada, e serão feitas fotografias de imagens ilustrativas do trabalho realizado.

Para o efeito serão aplicados alguns instrumentos de pesquisa, tais como o guião de entrevista, o genograma para análise das diferentes gerações da família e o FAST, que permite estudar a hierarquia e a coesão da família.

Para esta pesquisa será seleccionada uma amostra de cinco famílias multigeracionais com pelo menos três gerações, das quais será escolhida uma para um estudo mais aprofundado, com a qual será estabelecido um período mais alargado.

Riscos e benefícios: A sua participação na presente pesquisa, à partida não acarreta riscos nenhum, podendo acontecer ao longo do trabalho alguma incompreensão no diálogo com a equipa de investigadores, facto que pode criar em si algo desconfortável. Se assim acontecer e achar que não está em condições de continuar, está livre de decidir pela interrupção da sua participação.

Os benefícios do presente estudo são bastante importantes para a sociedade na qual a sua família faz parte. Portanto, a sua participação em representação da família será uma grande contribuição na coexistência pacífica das diferentes gerações das famílias moçambicanas.

Confidencialidade: É um dos valores que caracteriza este tipo de estudos, ou seja, eticamente os pesquisadores obrigam-se a serem melhores guardiões de sigilo da identidade dos participantes na pesquisa, preservando dessa forma a dignidade e respeito por eles.

Voluntariedade: A participação é voluntária, portanto, o participante está livre de aceitar ou não no presente estudo. Pelo que mesmo depois de ter aceite e iniciado a sua participação, caso no decurso do estudo achar inconveniente continuar, poderá se retirar e não vai sofrer nenhuma penalidade por isso.

Como contactar os investigadores em caso de dúvida: Para contactar o pesquisador Rui Mbatsana poderá usar 82 ou 84. 2222070 e o E-mail: rui.mbatsana@petromoc.co.mz; para as orientadoras, Profa. Dra. Bernardette Tesoura, 82. 7762070.

Receberá uma cópia do presente documento por forma a estar esclarecido do decurso da pesquisa, e quando precisar de alguma informação relacionada com a pesquisa, poderá utilizar os contactos acima indicados.

ANEXO D: Declaração do Consentimento da Participação

Eu, -----, abaixo assinado, declaro que me comprometo a participar do estudo cujo título é “Estudo da dinâmica e da solidariedade intergeracional em famílias moçambicanas com pelo menos três gerações”, como sujeito. Declaro também que fui explicado sobre os procedimentos do estudo e como deverá ser feita a minha participação, informações que contribuíram para minha ponderação e posterior decisão em integrar o presente estudo.

Foram também explicados os objectivos, os riscos e benefícios, voluntariedade da minha participação e foram-me dadas garantias de confidencialidade que obriga o pesquisador a manter sigilo sobre a minha identidade. Assim, declaro que concordo voluntariamente em participar deste estudo, contudo, salvaguardando a possibilidade de retirar o meu consentimento a qualquer altura, antes, ou durante o mesmo, sem penalidades.

Maputo, aos 04 de Julho de 2014

.....

ANEXO E: Parecer do Comité Institucional da Bioética em Saúde



Comité Institucional de Bioética em Saúde
da Faculdade de Medicina/Hospital Central
de Maputo (CIBS FM&HCM)



O Dr .Jahit Sacarlal, Presidente do Comité Institucional de Bioética em Saúde da Faculdade de
Medicina/Hospital Central de Maputo (CIBS FM&HCM)

CERTIFICA

Que este Comité avaliou a proposta do (s) Investigador (es) Principal (is):

Nome (s): RUI MANUEL ADRAINO DOS SANTOS MBATSANA

Protocolo de investigação: versão de Novembro de 2014

Consentimento informado: versão de Novembro de 2014

Guião de entrevistas: versão de Novembro de 2014

Do estudo:

TÍTULO: "Estudo da dinâmica e da solidariedade intergeracional em famílias Moçambicanas com pelo menos três gerações"

E faz constar que:

1ª Após revisão das respostas dos investigadores das recomendações feitas no dia 04 de Setembro de 2014 pela Comité, e que foi incluída na acta 09/2014 o CIBS FM&HCM, emite este informe notando que não há nenhuma inconveniência de ordem ética que impeça o início do estudo.

2ª Que a revisão se realizou de acordo com o Regulamento do Comité Institucional da FM&HCM – emenda 2 de 28 de Julho de 2014.

3ª Que o protocolo está registado com o número CIBS FM&HCM/71/2014.

4ª Que a composição actual do CIBS FM&HCM está disponível na secretária do Comité.

5ª Que não existiu nenhum conflito de interesse registado pelos membros do CIBS FM&HCM.

6ª O CIBS FM&HCM faz notar que a aprovação ética não substitui a aprovação científica nem a autorização administrativa.

7ª A aprovação tem validade de 1 ano e termina a 14 de Novembro de 2015. Um mês antes dessa data o Investigador deve enviar um pedido de renovação se necessitar.

8ª Recomenda aos investigadores que mantenham o CIBS informado do decurso do estudo no mínimo uma vez ao ano.

9ª Solicitamos aos investigadores que enviem no final de estudo um relatório dos resultados obtidos.

E emite

RESULTADO: APROVADO

Assinado em Maputo aos 15 de Novembro de 2014

